

Thaís de Mattos Albieri

LOBATO: A CULTURA GRAMATICAL EM *EMÍLIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Teoria e História Literária, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teoria e História Literária.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Marisa Philbert Lajolo.

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem
Fevereiro - 2005

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	UNICAMP
	AL14L
V	EX
TOMBO BC/	64494
PROC.	16-P-00086-05
C	☐
D	☒
PREÇO	11,00
DATA	22/06/05
Nº CPD	82121354572

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

AL14L

Albieri, Thais de Mattos.

Lobato: a cultura gramatical em *Emília no país da Gramática* / Thais de Mattos Albieri. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientadora: Marisa Philbert Lajolo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Lobato, Monteiro, 1882-1948. 2. Literatura infantil – História e crítica. 3. Gramática. I. Lajolo, Marisa Philbert, 1944-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

BANCA EXAMINADORA



Professora Doutora Marisa Philbert Lajolo - Orientadora.

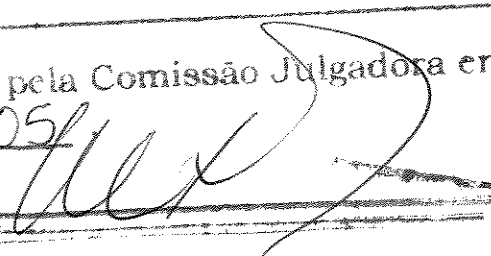
Professor Doutor Eduardo Roberto Junqueira Guimarães - Titular

Professora Doutora Márcia Azevedo de Abreu - Titular

Professor Doutor Carlos Eduardo Ornellas Berriel - Suplente

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por Shans de Mattos
Albini

e aprovada pela Comissão Julgadora em
07/06/05



Ao meu tio Zé, pelo encontro com o mundo das Letras;
À Marisa Lajolo, minha orientadora, pelo reencontro com Lobato.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq e à FAPESP, pelos fundamentais apoios financeiros.

A minha mãe, Eliane, ao meu pai, Hélio, e minha irmã, Raquel; nem escrevendo e nem falando, eu seria capaz de agradecer e expressar todo o meu amor.

A minha querida avó, Ariete. Mesmo dizendo “não saber ao certo o que eu faço”, torce loucamente por mim.

Às queridas “Marianas” - a Musa e a Bá - pelas leituras dessa dissertação desde o início, quando ela ainda era só um “projeto de mestrado”; pelo carinho e respeito, pelas risadas, pelas conversas, pela emoção da companhia, e sobretudo, por me proporcionar o sentido real da palavra AMIZADE. Não poderia me esquecer das maravilhosas “hospedagens” em Barão Geraldo.

À Renata, agradeço o carinho, os sonhos compartilhados e o privilégio do constante aprendizado que sua amizade me proporciona.

Agradeço à Lara, preciosa amiga, por todo carinho, risadas e passeios nos períodos em que ela, graciosamente, me hospedou em São Paulo.

À Má Belíssimo e ao Paulo, amizade que a distância física não consegue abalar.

Aos amigos da graduação e espero que da vida toda: Simone, Livia, Ricardo, Lili e Rubiana, Fernanda, Marquito e Kátia Araújo por todas as risadas, lágrimas e festas juntos. À Ju, que fez só um semestre da graduação, mas espero que também seja minha amiga para toda a vida.

Ao Antonio agradeço as palavras certas nas horas certas, a torcida, a amizade sincera, verdadeira e essencial que nos une.

Ao Emerson, amigo querido, pelas informações valiosas, pela atenção, pela ajuda, pelas leituras, pelo constante diálogo.

À Raquel Afonso da Silva, por sua delicadeza e imensa competência.

Às queridas Márcia, Célia e Cilza; apesar da distância, colaboradoras fundamentais, seja com palavras, seja com informações preciosas.

Ao Ricardo Capitano, pela resolução dos problemas provocados pelo meu analfabetismo em informática.

À Liane, pela disponibilidade, paciência e carinho.

Às funcionárias do CEDAE: Carmen, Flávia, Lígia, Patrícia e Sílvia, pela eficiência e pelo profissionalismo.

Aos funcionários da Biblioteca do IEL, pela ajuda e carinho sempre tão essenciais.

Aos funcionários da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato.

À Rose e ao Cláudio, da Secretaria de Pós-Graduação, pelas importantes contribuições nas horas de “aperto”.

A todos do “Memória de Leitura” pela convivência e discussões tão saudáveis.

À professora Suzy Lagazzi, com quem aprendi a dar os primeiros passos na construção do conhecimento científico.

Ao professor Eduardo Guimarães, com quem aprendi o rigor da pesquisa científica, mas sobretudo com quem aprendi a gostar de fazer pesquisa. Agradeço, ainda, pela leitura deste trabalho, e as sugestões feitas no exame de qualificação.

À professora Márcia Abreu, pela generosidade da leitura do trabalho e pelas importantes contribuições dadas no exame de qualificação.

Aos professores Paulo Franchetti e Carlos Eduardo Berriel, por apontar caminhos nas discussões de meu trabalho, durante eventos na Unicamp.

À Marisa Lajolo, orientadora querida, por absolutamente tudo.

Ao Marcus Vinícius agradeço a alegria do conviver (espero que sempre!).

De Gramática e de Linguagem

E havia uma gramática que dizia assim:
"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou coisa: João, sabiá, caneta".
Eu gosto das cousas. As cousas sim !...
As pessoas atrapalham. Estão em toda parte.
Multiplicam-se em excesso.

As cousas são quietas. Bastam-se. Não se metem
com ninguém.
Uma pedra. Um armário. Um ovo, nem sempre,
(Ovo pode estar choco: é inquietante...)
As cousas vivem metidas com as suas cousas.
E não exigem nada.
Apenas que não as tirem do lugar onde estão.
E João pode neste mesmo instante vir bater à nossa
porta.
Para quê? Não importa: João vem!
E há de estar triste ou alegre, reticente ou
falastrão,
Amigo ou adverso...João só será definitivo
Quando esticar a canela. Morre, João...
Mas o bom mesmo, são os adjetivos,
Os puros adjetivos isentos de qualquer objeto.
Verde. Macio. Áspero. Rente. Escuro. luminoso.
Sonoro. Lento. Eu sonho
Com uma linguagem composta unicamente de
adjetivos
Como decerto é a linguagem das plantas e dos
animais.
Ainda mais:
Eu sonho com um poema
Cujas palavras sumarentas escorram
Como a polpa de um fruto maduro em tua boca,
Um poema que te mate de amor
Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido:
Basta provares o seu gosto...

(Mário Quintana)

RESUMO

A pesquisa intitulada “Lobato: a cultura gramatical em *Emília no país da Gramática*” visa a cruzar dois universos: o do livro infantil - *Emília no país da Gramática* - publicado em 1934, com o de artigos, prefácios, entrevistas, fragmentos sobre língua portuguesa escritos em diversas épocas e veículos de imprensa por Monteiro Lobato (1882-1948), e que se encontram publicados em livros que fazem parte das *Obras Completas* do autor, cuja primeira edição data de 1946.

A partir deste cruzamento, foi possível estabelecer em que medida as idéias dos textos convergem ou divergem das noções de língua transmitidas na obra destinada ao público infantil. Desta análise dos textos, pode-se extrair uma possível concepção de língua, e de literatura, de Monteiro Lobato.

ABSTRACT

The research titled "Lobato: a cultura gramatical em *Emília no país da Gramática*" aims at setting against two universes crossing: the childlike one - *Emília no país da Gramática* - published in 1934, with the one of the articles, prefaces, interviews, fragments about the Portuguese language that were written on several epochs press conveyance by Monteiro Lobato (1882 - 1948), published on books that are part of *Obras Completas*, which the first edition dates from 1946.

From this crossing it was possible to establish in which way the ideas of the texts converge or diverge from the languages notions conducted on the piece designated to the childish public. From the text analyses, a Monteiro Lobato's possible language and literature concept can be extract.

SUMÁRIO

Introdução.....	3
CAPÍTULO 1	
A literatura infantil de Lobato.....	9
1.0 A produção lobatiana nos anos 1920.....	10
1.1 A educação brasileira nas décadas de 1920 -1930.....	25
1.2 A produção lobatiana no período de 1930.....	32
CAPÍTULO 2	
<i>Emília no país da Gramática</i>	39
2.0 As diferentes edições.....	39
2.1 A recepção de <i>Emília no país da Gramática</i>	40
2.2 Transcrição das cartas	46
2.3 Aspectos Lingüísticos e Literários de <i>Emília no país da Gramática</i>	54
CAPÍTULO 3	
Monteiro Lobato e a Língua Portuguesa	79
3.0 A Língua Portuguesa de Lobato.....	79
3.1 Os gramáticos e as gramáticas.....	103
3.2 A <i>Gramática Histórica</i> de Eduardo Carlos Pereira	112
3.3 Eduardo Carlos Pereira editado por Monteiro Lobato	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
BIBLIOGRAFIA	125

Introdução

Introdução

"O fim é nada. O caminho é tudo" (Monteiro Lobato).

A obra de Monteiro Lobato (1882-1948) tem no campo literário sua maior projeção, destacando-se sua produção na área da literatura infantil. Como escreveu Antonio Candido, os livros infantis de Lobato "são de uma invenção original e moderna, escritos em linguagem da mais encantadora vivacidade"¹.

Outras produções lobatianas, que não se inscrevem nem no universo infantil nem no "adulto" (para manter a distinção que primeiro o autor [ao organizar sua *Obra Completa* em 1943, que é publicada nos anos de 1946 e 1947.] e depois a crítica fazem de sua obra), são os artigos de jornais e revistas. A direção e reformulação da *Revista do Brasil*, que circulou entre 16 e 25 do século XX, e a fundação de uma editora "que revolucionaria a feitura do livro"², são extensões do trabalho de Lobato.

Como editor, a proposta de Monteiro Lobato era um livro de qualidade, ao mesmo tempo com preço barato e que veiculasse autores brasileiros contemporâneos. Embora, por questões econômicas, a Cia Gráfico Editora Monteiro Lobato tenha fechado em 1925, sua criação abriu precedentes permitindo que, mais tarde, fosse recuperada, gerando a Companhia Editora Nacional e viesse a ser uma das grandes empresas que lançaram livros no cenário nacional.

Além da literatura, Lobato engajou-se em várias outras frentes, como por exemplo, na luta a favor da nacionalização do petróleo, e participou de iniciativas de revalorização do que considerava uma cultura tipicamente brasileira.

É, pois, no contexto amplo da participação de Lobato em diferentes áreas da cultura e da política brasileiras que este trabalho vai debruçar-se, dando continuidade à pesquisa

¹ CANDIDO, Antonio. *Iniciação à Literatura Brasileira*. Humanitas, FFLCH/USP. São Paulo, 3ª edição, 1999.

² Idem, ibidem, p. 67.

desenvolvida com bolsa de IC (FAPESP, 9911945-7), intitulada "A produção gramatical de Said Ali". Agora no mestrado, será tratado de modo específico das posições assumidas por Lobato face à Língua Portuguesa, como parte integrante do projeto "Memória de Leitura", e do projeto temático "Monteiro Lobato (1882-1948) e outros modernismos brasileiros".

As preocupações de Monteiro Lobato com a linguagem manifestam-se em todos os gêneros de sua vasta obra. Na literatura para adultos o conto antológico "O colocador de pronomes" (in *Negrinha*, 30ª edição, 2001) é exemplo disso; na obra destinada ao público infantil, é também tema e título de - agora - um livro inteiro, *Emília no país da Gramática*, publicado em 1934 e cujo tema central é a aprendizagem gramatical de Emília e da turma do sítio do Pica-Pau Amarelo, e por extensão, do leitor de Monteiro Lobato.

Não se limita, no entanto, à obra literária a manifestação de Lobato relativamente à linguagem: também na imprensa, as manifestações do autor de *Emília no país da Gramática* são constantes. Por hipótese, textos veiculados na imprensa têm destinatário(s) distinto(s) do(s) destinatário(s) de textos literários, o que torna interessante afunilar a pesquisa que aqui se propõe, e que pretende caracterizar convergências e divergências das posições que face à língua assume Lobato em textos para crianças, com enfoque em *Emília no país da Gramática*, utilizando como apoio teórico textos para adultos, tais como prefácios, entrevistas, artigos e cartas sobre a língua portuguesa escritos pelo autor.

Considerando as questões sobre língua e a história das gramáticas no Brasil, este trabalho tem o objetivo de averiguar em que medida a concepção de língua de Lobato vai pelo viés normativo e em que plano está sua concepção histórica de língua. Faz-se importante ressaltar que, embora Lobato em *Emília no país da Gramática* encene de uma maneira diferente o modo como se aprende uma língua, deixando muitas vezes as regras gramaticais implícitas nas falas das personagens, o autor, ainda assim, constrói uma gramática. Se esta tem ou não cunho normativo, é o que esta pesquisa pretende também discutir, ao longo dos

três capítulos da pesquisa: “A literatura infantil de Lobato”, “*Emília no país da Gramática*” e “Monteiro Lobato e a Língua Portuguesa”.

É interessante, assim, questionar as pretensões de Lobato em *Emília no país da Gramática*, fazendo as seguintes perguntas: na história da viagem ao país da Gramática Lobato constrói, explica, ficcionaliza, ilustra, dramatiza uma gramática? Que gramática Lobato constrói, explica, ficcionaliza, ilustra, dramatiza na viagem de Emília e da turma do sítio ao país da Gramática?

No capítulo 1, “A literatura infantil de Lobato”, apresentamos duas fases da produção infantil lobatiana - 1920 a 1926, marcada pelo lançamento de *A Menina do Narizinho Arrebitado* - e 1930, após a volta do escritor dos EUA, onde morou de 1927 a 1931. Estes dois períodos foram delimitados a partir do pressuposto de que a literatura infantil de Monteiro Lobato sofreu alterações; se na década de 1920, o objetivo do autor era recrear e fazer com que a criança “tomasse o gosto pela leitura”, na década de 1930, esta noção de recreação se amplia e se soma ao da instrução. É importante destacar, no entanto, que o escritor se alia à escola desde o lançamento de *Narizinho Arrebitado*, edição escolar do livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, para vender seus livros; as aventuras escritas ao longo dos anos 20 não propunha, como ocorre em 30, o ensino das disciplinas escolares. O didatismo de Lobato em 1930 pode estar associado ao contato dele com o educador e divulgador dos preceitos da “Escola Nova” (que muito agradaram o escritor infantil), Anísio Teixeira.

Além da análise dos aspectos formais da obra, como enredo e personagens, analisaremos, também, no capítulo 2 “*Emília no país da Gramática*”, os aspectos materiais (número de edições, os ilustradores, o número de páginas das diferentes edições, etc), e a recepção crítica da obra, a partir de um conjunto de cartas³ enviadas a Lobato por crianças que comentam a viagem de Emília e da turma do sítio ao país da Gramática.

³ Cf. Silva, Raquel Afonso da. “Conceitos e Imagens de Infância em Monteiro Lobato”. Iniciação Científica, FAPESP, 2003/2004

No capítulo 3, "Monteiro Lobato e a Língua Portuguesa", tratamos da relação do escritor com a língua, desde sua traumática reprovação em português, no ano de 1895, até a década de 1940, quando escreveu o prefácio ao livro *Éramos Seis!*. As imagens de "gramáticos" e "gramáticas" e as mudanças ocorridas com ambos ao longo do tempo também é tema deste capítulo. Além disso, a relação de Lobato com a gramática e com Eduardo Carlos Pereira - um gramático editado por Lobato a partir de 1923 - é um dos aspectos discutidos nesta parte da pesquisa.

A partir destas análises, será possível estabelecer convergências e divergências entre a linguagem e a metalinguagem de que Monteiro Lobato se utiliza na construção de seu livro *Emília no país da Gramática*.

CAPÍTULO 1

A literatura infantil de Lobato

A literatura infantil de Lobato^{1 2}

(...)“Escrevi, então, a história dum leitão malandro chamado Rabicó, e ao sabor da fantasia foram nascendo os outros personagens”.

(Monteiro Lobato. In *Prefácios e Entrevistas*).

Este capítulo será dedicado à obra infantil de Lobato, tomando como base dois momentos de sua produção para crianças: as obras da década de 1920, e as escritas na década de 1930. Entre estes dois períodos, destaca-se a mudança de Monteiro Lobato para os EUA, onde foi adido comercial do Brasil, entre 1927 e 1931.

A divisão da obra lobatiana em duas etapas - de 1920 a 1926 e depois de 1931 a 1939 - nos ajudará a compreender de maneira mais detalhada a ampla produção do escritor, contextualizando-a também na produção para crianças que circulava no Brasil nas décadas anteriores às publicações do autor em questão.

¹ Parte deste texto foi apresentado no II COHILILE, em julho de 2003, com o título: "A relação de Lobato com os livros infantis". IEL/Unicamp.

² Todos os textos citados na pesquisa mantêm a grafia original .

1.0 A produção lobatiana nos anos 1920 (1920-1926).

Os livros infantis de Lobato nas *Obras Completas* totalizam 41 histórias, das quais a organização editorial aponta 32 como originais e 9 como adaptações. A tabela abaixo reproduz os livros escritos por Lobato entre 1920 e 1926, época que balisa o primeiro período de sua produção para crianças.

TABELA I ³

Titulos	Ano de Publicação
A menina do Narizinho Arrebitado	1920
<i>Narizinho Arrebitado</i>	1921
<i>Fábulas de Narizinho</i>	1921
<i>O Sacy</i>	1921
<i>Fábulas em Prosa</i>	1922
O Marquez de Rabicó	1922
Jeca Tatuzinho	1923
<i>A caçada da Onça</i>	1924
<i>Meu cativo entre os selvagens do Brasil (Hans Staden)</i>	1925

O início da produção lobatiana para crianças é explicado pelo próprio Monteiro Lobato no texto da epígrafe do capítulo como algo que surgiu “ao sabor da fantasia”. Não podemos, no entanto, conceber “fantasia” como “acaso”: seu mais importante biógrafo, no livro *Monteiro Lobato: vida e obra*, relativiza a possível casualidade da obra infantil do escritor, ao afirmar que este se preocupava com a falta de uma literatura voltada às crianças brasileiras. Confirmando a hipótese de Cavaleiro, Monteiro Lobato reproduz na *Revista do Brasil*, de outubro de 1921, o artigo “A literatura Infantil”⁴, de Marcel Braunschvig, que trata da relação entre imaginação e leitura, em diferentes fases do desenvolvimento da criança. Segundo Braunschvig,

³ Cf. Camargos, Márcia, et. Al. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. S. Paulo. Editora Senac, 2000.

⁴In *Revista do Brasil*, número 70, outubro de 1921, pp. 118 -126.

"É sobretudo pela leitura de obras literárias apropriadas ao gosto e á intelligencia da creança que se lhe póde cultivar a imaginação"(...).

Mas o interesse de Monteiro Lobato pela leitura das crianças não está somente estampado nos artigos que seleciona para publicar nas páginas da *Revista do Brasil*; manifesta-se também ao longo de sua correspondência com Godofredo Rangel; cartas em que ele toca no assunto tornaram-se famosas:

(...) "Ando com varias ideias. Uma: vestir á nacional as velhas fabulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. (...). As fabulas em português que conheço, em geral, traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato - espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fabulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. (...). É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos". (carta de 08/09/1916, in *A Barca de Gleyre* - 2º tomo, p.104)

A preocupação de Lobato com o público-leitor infantil, que ao que tudo indica era anterior à sua estréia no gênero, o acompanha durante sua vida. Ele publica em 1947, um ano antes de falecer, no periódico "A voz do professor", o artigo "A criança é a humanidade de amanhã". E a imagem de homem que se solidariza e se preocupa com as crianças e com a leitura infantil permanece após sua morte em 1948, tanto assim que em 1950 este mesmo texto foi publicado pela Secretaria de Educação e Saúde de Salvador.

Lobato, nas duas cartas, nos dá pistas da literatura infantil existente no Brasil, nas primeiras décadas do século XX: La Fontaine, as edições de *Robinson Crusoe* e *As viagens de Gulliver*⁵, todos adaptados e traduzidos com excesso de "literatura", o que dificultava a compreensão das crianças.

Mas não eram somente as traduções do final do XIX que faziam parte das leituras infantis. Já havia, no Brasil deste início de século XX, autores brasileiros que dedicavam suas

⁵ Cf. Vieira, Adriana Silene. "Viagens de Gulliver ao Brasil" (Estudo das adaptações de *Gulliver's Travel* por Carlos Jansen e Monteiro Lobato). Tese de Doutorado. IEL/Unicamp, 2004.

obras às crianças, já que desde meados do século XIX temos no país autores de olhos e mãos voltados para o universo da criança, e são estes que

"confirmam a literatura infantil como parcela significativa da produção literária da sociedade burguesa e capitalista. Dão-lhe consistência e um perfil definido, garantindo sua continuidade e atração. Por isso, quando se começa a editar livros para crianças no Brasil, a literatura para crianças, na Europa, apresenta-se como um acervo sólido que se multiplica pela reprodução de características comuns. Dentro deste panorama, mas respondendo às exigências locais, emerge a vertente brasileira do gênero, cuja história, particular e com elementos próprios, não desmente o roteiro original"⁶

O gênero infantil vai se tornando importante e autores célebres da literatura adulta - Olavo Bilac e Coelho Neto, por exemplo - dedicam, no início do século XX, suas publicações em prosa, verso e teatro, para crianças.

Novos escritores também surgem e agradam ao público e à crítica. Tales de Andrade, em 1919, com a publicação de seu livro *Saudade*, recebe, de Monteiro Lobato, elogiosa crítica, sendo elevado à condição de pioneiro da literatura infantil brasileira:

"Mas na literatura brasileira o pioneiro foi Thales de Andrade com seu livro *A filha da floresta*, publicado em 1918. Em seguida, apareceu *Saudade*, livro esse onde ele procura instruir e recrear. Thales é um dos luminares da nossa literatura. Possui inúmeros livros publicados, cheios de beleza e ensinamentos"⁷.

Monteiro Lobato talvez tenha ficado seduzido pela literatura infantil de Tales de Andrade graças ao fato de que *Saudade* associa recreação à instrução, além da simplicidade do estilo literário, condição *sine qua non* da boa literatura, na concepção do escritor. Ao contrário dos outros autores que produziam literatura infantil nesta época, Thales de Andrade introduziu em *Saudade* um protagonista criança (e criança interiorana), o que provavelmente também encantou Lobato, já que ele também vai criar, nos livros que escreve, crianças moradoras de um sítio como personagens centrais.

⁶ Lajolo, Marisa; Zilberman, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias*. Editora Ática, 1999.

⁷ Nunes, Cassiano. "A literatura infantil". In *Novos ensaios sobre Monteiro Lobato*. Editora UnB, 1998.

Isto permite que tanto Andrade quanto Lobato inovem em seus textos o conceito de literatura infantil e de criança: abandonam a concepção oitocentista de criança - consideradas adultos em miniatura - construindo histórias com crianças mais versossímeis e não apenas para crianças.

Esta mudança da visão de criança iniciada por Thales de Andrade vai permear também a obra infantil lobatiana. Em 1920 publica *Lúcia ou A menina do Narizinho Arrebitado*, um verdadeiro sucesso de crítica. O comentário de Menotti del Picchia sobre a obra, publicado no "Correio Paulistano", aponta como interessante na literatura infantil de Monteiro Lobato justamente o que este, em 1919, destaca do livro *Saudade*:

"Um belo presente de Natal de 1920 para esses milhões de serezinhos que ainda acreditam em sortilégios e fadas. Senhor de um mágico estilo, feito para deslumbrar adultos, soube - e nisto está o grande elogio de sua obra - criar uma linguagem comovida e simples para, com ela nivelado em nossos pequerruchos, falar à ingênua imaginação da criança"⁸. (Picchia, Menotti del. "Correio Paulistano", 23/12/1920)

No ano de 1921, a crítica continua a elogiar *Narizinho*. Brenno Ferraz⁹ publica na seção "Bibliographia", da *Revista do Brasil*¹⁰, então editada por Lobato, uma resenha de *Narizinho Arrebitado*, com os seguintes comentários:

(...) "Publicou-se um livro escolar absolutamente original, em completo, inteiro desacordo com todas as nossas "tradições" didacticas. Em vez de afugentar o leitor, prende-o. Em vez de ser a tarefa, que a criança decifra por necessidade, é a leitura agradável, que lhe dá mostra do que pedem os livros. Esse livrinho-revolução, por muita gente recebido com o nariz torcido, é o *Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato. Contando historias de bichos que são príncipes e princezas, e de meninas, que são fadas, arremette a obrinha contra todo o grave, pesado edificio dos preconceitos escolares. Com o seu apparecimento, marca-se a época em que a educação passará a ser uma realidade nas escolas paulistas. De facto, a historieta phantasiada por Monteiro Lobato, falando á imaginação, interessando e commovendo o pequeno leitor, faz o que não fazem as mais sabias lições moraes e

⁸CF. Azevedo, Carmen Lúcia, et al. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo, editora Senac, 2000.

⁹ Brenno Ferraz do Amaral, passou a dirigir, em maio de 1922, com Monteiro Lobato e Ronald de Carvalho, a *Revista do Brasil*. Publicou no mesmo ano a *Biografia de José Bonifácio* e, em 1924, *A literatura em São Paulo em 1922*.

¹⁰ *Revista do Brasil*, número 65, maio-agosto de 1921, p.157.

instructivas: - desenvolve-lhe a personalidade, libertando-a e animando-a para cabal eclosão, fim natural da escola”(...).

Uma visita feita por Washington Luís aos grupos escolares, faz com que o livro conquiste o sucesso de venda, pois o governo de São Paulo compra 30.000 exemplares da edição escolar do livro - agora intitulado *Narizinho Arrebitado* - que sai em 1921. Tal compra parece ter sido decisiva e é relatada por Lobato:

“Cheguei a tirar uma edição de 50.500 exemplares do *Narizinho Arrebitado* - Isto é claro, por mera inexperiência, pois um editor, por maior confiança que tenha num livro, nunca se arrisca a tamanha loucura... Há todavia um deus para os bêbados e outro para os inocentes. O deus dos inocentes premiou nossa inocência com um autêntico milagre: - a tal edição monstro esgotou-se em oito ou nove meses! O Dr. Washington Luís estava na presidência de São Paulo. Um belo dia saiu a correr os grupos escolares em companhia do secretário Alarico Silveira. De escola em escola, notou que em todas elas havia um livrinho de leitura, extraprograma, muito sujinho e surrado. Era justamente o meu *Narizinho*. Os 500 exemplares a mais dos 50 mil eu os havia tirado em papel melhor e mandado de presente a todos os grupos do Estado. E como fossem absoluta novidade a criançada atirou-se a eles e os leu à moda das crianças-escangalhadas. O Dr. Washington fez ao seu secretário a seguinte observação:

- “Se este livro anda assim em tantos grupos, é sinal de que as crianças gostam dele. Indague de quem é e faça uma compra grande para uso em todas as escolas”.

No dia seguinte, Alarico me telefonou pedindo que passasse pela Secretaria. Lá me contou das visitas da véspera e da opinião do presidente. Depois - “Quantos exemplares, desse livro pode você vender ao governo?”

- “Quantos quiser, Alarico. Temos narizes a dar com pau. Posso fornecer cinco, mil, dez mil, vinte mil, trinta mil”... Alarico pensou que fosse brincadeira e para pilhar-me. Disse:

- “Pois mande trinta mil ao almoxarifado”¹¹.

Este caráter “providencial” da compra do governo parece ter surpreendido Monteiro Lobato, que em maio de 1921, escreve a Rangel, contando sua ousadia literária e o volume de sua produção; revela-se, ainda, preocupado com a tiragem de *Narizinhos*:

“O meu *Narizinho*, do qual tirei 50.500 edições - a maior edição do mundo! (...) Nunca pensei que 50.500 fossem tanta coisa! Encheu-me os vãos das nossas salas da rua Boa Vista. Tive de alugar uma vizinha, que também se encheu até o fôrrô. E ainda acomodei milhares no porão lá de casa. (...) O problema agora é vender, fazer que o público absorva a torrente de narizes” (carta de 21/05/1921, in *Barca de Gleyre*, 2º tomo, p.230)

¹¹ Retirado da *Revista Brasileira*. São Paulo, n.10, p.163. In *Prefácios e Entrevistas*.

Mas é necessário ter cautela ao acreditar na "inexperiência" à qual Lobato atribui a gigantesca tiragem do livro. O caso é que outros "gestos editoriais" seus apontam em outro sentido, como por exemplo, os anúncios que inclui na *Revista do Brasil* divulgando suas edições.

Para crianças

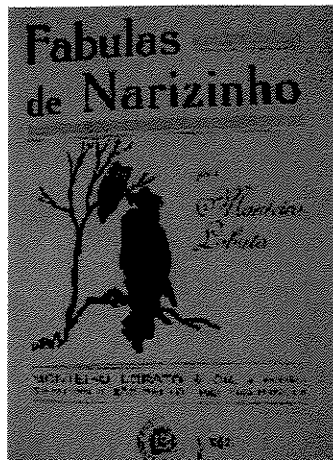
não ha melhor presente ás creanças que os livros que
Monteiro Lobato & Cia. acabam de editar:

- “NARIZINHO ARREBITADO”, 2.^a edição do al-
bum ilustrado a cores 3\$500
- “NARIZINHO ARREBITADO”, edição escolar 2\$500
- “O MARQUEZ DE RABICÓ”, album agora lançado,
com desenhos coloridos de Voltolino 2\$000
- “O SACY”, album que foi o successo do ultimo
Natal 2\$500
- “FABULAS DE NARIZINHO”, album com dese-
nhos em sombra 3\$000
- “FABULAS”, edição escolar, muito augmentada,
com desenhos em sombra 2\$500

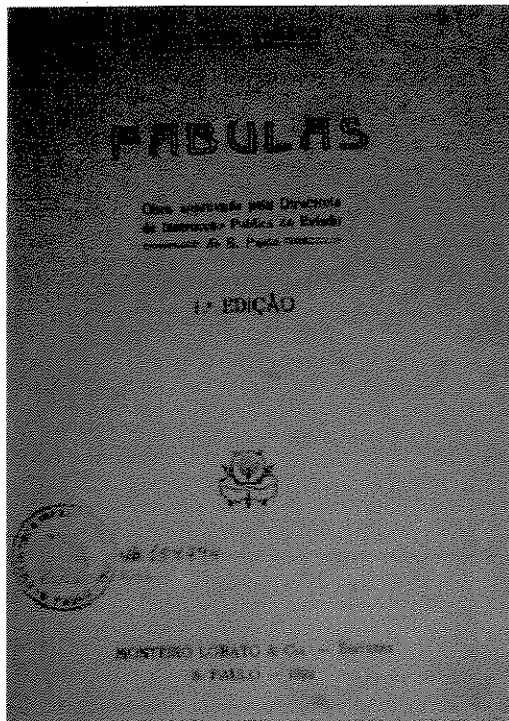
Pedidos a **MONTEIRO LOBATO & CIA**
Rua dos Gusmões, 70 — S. PAULO

Anúncio das edições infantis de Monteiro Lobato. In *Revista do Brasil*. São Paulo, nº 86, fevereiro de 1923.

Este anúncio sugere que há um “repique de títulos”, isto é, Lobato lança livros com títulos semelhantes, porém materialmente diferentes; o que ocorre com *Narizinho* é um bom exemplo deste “repique”, pois há duas edições com o título de *Narizinho Arrebitado*, porém, materialmente e economicamente os dois livros são diferentes (o álbum custa 3\$500, a edição escolar 2\$500); algo semelhante ocorre entre as *Fábulas de Narizinho* e as *Fábulas*, visto que esta é uma edição escolar “muito augmentada” e com “desenhos em sombra”, e aquela, “álbum com desenhos em sombra”.



Folha de Rosto da 1ª edição das *Fábulas de Narizinho*.



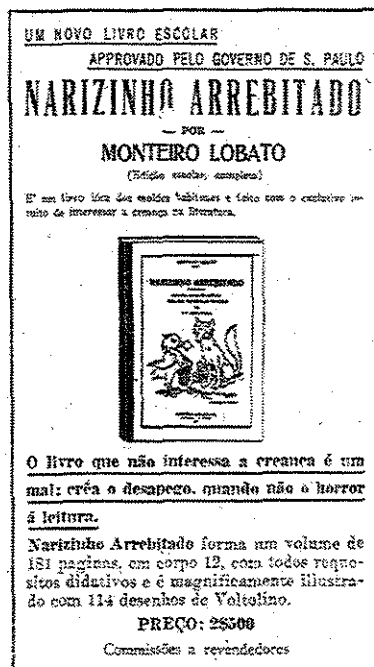
Folha de Rosto da 1ª edição das *Fábulas*.

O “repique” das obras, frisando nos anúncios aspectos da materialidade do livro, pode esclarecer “modos de ser” do gênero infantil, quando na década de 20 do século XX, inaugurou-se a parceria de obras literárias com a escola. Se não o “modo de ser” do gênero, com certeza o “modo” pelo qual Lobato se colocava neste mercado nascente.

A entrada de *Narizinho* no ambiente escolar nos remete ao “recrear e instruir” que Lobato já elogiara ao comentar a obra de Thales de Andrade.

O anúncio da página seguinte, da versão escolar do livro *Narizinho*, sugere aspectos interessantes da relação que Lobato estabelece com a escola.

Ao observar o anúncio, nota-se, inicialmente, o que aos olhos de hoje parece “poluição visual”, causada pela diversidade de fontes, de tamanhos e de alinhamentos. Também impressiona o que se poderia chamar de um “congestionamento” de informações. Observe-se que a propaganda se abre chamando a atenção para a chancela oficial do livro: “Aprovado pelo governo de S. Paulo”, o que nos revela uma articulação - em todos os sentidos - com a política educacional em curso. Na reprodução do desenho da capa do livro, os dois animais lembram personagens clássicas das fábulas, dando a ele “tom” tradicional, o que, de certo modo contradiz a frase “É um livro fora dos moldes habituaes”. Na parte inferior do anúncio, alguns pressupostos de uma pedagogia da leitura literária: as informações materiais do livro (“181 páginas, corpo 12, ilustrado com 114 desenhos de Voltolino”), e a criação de um possível interesse do destinatário (“O livro que não interessa a creança é um mal: crêa o desapego, quando não o horror pela leitura”).



Anúncio da versão escolar de *Narizinho Arrebitado*. In *Revista do Brasil*. São Paulo, n.º 67. Julho de 1921.

Mas não foi somente a instrução pública de São Paulo a única instância governamental a aprovar *Narizinho Arrebitado*. Lourenço Filho¹², chefe de Instrução Pública do Ceará, escreve a Monteiro Lobato, em 1922, comunicando a possível adoção de *Narizinho Arrebitado*, pedindo que o autor faça modificações em seu livro:

¹² Manuel Lourenço Filho nasceu em Porto Ferreira (SP), em 1897.

Seguiu a carreira do magistério, inicialmente em São Paulo, em seguida no Rio de Janeiro. Entre 1922 e 1923 foi responsável pela reforma do ensino público no Ceará. Na década de 30, transferiu-se para o Rio de Janeiro exercendo funções de chefe de gabinete do ministro da Educação Francisco Campos. Por essa época, concebeu uma faculdade reunindo as áreas de educação, ciências e letras. No tempo da gestão de Anísio Teixeira na Secretaria de Educação do Distrito Federal, dirigiu o Instituto de Educação do Rio de Janeiro.

Em 1935 foi nomeado diretor e professor de psicologia educacional da Escola de Educação da Universidade do Distrito Federal. Posteriormente, foi diretor geral do Ensino Público em São Paulo, membro do Conselho Nacional de Educação em 1937 e diretor geral do Departamento Nacional de Educação. Em 1938, a pedido do ministro Gustavo Capanema, organizou o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos que, em 1944, lançou a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*.

Publicou, entre outros trabalhos, *Introdução ao estudo da Escola Nova as tendências da educação brasileira* (1940).

Faleceu em 1970.

http://www.cpdcc.fgv.br/nav_historia/htm/biografias/ev_bio_manuellourencofilho.htm, acesso em 24/09/2004.

Lobato,

V. não tem razão. A esta hora já terá recebido o jornal com a nota oficial da aprovação e adoção dos seus livros, bem como do Dr. Doria.

E veja como V. é ingrato: o único embaraço na minha ação, aqui, foi exatamente o resultado da aprovação de Narizinho arrebitado. O clero me moveu tremenda guerra, sob o pretexto de que a adoção do livro visava ridicularizar a sagrada religião católica. Foi preciso, para manter a aprovação, que eu inventasse haver uma 2ª edição, sem os inconvenientes da primeira.

Lembra-se V. de que lhe falei sobre aquele tópico dos frei [?] com os sacramentos, etc. Esse tópico, aí mesmo, ofendeu a muitos professores. V. só terá vantagens em suprimi-lo, quando reeditar o livro.

A minha reforma ate vai triunfando rapidamente. O terreno estava quase virgem e V. sabe que na terra de cegos quem tem dois olhos vê muito... Mandar-lhe hei jornais com notícias, para que V. fale das minhas habilidades na Revista. Estou iniciando o recenseamento escolar e pondo em pratica a obrigatoriedade. Em dezembro a matrícula estará triplicada. É preciso fazer leitores para a Revista e para os livros que V. edita.

Se tivesse tempo, mandava-lhe algumas notas interessantes sobre assuntos daqui, inclusive a Padaria Espiritual, de que ainda encontrei 2 representantes vivos: o Rodolpho Theophilo e o Antonio Salles. Este último tem um romance — Aves de arribação, que V. deve editar. A 1ª edição foi limitadíssima, sem reclame, sem nada. Uma edição sua fará o livro conhecido como merece, porque é admirável. O Salles está agora no Rio; e ele não me pediu nada, mesmo porque só terminei a leitura do livro ha alguns dias. Acredite, porem, Aves de arribação é dos melhores romances nacionais e que V. terá lucros certos com a edição. Porque não me manda a Revista?

Abraços. Saudade aos camaradas. Lourenço Filho.

(carta de 1922. In: Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp).

A carta transcrita - inédita - e depositada no Fundo Monteiro Lobato/CEDAE/IEL/Unicamp, levanta importantes questões acerca da vida literária de Monteiro Lobato no início do século XX e de como sua produção infantil se inscreve nela. Tanto a frase que abre a carta "V. não tem razão", quanto "Lembra-se v. de que lhe falei" sugerem correspondência anterior entre os dois; além disso, antecipando a atitude de freiras de colégios paulistas tradicionais, que nos anos 40 e 50 do século XX, mandaram queimar algumas obras de Lobato por acreditarem que estas não respeitavam os princípios da religião cristã, o clero cearense moveu contra Lourenço Filho "tremenda guerra, sob o pretexto de que a adoção do livro visava ridicularizar a sagrada religião católica", o que deixa a dúvida da aprovação do livro pela Instrução Pública do Ceará; no entanto, o chefe de instrução escreve

que “foi preciso, para manter a aprovação, que eu inventasse haver uma segunda edição, sem os inconvenientes da primeira”. Em troca da invenção de uma segunda edição de *Narizinho*, Lourenço Filho escreve que o livro *Aves de Arribação*, do cearense Antonio Salles, deve ser editado por Monteiro Lobato. O pedido feito pelo chefe de instrução, bem como a carta como um todo, nos remete à noção de sistema literário proposta por Antonio Candido, que estabelece

(...) “um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles, se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade” In *Formação da Literatura Brasileira*.(p.23).

Nesta carta, estão presentes as idéias de produção literária (primeiramente a de Lobato, depois a de Antonio Salles) e do mecanismo transmissor, que no caso são o próprio Lobato, ao mandar *Narizinho* a Lourenço Filho, o que gerou a resposta à carta; e depois, o remetente da correspondência, ao pedir a edição de *Aves de Arribação* a Monteiro Lobato, pois acredita que sendo publicado por uma editora paulista, e por um escritor de sucesso na área editorial, o livro seria “conhecido como merece, porque é admirável”, nas palavras de Lourenço Filho.

Para atestar que o livro é realmente bom, o remetente da carta afirma não ter sido influenciado pelo autor Antonio Salles, que estava no Rio de Janeiro, quando Lourenço Filho escrevera a Lobato. A partir disto, o pedido de edição do livro *Aves de Arribação* parece fazer parte de uma “troca de favores”, nesta “rede de relações” também sugerida pela noção de

sistema literário, já que “as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contacto entre os homens”. Neste sentido, a relação entre o remetente e o destinatário da carta parecem comprovar esta idéia de Candido: *Narizinho* seria adotado mediante a edição de *Aves de Arribação*.

Mesmo com a possível não adoção de *Narizinho* no Ceará, o livro, ainda assim, é um sucesso, o que talvez fortaleça a intenção de Lobato de continuar publicando para crianças. No mesmo ano de 1921, em carta a Rangel, expõe novamente suas idéias de produção literária

“Lanço agora mais um meu, *Onda Verde* e outro para crianças - *O Sacy*. E tenho novos na bica, sempre infantis - *Fabulas* e o *Marquês de Rabicó*”. (carta de 25/04/1921, in *A Barca de Gleyre*, 2º tomo, p. 229).

Em julho do mesmo ano (1921), registra-se na seção “Movimento Editorial” (reproduzida na página seguinte), da *Revista do Brasil*, o título *O Sacy*, anunciado como “phantasia infantil”, já em *composição* ou à espera de ser publicado. No mesmo texto, *Narizinho Arrebitado* é apresentado como “leitura infantil”. As diferentes denominações - fantasia e leitura - dadas a estes dois livros de novo parecem sugerir um escritor nada inexperiente, porém, cauteloso nas experiências que faz: sendo assim, as diferentes denominações podem estar associadas ao tipo de público a que se destinam, reforçando a idéia do “repique de títulos”, já apontado em outro anúncio da *Revista do Brasil*.

MOVIMENTO EDITORIAL

A casa editora Monteiro Lobato & C.^a lançou durante o primeiro semestre deste anno as seguintes obras:

Os Caboclos — contos, Valdomiro Silveira.

Onda Verde — collectanea, Monteiro Lobato.

Brasil com S ou Z — philologia, Assis Cintra.

Narizinho Arrabaldado — leitura infantil, Monteiro Lobato.

Paiz do Ouro e Esmeralda — romance, J. A. Nogueira.

Scenas e Paisagens — versos, Cornelio Pires.

Vultas e livros — bio-bibliographia, Arthur Motta.

Sapezaes e Tigueras — contos, Armando Cauby.

Figurões vistos por dentro — satyra Simão de Mantua.

Allemanha Saqueada — politica europea, Mario Pinto Serva.

A lei do Sello — commentario expositivo, J. do Amaral Gurgel.

A lingua Nacional — notas philosophicas, João Ribeiro.

Casa de Maribondo — contos, Gustavo Barroso.

Esfinges — Versos, Francisca Julia.

Estas edições sommam um total de 88.000 volumes.

Em composição já ou a espera da sua vez tem a empreza em vias de publicidade mais as seguintes obras:

Jardim das Confidencias — versos, Ribeiro Couto.

Contribuindo — critica historica, Martin Francisco.

Tradições e Reminiscencias paulistana — Affonso de Freitas.

Contos Atrozes — Gabriel Marques.

Casa do Pavor — contos, Moacyr Deabreu.

O Sary — phantasia infantil, Monteiro Lobato.

Fabulas em prosa — Monteiro Lobato.

Revista do Brasil, n.º 67, de Julho de 1921.

As *Fabulas* de La Fontaine, adaptadas e traduzidas pelo próprio Lobato em prosa, aparecem novamente nesta propaganda. Considerando-se as diferentes formas de materialidade destes textos, temos mais um bom exemplo que confirma o já apontado "repique de obras" feito por Monteiro Lobato.

Após saírem em livro, as *Fabulas* são publicadas uma a uma por Lobato na *Revista do Brasil*, a partir do mês de agosto de 1921. São as “Fábulas em prosa” - que se torna seção da *Revista do Brasil* - que dura até outubro do mesmo ano; no Natal, sai pela Editora Monteiro Lobato & Cia, em edição-álbum, o livro *Fábulas*. Estamos, de novo, face a um processo de “repique”: um mesmo título, ou um mesmo conteúdo, tem diferentes “embalagens”, para que se torne atraente para diferentes públicos. Em março de 1922, quando as “Fábulas em Prosa” voltam a figurar como seção na *Revista do Brasil*, sai uma versão escolar do livro, aprovado pela Diretoria de Instrução Pública de São Paulo; mais uma vez, apresenta-se no texto, uma pedagogia de leitura que envolve a obra lobatiana:

“Das ‘Fabulas’, postas em edição-álbum, pelo ultimo Natal, foi tirada uma edição escolar, acrescida de muita matéria nova e sempre ilustrada com as magníficas silhuetas de Voltolino.

A obra é aprovada pela Directoria de Instrucção Publica de São Paulo, para uso das escolas. Preenche, pois, os fins a que se destina: - pôr ao alcance das creanças, em prosa vulgar, o farto material educativo que se encontra concentrado nas fabulas, cujas traducções em verso não está á altura da comprehensão infantil”¹³.

Vemos assim, que a década de 1920 é promissora no que toca à produção de histórias escritas por Lobato e dedicadas às crianças; em 1924 publica *A Caçada da Onça*, que será ampliado e terá seu título modificado para *Caçadas de Pedrinho*, na década de 1930.

Em 1926, dois anos depois da publicação de *A Caçada da Onça*, e morando no Rio de Janeiro, após a falência de sua Cia Gráfico Editora e da venda da *Revista do Brasil*, Lobato escreve a seu amigo Godofredo Rangel e reafirma sua opção por escrever para as crianças brasileiras:

¹³ In *Revista do Brasil*, n.º 75. Seção “Bibliographia”, março, 1922.

(...) “Ando com ideias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoiei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do *Robinson Crusoe* do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no *Robinson Crusoe* e n’*Os Filhos do Capitão Grant*” (carta de 07/05/1926, in *A Barca de Gleyre*, 2º tomo, p.293).

A partir de 1926 teremos um Lobato - em termos de literatura - quase inteiramente dedicado à produção para o público infantil. A mudança para os EUA em 1927, atendendo à nomeação de adido comercial, não impede que o escritor continue a produzir textos. Durante sua estada na América, que se estende de 1927 a 1931, publica os títulos abaixo; algumas capas estão também reproduzidas:

TABELA III ¹⁴

Título	Data de Publicação
<i>O Noivado de Narizinho</i>	Agosto de 1928
<i>O gato Felix</i>	Outubro de 1928
<i>A cara de Coruja</i>	Novembro de 1928
<i>Aventuras do Príncipe</i>	Novembro de 1928
<i>O irmão de Pinocchio</i>	Outubro de 1929
<i>O circo de escavalinho</i>	Agosto de 1929
<i>Peter Pan</i>	Novembro de 1930
<i>A pena de Papagaio</i>	Novembro de 1930



Capas das 1^{as} edições. Fonte: Biblioteca Infante - Juvenil Monteiro Lobato.

¹⁴ Cf. Camargos, Márcia et. Al. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. S. Paulo. Editora Senac, 2000 ; Cf. também: Cavalheiro Edgar. *Monteiro Lobato: Vida e Obra*. S.Paulo. Brasiliense.1956.

É também durante o período em que morou em New York, que conhece o educador Anísio Teixeira¹⁵(1900 - 1971), estudante, à época, da Universidade Colúmbia, e figura central nas reformas do panorama educacional brasileiro, que como veremos a seguir, dialoga intimamente com a obra infantil lobatiana.

1.1 A educação brasileira nas décadas de 1920 - 1930.

Nos anos 20, diferentes reformas educacionais aconteceram em diferentes sistemas educacionais brasileiros, sendo inclusive mencionadas na súmula da cultura brasileira que Antonio Candido traça no texto "A revolução de 30 e a cultura":

"Sampaio Dória em São Paulo (1920) introduziu a modernização dos métodos pedagógicos e procurou tornar realidade o ensino primário obrigatório, com notável incremento de escolas rurais. Outras reformas foram as de Lourenço Filho, no Ceará (1924), a de Francisco Campos, em Minas Gerais (1927), a de Fernando de Azevedo, no então Distrito Federal (1928)".¹⁶

Todas estas reformas, por sua vez

(...) "visavam à renovação pedagógica consubstanciada na designação de "escola nova", que representava posição avançada no liberalismo educacional. (...) Ora, a escola pública leiga pretendia formar mais o "cidadão" do que o "fiel", com base num aprendizado pela experiência e a observação que descartava o dogmatismo".¹⁷

¹⁵ Anísio Espínola Teixeira nasceu em Caitité (BA), em 1900. Advogado e pedagogo, formou-se em ciências jurídicas e sociais no Rio de Janeiro, em 1922. Entre 1924 e 1928, ocupou o cargo de diretor geral de instrução do governo da Bahia, promovendo a reforma do ensino naquele estado. Em seguida, transferiu-se para os Estados Unidos, onde estudou na Universidade de Colúmbia, travando contato, com as idéias pedagógicas de John Dewey, que o influenciariam decisivamente. Em 1931, de volta ao Brasil, trabalhou junto ao recém-criado Ministério da Educação e Saúde, dedicando-se à tarefa de reorganização do ensino secundário. Por essa época, assumiu a presidência da Associação Brasileira de Educação (ABE) e foi - junto com Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e outros - um dos mais destacados signatários do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, documento que defendia uma escola pública, gratuita, laica e obrigatória. Data dessa época também a forte oposição movida contra sua pessoa pela hierarquia da Igreja Católica, cujo projeto educacional era calcado sobre pressupostos inteiramente diferentes dos seus. Foi secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal, promovendo mudanças na estrutura educacional da cidade e estimulando a criação de novos estabelecimentos de ensino. Sua iniciativa mais ousada, porém, foi a criação da Universidade do Distrito Federal, que gerou forte reação do Ministério da Educação, dirigido por Gustavo Capanema. Morreu no Rio de Janeiro, em 1971. http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/biografias/ev_bio_anisio Teixeira.htm. Acesso em 27/08/04.

¹⁶ Cf. Candido, Antonio. "A revolução de 1930 e a cultura" in, *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1985, p.182.

¹⁷ Nagle, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo, EPU/MEC, 1974, pp. 248 -249.

Jorge Nagle faz um interessante paralelo entre a “escola tradicional” e a “Escola Nova”, ressaltando, sobretudo, a nova noção de infância, que pode - com vantagens - articular-se à nova produção de literatura infantil e de material escolar.

“Em confronto com a “escola tradicional”, em relação à qual se colocou em termos antitéticos, a Escola Nova se fundamenta em nova concepção sobre a infância. Esta é considerada - contrariamente à tradição - como estado de finalidade intrínseca, de valor positivo, e não mais como condição transitória e inferior, negativa, de preparo para a vida do adulto. Com esse novo fundamento se erigirá o edifício escolanovista: a institucionalização do respeito à criança, à sua atividade pessoal, aos seus interesses e necessidades, tais como se manifestam nos estágios de seu ‘desenvolvimento natural’. Parte-se da afirmação de que o fim da infância se encontra na própria infância; com isso, a educação centraliza-se na criança e será esta nova polarização que será chamada de “revolução copernicana” no domínio educacional”.¹⁸

Como vimos, São Paulo, para Antonio Candido, foi o primeiro Estado brasileiro que implantou as reformas no ensino de instrução primária, tendo como referência a nova concepção de infância presente na doutrina da chamada “Escola Nova”, o que sublinha a importância da adoção do livro de Lobato pelo sistema educacional paulista.

No período de 1922 a 1930, a doutrina da “Escola Nova” ganha outros adeptos no Ceará, no Rio de Janeiro, no Paraná e na Bahia. É neste último, que em 1925, o então jovem Anísio Teixeira como “Inspetor Geral de Instrução Pública” elabora um primeiro projeto de ensino, que será aperfeiçoado a partir de seus estudos na Columbia University.

Em linhas gerais, a Escola Nova buscava revisar, de forma crítica, a questão educacional, centrada na nova imagem de infância, tal como descreveu anteriormente Jorge Nagle, que também discute o novo papel reservado aos educadores:

“O novo papel do educador será o de simples agente fornecedor de meios para que a criança se desenvolva por si. Nada de constrangê-la ou de tentar enquadrá-la a partir de situações antecipadamente programadas do ponto de vista do adulto. O que importa é que a criança se desenvolva por meio da experiência. É preciso, portanto, que ela experimente. A inclusão do trabalho

¹⁸ Op.cit. pp 248-249.

livre, da atividade lúdica, dos trabalhos manuais, enfim, a adoção do princípio da educação pela ação e não mais pelo imobilismo são algumas das conseqüências da nova concepção. Reage-se contra o "didatismo deformador", pois o que importa não é aprender coisas, mas aprender a observar, a pesquisar, a pensar, enfim, a aprender".¹⁹

Além disso, é papel do educador e da escola não dar aos alunos as soluções prontas; tudo o que se deve dar "é método e juízo, para lutar com os problemas que vai encontrar, e o sentido da responsabilidade social que lhe assiste na solução destes problemas".²⁰

A palavra que talvez caracterize este novo método de ensino do final da década de 20 e início de 30 é liberdade:

"Podemos perceber a nova finalidade da escola, quando refletimos que ela deve hoje preparar cada homem para ser um indivíduo que pense e se dirija por si, em uma ordem social, intelectual e industrial eminentemente complexa e mutável. Antes, a escola *completava*, com algumas informações dogmáticas, uma educação que o lar e a comunidade ministrava ao indivíduo, em uma ordem, por assim dizer, estática. Toda a educação consistia em ensinar e obedecer".²¹

Embora as idéias da Escola Nova tenham sido adotadas em quase todos os estados do Brasil, foi na Bahia, mais precisamente através de Anísio Teixeira que o escolanovismo teve sua maior repercussão, já que Anísio nos EUA dedicou-se ao estudo desta doutrina, sobre a qual publicou vários livros.

É no período em que viveu nos EUA que Anísio Teixeira, estudante do departamento de educação da Universidade de Colúmbia, conheceu Monteiro Lobato. Surgiu daí uma grande amizade e o contato de Lobato com as idéias da Escola Nova, que muito lhe agradaram. Tanto assim, que Lobato manteve longa correspondência com Anísio Teixeira sobre temas variados, dentre os quais se sobrepunha o da educação:

¹⁹ Idem, *ibidem*, pp.249-250.

²⁰ *Op. Cit.*, p.41.

²¹ Idem, *ibidem*, p.41.

"Você me deu um grande prazer hoje - neste estúpido e arrepiado Domingo de chuvisco insistente. Imagine que ontem o Fernando [de Azevedo] deu-me aquele volume do manifesto ao povo e ao governo sobre educação para que o lesse e sobre ele falasse num artigo. E essa intimação do Fernando arrancou-me à faina a petrolífera em que vivo mergulhado até as orelhas. Resolvi consagrar este Domingo à educação.

Comecei a ler o manifesto. Comecei a não entender, a não ver ali o que desejava ver. Larguei-o. Pus-me a pensar - quem sabe está nalgum livro do Anísio o que não acho aqui - e lembrei-me de um livro sobre a educação progressiva que me mandaste e que se extraviou no caos que é a minha mesa. Pus-me a procurá-lo, achei-o. E cá estou, Anísio, depois de lidas algumas páginas apenas, a dar berros de entusiasmos por essa coisa maravilhosa que é a tua inteligência lapidada pelos Deweys e Kilpatrick.

Eureca! Eureca! Você é o líder, Anísio! Você é que há de moldar o plano educacional brasileiro. Só você tem a inteligência bastante clara e aguda para ver dentro do cipoal de coisas engolidas e não digeridas pelos nossos pedagogos reformadores. Acho que antes de reformarem qualquer coisa ou proporem reformas "os mais adiantados e ilustres" dos líderes educacionais do momento o que devem fazer é reformarem-se a si próprios, isto é, aposentarem-se e saírem do caminho.

Eles não entendem a vida, Anísio. Eles não conhecem, senão nomes, aqueles píncaros (Dewey & Co.) por cima dos quais você andou e donde pôde descortinar a verdade moderna. Só você, que aperfeiçoou a visão e teve o supremo deslumbramento, pode, neste país, falar de educação.

Vou ler o teu livro como nunca li nenhum. Degustando, penetrando, deslumbrando-me em ver expressas nele idéias que me vieram por gestação, intuitivamente. E depois te escreverei". (carta provavelmente de 1932. In *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Monteiro Lobato e Anísio Teixeira*, p.68).

Como grande representante das idéias da "Escola Nova" no Brasil, faz-se interessante destacar o pensamento de Anísio Teixeira diante desta nova doutrina educacional que para um entusiasmado Monteiro Lobato teria condições de modificar o ensino, os alunos e os professores das instituições brasileiras no segundo decênio do século XX.

É no período (1927-1928) que passa na Universidade de Colúmbia que Anísio Teixeira toma contato com a obra de John Dewey, de quem se torna discípulo e tradutor em português, trazendo para o Brasil novos conceitos sobre a doutrina da "Escola Progressiva" ou da "Escola Nova", como preferia:

"De início, um esclarecimento. Escola nova. Por que essa designação? Há, aí, mais do que a precariedade insustentável do adjetivo, qualquer coisa de combativo e atrevido, que choca alguns companheiros avisados de trabalho, receiosos de uma ofensiva contra os valores reais da escola".²²

²² Teixeira, Anísio. *Educação Progressiva*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1934.

Entre os preceitos básicos que deveriam reger a instituição de ensino, alguns articulam-se bem com o “clima escolar” do sítio do Picapau Amarelo, em todas as aventuras nas quais se inscreve uma aprendizagem explícita, como é o caso de *Emília no país da Gramática*:

- “1)Uma escola de vida e de experiencia para que sejam possiveis as verdadeiras condições do ato de aprender.
- 2)Uma escola onde os alunos são ativos e onde os projetos formem a unidade típica do processo de aprendizagem. Só uma atividade querida e projetada pelos alunos pode fazer da vida escolar uma vida que eles sintam que vale a pena viver.
- 3)Uma escola onde os professores simpatizem com as crianças que só através da atividade progressiva dos alunos podem eles se educar, isto é, *crescer*, e que saibam ainda que *crescer* é ganhar cada vez melhores e mais adequados meios de realizar a propria personalidade dentro do meio social onde se vive”.²³

Podemos ver como a ideologia da “Escola Nova” é centrada na criança - lê-se aluno - e o professor é visto como um “guia”, que oferece ao estudante os recursos para que este, sozinho chegue às conclusões, considerando o seu conhecimento de mundo. Cabe ao professor, ainda, motivar o aluno a estudar as disciplinas, que são distribuídas de acordo com o “centro de interesses ou projetos” destes estudantes. Com estas ferramentas, o aluno será capaz de desenvolver seu estudo, que envolve o esforço para resolver um problema ou mesmo executar um projeto.

Esta centralização da escola no aluno só pôde ser concebida na doutrina da escola nova porque houve, à época - década de 20 e 30 do século XX -, mudanças sociais e culturais, não só no Brasil como no mundo, que permitiram tratamento diferente à criança, refletindo, assim, nos modos de constituição familiar e na educação.

A noção de escola como instituição surge no século XVII, e com ela a concepção de criança. A partir do advento da escola, as relações familiares sofrem alterações; a aprendizagem em casa cede espaço para o ensino e aprendizagem fora do ambiente estritamente familiar.

²³ Idem, *ibidem*, p.54.

Sendo assim, a escola, ao longo dos séculos, foi fundamental para a transformação da imagem de criança, no sentido de considerar a infância como um período “especial” da vida dos indivíduos. O fato de as crianças saírem do convívio estrito com adultos e terem um espaço entre “iguais” que se encontram na instituição de ensino, faz com que esta seja, junto à família, o espaço de mediação entre a criança e a sociedade.

Nesta sociedade que se organiza ao redor da escola, e, sobretudo, na relação da criança e da família com a instituição, teremos outras implicações, pois

“a criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária. Todavia, a função que lhe cabe desempenhar é apenas de natureza simbólica, pois se trata antes de assumir uma imagem perante a sociedade, a de alvo de atenção e interesse dos adultos, que de exercer uma atividade econômica ou comunitariamente produtiva, da qual adviesse alguma importância política e reivindicatória. Como decorrência, se a faixa etária equivalente à infância e o indivíduo que a atravessa recebem uma série de atributos que o promovem coletivamente, são esses mesmos fatores que o qualificam de modo negativo, pois ressaltam, em primeiro lugar, virtudes como a fragilidade, a desproteção e a dependência”.²⁴

O que se pode observar a partir destas considerações sobre o novo papel da criança na sociedade é que sua imagem é construída de acordo com as mudanças culturais. Especificamente no Brasil, o êxodo rural, ou seja, a migração do espaço rural para o urbano foi um fator determinante na alteração da imagem infantil; as famílias que trabalhavam nas plantações no final do XIX e começo do XX passam a morar na cidade, principalmente devido ao processo de industrialização. Muitas vezes, o novo modo de produção as faz trocar a roça pelas máquinas. Assim, associado a este crescente processo de industrialização, houve o de escolarização. O Estado tornou a escola obrigatória, o que ajudou

²⁴ Lajolo, Marisa; Zilberman, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias*. São Paulo, Ática, 6ª edição, 1999, p.17.

"a enxugar do mercado um contingente respeitável de operários mirins, ocupantes, nas fábricas, dos lugares dos adultos, isto é, dos desempregados que, na situação de prováveis subversivos ou criminosos, agitavam a ordem social sob o controle dos grupos de poder".²⁵

Esta escola que era - grosso modo - democrática, porque abrangia os diferentes segmentos da população na esteira de uma nova sociedade brasileira, concebe de uma nova maneira a criança, dando-lhe instrumentos que possibilitem constituir-se enquanto cidadãos. A instituição escolar, por sua vez, ao fortalecer a relação com a indústria cultural que cerca a criança, também cria seus instrumentos para que o elo entre o universo infantil e o da instituição escolar não se quebre. Um dos objetos de sustentação desta ligação será o livro, que faz parte de vida estudantil, pois só poderão lê-lo aqueles que passarem pela escola. Estreita-se, então, com esta indústria cultural voltada para a criança, as relações entre literatura/leitura e escola: uma legitimando e fortalecendo o poder da outra.

Esta nova criança que passa a habitar esta - também nova - sociedade industrial e escolarizada terá a seu serviço mercadorias que lhes darão *status* diferenciado dos adultos, o que altera, então, o modelo de criança, vista antes, como um adulto em miniatura.

A produção de livros voltados para a infância é um interessante - e polêmico - exemplo desta modificação, que exigirá do adulto um olhar diferente sobre a criança e o período da infância, rompendo-se o moralismo que predominava.

Mas, como se configura, então, a produção de livros para crianças? Quais os tipos de livros escritos nas primeiras décadas do século XX que podem nos trazer uma imagem infantil brasileira?

No conteúdo da literatura voltada para crianças temas como a pátria, o trabalho, e a exaltação da infância até então cantados em prosa e verso tendem a enfraquecer.

Esta visão de criança sofre alterações a partir da segunda década do século passado, quando temos difundidas as novas teorias sobre educação. Estas não colocam mais as crianças

²⁵ *Op. Cit.*, p.18.

como meros seres a serem adestrados para os comportamentos e condutas moralmente aceitáveis; tal situação interfere na literatura, que passa, então, do estatuto de "moralizante" ao de "pedagogizante". A escola, mais uma vez, vai dar sustentação à literatura e à leitura, e os autores produzirão textos de acordo com a necessidade do público consumidor; como diria Lobato "os meus livros são escritos por elas [crianças] através de mim" ²⁶, ou seja, a partir desta nova concepção de infância, há também novidade na produção de literatura infantil. E Lobato será o grande renovador da novidade na década de 30.

1.2 A produção lobatiana no período de 1930.

As obras infantis publicadas ao longo de 1930 integram, num primeiro momento, a coleção "Biblioteca Pedagógica", organizada e fundada por Fernando de Azevedo ²⁷, no ano de 1930.

O período de 1930 é inaugurado com a publicação de *Reinações de Narizinho*. Esta obra teve suas primeiras versões publicadas, em 1921, na *Revista do Brasil*. Depois foi publicada em livro, com o já conhecido título *A menina do Narizinho Arrebitado*. Durante a década de 20, Lobato escreve e publica histórias independentes, como *O Noivado de Narizinho*, *O circo de Escavalinho*, *A cara de Coruja* (cf. tabela III, página 21); em 1931, estas histórias são devidamente compiladas, transformando-se nas *Reinações de Narizinho*, obra

²⁶ Cf. Cavalcheiro, Edgar. "Monteiro Lobato e as Crianças". *O Estado de S. Paulo*, 1943.

²⁷ Fernando de Azevedo nasceu a 2 de abril de 1894, na cidade de São Gonçalo do Sapucaí, MG e faleceu em São Paulo-SP; em 18 de setembro de 1974. Em 1917, ingressou no jornalismo como crítico literário. Como colaborador de *O Estado de São Paulo* levantou o inquérito sobre a instrução pública que objetivava a criação da Universidade, publicado em livro em 1937 e incorporado as suas obras literárias sob o título *A Educação na Encruzilhada*. Fundou a Associação Brasileira de Educação, em 1924, e deu corpo ao movimento pela reforma do ensino por intermédio das "Conferências de Educação", em 1922. Foi fundador, organizador e diretor da Biblioteca Pedagógica Brasileira e da coleção Brasileira. Participou de manifestos e de movimentos como o da Escola Nova (1932) e o da fundação da Universidade de São Paulo, da qual foi um dos planejadores. Entre 1941/43 foi Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; foi também o primeiro ocupante da cadeira de Sociologia naquela Universidade. Foi Secretário da Educação e Saúde do Estado de São Paulo (1945) e Secretário da Educação e Cultura da Prefeitura de São Paulo (1961). Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1968, onde ocupou a cadeira de número 14. In : FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (www.bn.br, último acesso em 28/09/03).

mencionada abaixo pelo autor. Lobato, nesta carta, explica a Godofredo Rangel o processo de construção de seu livro:

“Tenho em composição um livro absolutamente original, *Reinações de Narizinho* - consolidação num volume grande dessas aventuras que tenho publicado por partes, com melhorias, aumentos e unificações num todo harmônico. Trezentas páginas em corpo 10 - livro para ler, não para ver, como esses de papel grosso e mais desenhos do que texto. Estou gostando tanto, que brigarei com quem não gostar. Estupendo, Rangel! E os novos livros que tenho na cabeça ainda são mais originais”. (carta de 7/10/1931, in *A Barca de Gleyre*, 2ºtomo, p.328-329).²⁸

Quando retorna dos EUA, em 1931, Lobato parece ainda empenhado em levar adiante seu objetivo: escrever para crianças. Em carta a Rangel, enumera suas produções infantis mais recentes:

“Já viste *Reinações de Narizinho*? Vou falar na Editora que te mandem. Dei também *Alice no país das Maravilhas* e *Robinson*, tudo na mesma semana”. (carta de 3/12/1931, in *A Barca de Gleyre*, 2ºtomo, p.325).

Assim como a década de 20, a de 30 também é promissora para Lobato, porém, de maneira diferente: nos anos 20, sua profissão se dividia entre a de escritor e editor, situação que se altera na década de 30, quando Lobato abandona a posição de editor para dedicar-se primordialmente às questões que envolviam o ferro e o petróleo, sem, porém, abandonar o exercício literário. Sendo assim, os anos 30 são produtivos no que se refere à literatura infantil lobatiana. Em carta ao amigo Rangel, Lobato escreve sobre a explosão de idéias que terá, como resultado, livros:

“Vou fazer um verdadeiro *Rocambole* infantil, coisa que não acabe mais. Aventuras do meu pessoalzinho lá no céu, de astro em astro, por cima da Via Láctea, no anel de Saturno, onde brincam de escorregar...” (carta de 7/10/1931, in *A Barca de Gleyre*, p.329)

²⁸ A data da carta em *A Barca de Gleyre* é de 07.10.1934, porém, sabendo-se que *Reinações de Narizinho* fora publicado em 1931, o livro não poderia estar “em composição” no ano de 1934. Sendo assim, a carta foi provavelmente escrita em 1931.

Parte das idéias expostas na carta resultam efetivamente em títulos de sua vasta obra, como podemos ver nos títulos da tabela IV.

TABELA IV ²⁹

Títulos	Ano de Publicação
<i>Viagem ao Céu</i>	1932
<i>Historia do Mundo para Crianças</i>	1933
<i>Caçadas de Pedrinho</i>	1933
<i>Emília no país da Gramática</i>	1934
<i>Aritmética da Emília</i>	1935
<i>Geografia de D. Benta</i>	1935
<i>História das Invenções</i>	1935
<i>O Poço do Visconde</i>	1937
<i>O Picapau Amarelo</i>	1939
<i>O Minotauro</i>	1939

Concomitante aos lançamentos dos textos originais, Monteiro Lobato, na mesma década, adapta e traduz títulos da literatura infantil estrangeira:

TABELA V ³⁰

Títulos	Datas de Publicação
<i>Peter Pan</i> (tradução e adaptação)	1930
<i>Robinson Crusoe</i> (tradução e adaptação)	1931
<i>Alice no país das maravilhas</i> (trad. e adapt.)	1931
<i>Contos de Andersen</i> (tradução e adaptação)	1932
<i>Contos de Grimm</i> (tradução e adaptação)	1932
<i>Kim</i> (tradução)	1934
<i>Contos de Perrault</i> (trad. e adapt.)	1934

A unidade do "rocambole infantil" lobatiano deve-se à presença de um mesmo grupo de personagens: Emília, Narizinho, Pedrinho, o Visconde, D. Benta e Tia Nastácia, e de um espaço constante: o Sítio do Picapau Amarelo.

Nas aventuras vividas pelas personagens, nota-se fusão do real com o maravilhoso, mescla do "imaginário com o cotidiano real", como ressalta Nelly Novaes Coelho. Este vivenciar o maravilhoso como se fosse uma situação real, é talvez responsável pelo fato de

²⁹ Cf. Cavalheiro, Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. S. Paulo. Brasiliense, 1956.

³⁰ Camargos, Márcia et. Al. *Monteiro Lobato: furção na Botocúndia*. S. Paulo. Editora Senac, 2000.

que a viagem ao “país da Gramática” é vista sem grandes questionamentos pela turma do sítio, já que este cruzamento das situações reais com as ficcionais/fantásticas ocorre mesmo quando o autor se propõe a escrever sobre assuntos escolares.

A maneira lobatiana de tratar dos chamados “assuntos de escola” sugere influência de Anísio Teixeira, que, como vimos anteriormente, foi um dos grandes teóricos a difundir e aplicar os preceitos da “Escola Nova”. Lobato, por sua vez, interessa-se pela idéia, e seus livros voltados para consumo escolar terão, além da mescla ficção/realidade, a criança como centro na construção do conhecimento.

A aproximação de Monteiro Lobato com a escola vem desde os anos 20, quando, a partir da publicação de *A menina do Narizinho Arrebitado*, a instrução pública de São Paulo recomenda que a obra seja adotada em todas as escolas.

Nos anos 30, esta proximidade continua devido, talvez, à amizade com Anísio Teixeira; porém, a relação de Lobato com a escola se altera, à medida que este passa a produzir títulos nos quais o ensino e a aprendizagem das disciplinas gramática, aritmética, geografia, física e astronomia são o pretexto das aventuras das personagens do sítio. É interessante destacar que estes livros, embora considerados paradidáticos, mantêm a mescla ficção/realidade, ou “instrução e recreação”, como escrevera Lobato, ao comentar o livro *Saudade*, de Thales de Andrade.

E é isso de que trataremos numa análise mais detalhada das edições e da repercussão de *Emília no país da Gramática*.

CAPÍTULO 2

Emília no país da Gramática

Emília no país da Gramática.

"Não se pode escrever sem público e sem mito - sem um *determinado* público criado pelas circunstâncias históricas, sem um *determinado* mito do que seja a literatura, que depende, em larga medida, das exigências desse público".

(J. Paul Sartre. In *O que é a literatura*).

2.0 As diferentes edições.

A primeira edição de *Emília no país da Gramática*¹ data de 1934 e sua trigésima nona edição de 1994; o livro atualmente em circulação é a 48ª reimpressão desta 39ª edição, ou seja, trata-se de 87 edições em 70 anos.

Ao longo deste tempo, o livro sofreu alterações na capa, nas ilustrações, nos ilustradores e no texto; este último, até a edição das *Obras Completas*, de 1947, fora modificado por Lobato.

No período que se estendeu de 1934 a 1943 (1ª a 5ª edições, publicadas respectivamente nos anos de 1934, 1935, 1937, 1940 e 1943), a aventura de Emília e da turma do sítio no país da Gramática foi ilustrada por Belmonte, tinha 172 páginas, e era o volume 14, da 1ª série de literatura infantil da coleção "Biblioteca Pedagógica Brasileira", cuja direção era do ex chefe da "Instrução Pública do Rio de Janeiro", Fernando de Azevedo, e a publicação da Cia Editora Nacional.

ANO	ILUSTRADOR	EDITORA	TIRAGEM	PREÇO	PÁGINAS	COLEÇÃO
1934	Belmonte	Cia Editora Nacional	20000	7\$	172	Biblioteca Pedagógica Brasileira v. 14
1935	Belmonte	Cia Editora Nacional	10000	7\$	172	Biblioteca Pedagógica Brasileira v. 14
1937	Belmonte	Cia Editora Nacional	10000	7\$	172	Biblioteca Pedagógica Brasileira v. 14
1940	Belmonte	Cia Editora Nacional	10000	7\$	172	Biblioteca Pedagógica Brasileira v. 14
1943	Belmonte	Cia Editora Nacional	10000	7\$	174	Biblioteca Pedagógica Brasileira v. 14
1947	Le Blanc	Brasiliense	-----	-----	302	Obras Completas v. 6

¹ Cf. a reprodução da primeira edição de *Emília no país da Gramática* nos "Anexos" desta dissertação.

Monteiro Lobato, após compilar suas *Obras Completas* adultas, e publicá-las em 1946, a partir de um contrato com a Editora Brasiliense, lança também, em 1947, através do mesmo contrato, a série infantil, da qual *Emília no país da Gramática* passa a ser o volume 6 e a ter 156 páginas; além disso, *Aritmética da Emília* pertence ao mesmo volume e as ilustrações passam a ser de André le Blanc.

A partir destas considerações acerca das diferentes edições de *Emília no país da Gramática* é importante analisar sua recepção, já que esta é parte integrante e fundamental da história editorial do livro.

2.1 A recepção de *Emília no país da Gramática*

Em 1935, Jorge Amado, no texto "Livros Infantis", faz as seguintes observações sobre *Emília no país da Gramática*:

(...) "De Lobato há um *Emília no país da Gramática*, que é uma obra-prima, um livro delicioso. Um livro que escrito em outra língua não a portuguesa daria celebridade e fortuna ao autor. (...) Lobato tem outra grande virtude para os pequenos leitores: a linguagem. Ele sabe a palavra que deve usar no livro infantil e isto é difícil".²

Configurando o que se considera hoje um paradidático, o livro foi adotado no ano de 1934 em instituições de ensino público no Rio de Janeiro; já em São Paulo, no ano de 1939, o livro sofreu restrições ao passar pelo Departamento de Educação do Estado na tentativa de adoção nas escolas públicas, justamente devido à linguagem e ao uso de certas palavras, tão elogiado pela crítica de Jorge Amado. Os pareceres das Secretarias de Educação dos Estados, que constam do "Fundo Monteiro Lobato" (CEDAE/IEL/Unicamp) revelam a intenção da circulação do livro no ambiente escolar. Abaixo estão os dois documentos das secretarias de educação, nas versões original e transcrita:

² Amado, Jorge. "Livros Infantis". In *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro. 06.01.1935.



AV. RIO BRANCO, 91-10°
Tel. 3-3997
C. POSTAL 1471

DEPARTAMENTO DO RIO DE JANEIRO
DA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO

Caixa Postal 1471
Av. Rio Branco, 91 - 10° and.
Tel. 3-3997

Rio de Janeiro, 7 de Julho de 1934.

Rua 311.
Dn. Monteiro Lobato.
Comp. Editora Nacional.
Rua das Cascaças 24/50.
CINCEPATO

Trabalho e Honra de Responsabilidade e de
Liderar, e grande e bom exemplo, pela literatura
nossa publicada "Emília no País da Gramática" - Livro que
vem prestar educação, que conhecemos e que vale a pena.

Aproveito a oportunidade para juntar as con-
gratulações da Associação Brasileira de Educação, minhas
parciais e cordiais.

M. Coriubaba
Marta Coriubaba
Secretária Geral.

**DEPARTAMENTO DO RIO DE JANEIRO
DA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO**

Caixa Postal 1471
Av. Rio Branco, 91 - 10.º and.
Tel. 3-3997

Rio de Janeiro, 7 de Julho de 1934.

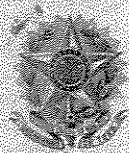
Exm.º Snr.
Dr. Monteiro Lobato.
Comp. Editora Nacional.
Rua dos Gusmões 24/30.
SÃO PAULO

Tenho a honra de transmitir-lhe o voto de louvor, aprovado a 2 do corrente, pelo livro recentemente publicado "Emília no país da Gramática" - livro que vem prestar à educação um concurso dos mais valiosos.

Aproveito a oportunidade para juntar às congratulações da Associação Brasileira de Educação, minhas

cordiais saudações

Marina Ribeiro Corimbaba
Secretária Geral



SECRETARIA DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CHEFIA DO SERVIÇO DAS INSTITUIÇÕES AUXILIARES DE ESCOLA
Rua D. Veridiana, 220 - Tel. 5-4116 - S. Paulo

Ofício n.º 1143

Assunto: Emília no País
da Gramática.

São Paulo, 13 de Novembro de 1939.

Ilmos. Srs. Diretores da Companhia Editora Nacional

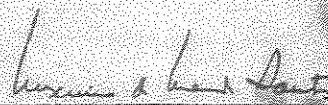
Rua dos Gusões

CAPITAL

Em execução ao programa que esta Chefia de Serviço se impôs, de cooperar com os editores no sentido de facilitar a difusão de livros de literatura infantil, junto remeto cópia do parecer apresentado à mesma pela comissão que estudou o livro "Emília no País da Gramática", da autoria do notável escritor patriótico Monteiro Lobato.

Esta Chefia, que subscreve os termos da referido parecer, não poderá opinar favoravelmente à autorização ^{para} que o livro em apreço possa constar em bibliotecas escolares, enquanto nas edições persistirem os trechos ou palavras apontados pela comissão.

Reitero a V. S. os protestos de elevada consideração.


Maximo de Moura Santos

(Chefe do Serviço das Inst. Aux. da Escola)

SECRETARIA DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CHEFIA DO SERVIÇO DAS INSTITUIÇÕES AUXILIARES DA ESCOLA

Rua D. Veridiana, 220 - Tel 5-4116 - S. Paulo

Ofício n.o:1143

Assunto: Emília no país
da Gramática

São Paulo, 13 de novembro de 1939.

Ilmos. Snrs. Diretores da Companhia Editora Nacional
Rua dos Gusmões

CAPITAL

Em execução ao programa que esta Chefia de Serviço se impôs, de cooperar com os editores no sentido de facilitar a difusão dos livros de literatura infantil, junto remeto cópia do parecer apresentado à mesma pela comissão que estudou o livro "Emília no país da Gramática", da autoria do notável escritor pátrio Monteiro Lobato.

Esta Chefia, que subscreve os termos do referido parecer, não poderá opinar favoravelmente à autorização para que o livro em apreço possa constar de bibliotecas escolares, enquanto nas edições persistirem os trechos ou palavras apontados pela comissão.

Reitero a V.S. os protestos de levada
consideração

Máximo de Moura Santos

(Chefe do Serviço das Inst. Aux. da Escola)¹

Tatiana Belinky, embora prefira as primeiras aventuras de Lobato, atribuiu mérito aos tipos de livro destinados à escola, os quais a escritora também gostava de ler, quando criança:

(...)“E da História, da geografia - sim, eu gostava desses livros, os “paradidáticos”. Hoje eu posso achar - saber mesmo - que os primeiros livros de Lobato, os de pura e desbragada fantasia, são melhores como literatura. Mas na época, eu me divertia igualmente com os tais paradidáticos. Afinal, também eles se passavam no Sítio do Picapau Amarelo, com suas informações gostosamente entrelaçadas com as peripécias e temperadas pelos comentários do pessoalzinho do Sítio. E eu sei por mim mesma e por observação que criança gosta de aprender, de ‘ficar sabendo coisas’, embora com carradas de razão, não goste de ser ostensivamente ‘ensinada’ e muito menos doutrinada”.³

Além dos textos críticos e dos pareceres, o estudo da recepção da obra inclui cartas de crianças⁴ que enfatizam a contribuição no aprendizado da língua a partir da aventura de Emília e das outras personagens do sítio ao país da Gramática. A correspondência trocada entre os leitores infantis de Monteiro Lobato e o escritor está depositada no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da USP, e faz parte do “Dossiê Monteiro Lobato”, onde existem 246 cartas de crianças, entre meninos e meninas, de diferentes faixas etárias. As cartas do IEB aqui transcritas tratam especificamente do livro *Emília no país da Gramática*. Transcreveremos, também, cartas de Monteiro escritas para duas crianças: Gilson e Maria Luíza.

³Belinky, Tatiana. “Sem fronteiras entre realidade e fantasia”. In. *Vozes do tempo de Lobato*, pp.231,232

⁴ Cf. nota do capítulo “Introdução”. As cartas foram gentilmente cedidas pela autora do projeto de IC.

2.2 Transcrição das cartas

Várias cartas de crianças a Monteiro Lobato mencionam *Emília no país da Gramática*. Escritas às vezes antes da publicação do livro (que vinha sendo provavelmente anunciada pelo escritor), e às vezes depois da leitura dele, esta correspondência confirma o sucesso da obra entre seu público alvo.

As cartas aqui transcritas⁵ revelam a expectativa das crianças com relação aos lançamentos das obras de Lobato, e a releitura dos livros já publicados, tal como na seguinte carta de Lucila Carvalho, escrita, provavelmente em 1934:

Caro Monteiro Lobato

Se não escrevi a mais tempo foi por uma viagem que fiz por causa do casamento de minha irmã e agora por causa dos exames.
Hoje relendo aquele livro Viagem ao Ceu lembrei que nos livros que fez depois dele não falam no anjinho, não o esqueça é tão engraçadinho!
Espero a resposta da carta dizendo qual o livro que vai sair (seu) mas diga o mês certo porque "Emília no país da Gramática" só saiu em maio⁶ (...).
Lucila A. Carvalho.

A proveitosa união escola/literatura/leitura revela-se no texto de Alariquinho, filho de Alarico Silveira, amigo de Lobato. Ao mesmo tempo em que a carta do menino aponta para esta proveitosa relação, ela também nos revela que a metodologia escolar do ensino de língua portuguesa passa pelo ato de *decorar*, e não *entender* o conteúdo, sendo esta última, talvez, função dos livros paradidáticos. Mais uma vez, a mistura ficção e realidade feita por Lobato tem êxito no que toca também o processo de aprendizagem dos assuntos escolares:

⁵ A ortografia das cartas transcritas foi preservada.

⁶ Carta disponível no IEB/USP. Caixa 1, pasta 3, carta 48.

26 de junho de 1934

Amigo Monteiro Lobato

Você fez bem em escrever este livro porque eu estou aprendendo gramática que é a coisa mais cacete do mundo. A professora me mandou decorar uns verbos e quando li o seu livro aprendi tudo. O pedaço que eu mais gostei foi na hora que eles foram visitar os vícios de pronúncia. Muito obrigado pelo lindo presente. Quando é que vem ao Rio?
(...)Receba um abraço de seu velho amigo Alariquinho”.⁷

Lobato parece ter visitado escolas, tal como podemos ver na carta de Edite Canto, do Rio de Janeiro, que é uma espécie de “porta-voz” dos alunos da escola visitada; ela ressalta a felicidade de todas as crianças - inclusive a dela - quando receberam do criador do sítio “a visita que ansiosamente” esperavam:

Rio, 30-8-934

“Prezado Sr. Monteiro Lobato.

Foi com viva satisfação que em 17 do mês corrente, recebi na escola a visita que ansiosamente esperava.

Causou-me grande prazer, conhece-lo pessoalmente, pois, por meio de fotografias não me contentava.

Todas as crianças ainda guardam as impressões deliciosas que o creador de Emilia no Paiz da Gramatica lhes deixou no decorrer da interessantissima palestra com que muito as alegrou e por isto vimos, por intermédio desta cartinha, com os nossos corações transbordando de contentamento, trazer os mais sinceros agradecimentos pelos minutos com que nos deliciou, e ainda pela última remessa de livros que tão gentilmente nos ofertou.

Sr. Monteiro Lobato, não me esqueci do oferecimento de uma sua fotografia que nos prometeu e que será colocada na parede no dia da inauguração da Biblioteca.

O senhor é digno de merecer esta homenagem por ser um dos grandes amiguinhos das crianças.

Esperando que a nossa escola continue a merecer a visita do notavel escritor para a satisfação de todos os colegas, subscrevi-me muitissimo grata.

Edite Canto⁸

⁷ IEB/USP. Caixa 1, pasta 2, carta 2.

⁸ IEB/USP. Caixa 1, pasta 1, carta 14

Rio 29 de agosto de 1934

Prezado amigo das crianças

Foi com imensa satisfação que recebi a sua inesperada visita. Prestei muita atenção á agradável paléstra sobre Emília, o Rinoceronte e outros personagens. Gosto muito dos seus livros e o que me despertou mais interesse foi, "Historia do Mundo para crianças", é muito interessante; agora estou lendo Emília no Paiz da Gramatica. É ótimo!

Terei muito prazer se a sua visita for repetida novamente, o mais breve possível.

Muito grata despede-se a aluna do 5º ano da 1ª Escola Experimental,
Gisela Rios de Menezes e Souza⁹.

A admiração das crianças pela obra e pela figura de Lobato enquanto escritor parece aumentar graças às respostas do autor às cartas de seus leitores. Dispomos de poucos exemplos destas cartas-resposta, mas temos fortes indícios de que Lobato respondia às cartas das crianças. É o caso, por exemplo, da carta abaixo transcrita, em que Gilson apenas menciona que sua carta escrita anteriormente obteve resposta.

Rio 2-3-934

Caro Monteiro Lobato:

Como vai passando?

Agradeço-lhe imensamente a sua resposta.

Mas quero-lhe importunar "mais uma vezinha só" perguntando lhe se o meu nome sairá em: "Emília no paiz da Gramatica"?

Você disse que Emília anda "pintando o '7'" com a gramatica quero ver as asneiras que ela vai dizer da gramatica.

Eu gosto muito de voces aí.

Diz a Emília para brigar menos com Tia Nastácia porque senão ela morre. (ouvi dizer que Emília é de pano mas é forte como que.)

Ainda não sabes que fiz anos hontem. Adeus estou treignando para jogar box com o campeão infantil do meu club. Le do Campo.

Estou jogando box nas ferias para ficar mais forte.

Obrigado pela sua cartinha

Saudades de papae e de todos do seu amigo¹⁰

Gilson Maurity dos Santos.

⁹ IEB/USP. Caixa 1, pasta 1, carta 17

¹⁰ IEB/USP. Caixa 1, pasta 1, carta 6.

Não demora também a carta de Lobato a Oliveira Viana¹¹(1883-1951), em 15 de agosto de 1934, relatando a respeito do sucesso da aventura ao país da gramática entre as crianças cariocas:

"(...)A minha Emília está um sucesso entre as crianças e os professores. Basta dizer que tirei uma edição inicial de 20.000 e o Octales está com medo que não agüente o resto do ano. Só aí no Rio, 4.000 vendidas num mês". (in Nunes, Cassiano. *Monteiro Lobato Vivo*, p.95)

Ao lado destas cartas infantis que atestam o sucesso deste Lobato paradidático entre seus leitores, duas cartas enviadas por Monteiro Lobato ao menino Gilson, e que constam do livro de Eliane Debus¹², podem levar à compreensão dos bastidores da leitura do livro que incluem desde certas intenções do autor até questões de sua materialidade, como problemas de impressão e projeto de ilustração.

A primeira carta de Lobato destinada a Gilson abaixo transcrita, é a resposta positiva ao pedido do menino de entrar nas aventuras do sítio de D. Benta, fato que parece não se concretizar, pois não há menção do nome "Gilson" em nenhum livro do escritor. Além disso, Lobato, pretendendo garantir um leitor, anuncia *Emília no país da Gramática* com as seguintes palavras: "Você não imagina como a Emília pinta o sete com a gramática - ela e o rinoceronte, que é um sabidão de marca".

¹¹ Oliveira Viana (Francisco José de O. V.), jurista, professor, etnólogo, historiador e sociólogo, nasceu em Rio Seco de Saquarema, em 20 de junho de 1883, e faleceu em Niterói, RJ, em 28 de março de 1951. Eleito em 27 de maio de 1937 para a Cadeira nº. 8 da ABL, sucedendo a Alberto de Oliveira. www.abl.br. Acesso em 23/09/04.

¹² Debus, Eliane. *Monteiro Lobato: esse conhecido*. Santa Catarina, 2004.

Carta I

S. Paulo, 26,2,934.

Amigo Gilson:

Recebi sua cartinha de 23 do corrente se não me engano respondi à primeira carta que você me escreveu. E se respondi foi dizendo que sim, que vai também entrar nas aventuras dos netos de dona Benta.

Há tantos meninos e meninas que querem entrar nessas aventuras que a pobre dona Benta esta tonta - e anda pensando em comprar um novo sítio para aumentar o que já tem. Isso porque no sítio do Picapau Amarelo não cabe tanta gente.

O livro *Emília no país da Gramática* só agora é que entrou para a tipografia. Demorou por causa do homem que ia fazer os desenhos e que ficou atrapalhado. Creio que lá pelo mês de Abril este livro sai. Você não imagina como a Emília pinta o sete com a gramática - ela e o rinoceronte, que é um sabidão de marca.

Enquanto escrevo esta tenho aqui do lado o Visconde que chegou hoje do sítio para me contar a história da briga da Emília com a tia Nastácia. Ele aproveita a ocasião para mandar lembranças ao amigo Gilson.

Fico sabendo que seu pai vai fazer uma conferência em S. Paulo e se puder lá irei. Não prometo porque ando muito sem tempo, estou furando um poço profundíssimo para achar o petróleo e esse serviço me come o tempo inteiro.

Adeus, meu caro amigo Gilson. Muito obrigado da sua cartinha. Saudades de dona Benta, da Emília, do Visconde, de Rabicó e de todos.

Seu amigo

Monteiro Lobato

Av. Aclimação, 483

Carta II

Senhor Gilson:

Recebi suas duas cartas e se não respondi a primeira foi porque a Emília andava a me amolar com seu passeio ao país da Gramática. Afinal a diabinha fez o tal livro, com quase cem desenhos de Belmonte, e agora estou a rever as provas tipográficas para que saia sem nenhum erro. Emília não quer saber de erros nos livros que ela aparece.

Lá pelo fim deste mês talvez o livro saia - e você, senhor Gilson, vai aprender muita coisa brincando. O rinoceronte está mais sabido que todos os gramáticos do Brasil juntos. Ele é que acompanhou a criançada pela cidade da língua e foi explicando tudo.

Você tem razão com o Visconde. Todos ficaram muito tristes com a morte dele e aborrecido (sic) de tia Nastácia ter feito um novo Visconde errado. EM vez de sair Visconde saiu o tal Dr. Livingstone, que era muito sem graça. E foi e a diaba da negra deu um jeito e o Dr. Virou de novo o velho Visconde. Ele também foi passear na terra da gramática e lá fez uma coisa muito interessante, que você verá quando sair o livro. Não conto para não tirar a graça.

Emília está com idéia de escrever as memórias da Marquesa de Rabicó. Mas será que ela tem tanta coisa para contar? A vidinha dela é tão curta. Memórias só os velhos devem escrever, não acha?

O poço de petróleo está com 800 metros. Temos de furar até mil. Se sair petróleo, vai ser uma beleza. O Visconde irá montar uma refinaria para fazer gasolina e Emília vai comprar uma dúzia de automóveis para gastar a gasolina que o Visconde fizer.

Você não imagina como é interessante a vida no sítio de dona Benta. Todos os dias acontecem coisas do arco da velha.

A meninada deste país inteiro anda assanhada para ir passear por lá, mas dona Benta não quer. Costuma dizer: "Se estes meus dois netos, mais essa pestinha da Emília, me dão tanto trabalho imaginem se vem para aqui essa criançada toda do Brasil afora? Se não fosse isso não haveria melhor lugar no mundo para um menino como você passar umas férias. Eu só queria ver você lutar com o Rabicó. Sabe que ele é um bicho no boxe? Põe o Visconde a nocaute num round. Mas com o rinoceronte não se mete - por causa daquele chifirão na testa".

Adeus, mestre Gilson. Parabéns por ter lido a *História do mundo*. É lindo que os meninos aprendem, por isso não perca a *Gramática da Emília*. Adeus.

Esta segunda carta envolve questões da materialidade, pois o escritor conta que está revendo as provas tipográficas de *Emília no país da Gramática* e que o livro tem quase cem ilustrações de Belmonte. Lobato, na carta II, complementa as informações sobre a obra, dadas na carta I, escrevendo que o menino "vai aprender muita coisa brincando. O rinoceronte está mais sabido que todos os gramáticos do Brasil juntos. Ele é que acompanhou a criançada pela cidade da língua e foi explicando tudo".

Carta entre Maria Luiza e Monteiro Lobato

Maria Luiza, menina pelotense que mantém correspondência com o escritor paulista, tem uma de suas cartas que faz parte do acervo do CEDAE/IEL/Unicamp aqui transcrita .

A carta da menina ao escritor data de 1936; nela, a garota se apresenta (escrevendo seu nome, de sua filiação, nacionalidade), conta a Lobato um pouco da sua história de leitura, e faz interpretações acerca das obras lobatianas que já leu. Para construir a imagem de Monteiro Lobato, homem de letras, Maria Luiza associa à sua história de leitura, a produção literária do autor, que conta com originais, adaptações e traduções; sendo assim, ele “fala inglês porque traduziu *Pollyana*, fala italiano, porque traduziu *Pinocchio*, e alemão porque traduziu ‘Munchhausen’”. É também através dos livros, que Maria Luiza “percebe” que o escritor é ateu. Ao fazer estas associações na tentativa de construir a personalidade do homem Monteiro Lobato, a partir de seus livros, a menina se mostra inteligente, perspicaz, e capaz, portanto, de merecer a atenção do escritor:

Carta III

Pelotas, 11 de fevereiro de 1936

Querido Monteiro Lobato

Para começar minha carta digo que me chamo Maria Luiza, sou brasileira, minha mãe é francesa e meu pai brasileiro. Mamãe chama-se Marth P. Lima e papai José Pereira Lima e meu sobrenome naturalmente é uma árvore e uma fruta também. Escrevo esta carta para vos elogiar pelos bons livros que escrevestes. Somos ateus, e pelo livro "História do Mundo" percebi que vós o sois também. Tenho 12 anos, e vos confesso que já me acho "velha". Tenho uma biblioteca (que) de mais de, 110 livros, mas principalmente aprecio os vossos livros. Tenho quase toda biblioteca de Narizinho e ainda "Emília no país da Gramática", "Aritmética do Visconde" e não da sapeca da Emília, "História das invenções" em que acho que o senhor tem muita razão - "Ah, esta humanidade, umas minhoquinhas que nunca acabam de revolver a terra de seu canteiro." Isto é dumas minhas impressões da terra mas se eu escrevesse tudo o que pensasse da terra o senhor acabaria já incomodado com "eu" como diz Emília - Eu estava no colégio alemão e aos 11 anos acabei o 6º curso, mas agora estou me preparando para fazer o exame de admissão para o 1º ano do ginásio pelotense. Sei falar francês, alemão e compreendo um pouco de inglês. Notei que o senhor sabe falar inglês porque traduziu Pollyanna e Pollyanna moça e Aventuras de Huck Finn, até o senhor fala sobre ele em "Geografia de Dona Benta", esqueci-me de dizer que também tenho este livro e o livro "História do Mundo para crianças". Se eu um dia fosse na Dona Benta no sítio do Picapau-amarelo seria capaz de fazer mil aventuras, tanto que D. Benta e família seriam capazes de abrir os olhos maiores que "os grandes olhos de John Grafford como diz Emília de língua comprida. Muitas lembranças a todos e recomendações a tia Nastácia e uma beijoca à Emília.

Esqueci-me de dizer que o senhor fala italiano porque traduziu Pinocchio, e alemão porque traduziu "Munchhausen".

Acabo aqui minha carta e elogio-vos mais uma grande vez.

E à vós nossos grandes cumprimentos, (principalmente de mim)

Vossa grande desconhecida amiga Maria Luiza

(assina Pereira e Lima com o desenho de uma árvore e uma fruta)

P.S. Espero que o senhor nos escreverá a qual esperamos com impaciência.

Se desejar escrever = Rua Felix da Cunha no 754. Pelotas, Rio Grande do Sul¹³.

Estas cartas, sem dúvida, nos ajudaram a iluminar a história editorial de *Emília no país da Gramática* e a relação de Lobato com o universo infantil. É importante destacar, porém, que há um tema que une estas correspondências ao livro: o tratamento dado pelo escritor às questões da língua nacional. Há que se notar o destaque dado pelas crianças ao fato de aprenderem língua portuguesa com *Emília no país da Gramática*.

¹³ Carta do Fundo Monteiro Lobato. CEDAE/IEL/Unicamp.

2.3 Aspectos Lingüísticos e Literários de *Emília no país da Gramática*

O propósito desta análise do livro *Emília no país da Gramática* é estabelecer a relação língua - literatura presente nesta obra, com o objetivo de observar como Lobato construiu o universo da linguagem numa obra dedicada às crianças.

Emília no país da Gramática foi publicado em 1934. Mas, já em 1933, Lobato escreve a Anísio Teixeira:

(...) "Estou escrevendo *Emília no país da Gramática*. Está saindo estupendo. Inda agora fiz a entrevista de Emília, na qualidade de repórter do *Grito do Pica-Pau Amarelo*, um jornal que ela vai fundar no sítio, com o Venerabilíssimo verbo SER, que ela trata respeitosamente de Vossa Serência! Está tão pernóstica, Anísio, que você não imagina. Estamos pensando no J. Carlos para ilustrar este livro. Aqui não vejo nenhum desenhista capaz. Ou, se a Emília soubesse desenhar..."¹⁴ (carta de 21/11/1933)

No ano da publicação do livro, conta a Rangel, seu "amigo epistolar"

"Tenho empregado as manhãs a traduzir, e num galope. Imagine a batelada de janeiro até hoje: Grimm, Andersen, Perrault, *Contos de Conan Doyle*, *O homem invisível* de Wells e *Pollyana Moça*, *O livro da Jungle*. E ainda fiz *Emília no país da Gramática*" (*A Barca de Gleyre*, 2º tomo, carta de 16.06.1934).

Embora a visita ao Verbo Ser não seja início de *Emília no país da Gramática*, a história tem um trecho semelhante ao descrito por Lobato na carta:

"Emília teve uma grande idéia: visitar o Verbo Ser, que era o mais velho e graduado de todos os Verbos. Para isso imaginou um estratagema: apresentar-se no palácio em que ele vivia, na qualidade de um jornal imaginário - *O Grito do Pica- Pau Amarelo*

- Meu caro senhor - disse ela ao porteiro do palácio - eu sou redatora do *Grito do Pica- Pau Amarelo*, o mais importante jornal do sítio de Dona Benta, e vim cá especialmente para obter uma entrevista do grande e ilustre Verbo Ser. Será possível?

(...) Emília foi levada à presença dele e entrou muito tesa, com um bloquinho de papel debaixo do braço e um lápis sem ponta atrás da orelha (...)

- Salve, Serência! exclamou Emília, curvando-se diante dele, os braços espichados, à moda do Oriente. - O que me traz à vossa augusta presença é o desejo de bem servir

¹⁴ Nunes, Cassiano. *Monteiro Lobato Vivo*. Rio de Janeiro, MPM Propaganda, Record, 1986, p. 95

aos milhares de leitores do *Grito do Pica-Pau Amarelo*, o jornal de maior tiragem do sítio de Dona Benta”¹⁵ (...)

Os diálogos, que se compõem ao longo do livro de conversas entre as crianças, Quindim e os “habitantes do país”, que são as categorias gramaticais personificadas fez de *Emília no país da Gramática* o volume mais ilustrado das *Obras Completas* (1968), com 38 desenhos de J.U Campos e André Le Blanc; o exemplar *Aritmética da Emília*, da mesma coleção, tem 35; *Reinações de Narizinho*, contém 27 desenhos. As preocupações do autor com as ilustrações do livro já se manifestara em uma das cartas endereçadas a Gilson:

(...)“a Emília estava a me amolar com seu passeio ao país da Gramática. Afinal a diabinha fez o tal livro, com quase cem desenhos do Belmonte¹⁶, e agora estou a rever as provas tipográficas para que saia sem nenhum erro. Emília não quer saber de erros nos livros que ela aparece”.¹⁷

Apesar da estrutura predominantemente dialógica do livro, há um narrador em 3ª pessoa, cujas intervenções são mínimas. É este narrador que ainda antes da primeira conversa entre Pedrinho e D. Benta já antecipa seu conteúdo:

“D. Benta, com aquela paciência de santa, estava ensinando gramática a Pedrinho. No começo Pedrinho resingou”.

Após esta intervenção, há o diálogo entre o menino e a avó. A idéia de Pedrinho sobre gramática fica explícita logo no primeiro diálogo, pois estudar as regras gramaticais para ele não passava de uma “caceteação”, e trocar os brinquedos pelo estudo de uma disciplina tão desagradável era “maçada”:

¹⁵ Lobato, M. *Emília no país da Gramática*. São Paulo, Brasiliense, 1968.

¹⁶ A primeira edição tem 96 ilustrações de Belmonte.

¹⁷Cf. “Recepção de *Emília no país da Gramática*”, desta dissertação.

-“Maçada, vovó. Basta que eu tenha de lidar com esta caceteação lá na escola. As férias que venho passar aqui são para brinquedo. Não, não e não...
-Mas, meu filho, se você apenas recordar com sua avó o que anda aprendendo na escola, isso valerá muito para você mesmo, quando as aulas se reabrirem. Um bocadinho só, vamos! Meia hora por dia. Sobram ainda vinte e três horas e meia para os famosos brinquedos”. (p.03).

A avó consegue convencer o menino a estudar cotidianamente, e com suas explicações, muito diferentes das que Pedrinho tinha na escola, a “tal gramática até virava brincadeira”:

-“Ah, assim, sim! - dizia ele. Se meu professor ensinasse como a senhora a tal gramática até virava brincadeira. Mas o homem obriga a gente a decorar uma porção de definições que ninguém entende. Ditongos, fonemas, gerúndios”. (p.03).

A maneira como D.Benta, no sítio, ensinava a disciplina tão “cacete” levava seu aprendiz a verdadeiramente compreender o sentido daquilo que aprendia, enquanto na escola o professor o fazia decorar uma porção de conceitos. Na fala de Pedrinho está exposto o método que norteava o ensino de gramática na instituição: a obrigação, que muitas vezes elimina o prazer naquilo que se estuda, e o ato de decorar, e não entender os conceitos.

Pedrinho, ao diferenciar a maneira institucional de aprender gramática da que é ensinada pela avó no sítio, é porta-voz de Monteiro Lobato, que criticava o método convencional de aprendizagem escolar da língua (neste caso específico), propondo uma nova maneira de lidar com o conhecimento.

Esta nova maneira de lidar com o conhecimento é proposta pela irreverente boneca Emília, “um dia, depois de terminada a lição”:

-“Pedrinho - por que, em vez de estarmos aqui a *ouvir falar* de gramática, não havemos de *ir passear* no País-da-Gramática?”(p.3).

A idéia da boneca abre precedente para que se pense nesta nova metodologia pretendida por Lobato, e que tem por base os preceitos de Anísio Teixeira acerca da “escola

nova”: a escola foi pensada como “um lugar onde os alunos fossem ativos”¹⁸. Sendo assim, não era somente interessante *ouvir falar* de gramática, mas sim, vivê-la, propor questões sobre ela, investigá-la - enfim - conhecê-la; atrelado a tudo isto está a noção de passeio, ou seja, não se trata de obter o conhecimento por obrigação, mas por ação e prazer.

O menino, num primeiro momento, questiona a existência do tal lugar, dizendo que “Gramática é um livro”; a boneca, no entanto, reafirma que o país existe, argumentando que quem o conhece é Quindim, “que é um sabidão”.

O rinoceronte aparece pela primeira vez em *Caçadas de Pedrinho* (publicado em 1933), e é descrito como um animal tipicamente africano, “ferocíssimo e traiçoeiro” além de “incomodamente grande”¹⁹. Em *Emília no país da Gramática*, porém, a descrição dada pela bonequinha é diferente, pois o paquiderme, além de “sabidão”, é um “grandíssimo gramático”:

Emília pergunta a Pedrinho se ele quer conhecer o país da Gramática. O menino duvida da boneca, mas ela diz: [narrador em 3.ª pessoa]
-Existe, sim. O rinoceronte, que é um sabidão, contou-me que existe. Podemos ir todos, montados nele. Topa?
(...)E onde fica este país? Perguntou ela [Narizinho]
-Isso é lá com o rinoceronte, respondeu o menino - Pelo que diz a Emília esse paquiderme é um grandíssimo gramático.
-Com aquele cascão todo?
-É exatamente o cascão gramatical - asneirou Emília, que vinha entrando com o Visconde” (p.4)

O “cascão gramatical” de Quindim está associado aos conhecimentos de gramática do rinoceronte. Além de ter o “cascão”, o paquiderme é pesado e africano, portanto, estrangeiro; em última análise, talvez possamos considerar Quindim, uma metáfora da própria gramática da língua portuguesa do Brasil, a partir da visão de Lobato acerca de nossa língua: é pesada, ou seja, de difícil entendimento, e estrangeira, sobretudo na escrita, já que foi composta a partir das regras do português europeu.

¹⁸ Teixeira, Anísio. *Educação Progressiva: uma introdução à filosofia da educação*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1932.

¹⁹ In *Caçadas de Pedrinho*. S. Paulo, Brasiliense, 1968, p. 76.

É também em *Emília no país da Gramática* que Quindim, irônica e arbitrariamente recebe este nome da boneca. O diálogo que envolve a nomeação de Quindim se insere numa questão decisiva do ponto de vista do estudo da significação, iniciado por Saussure, no final do século XIX: a arbitrariedade do signo, explicada despretensiosamente, porém, de forma muito clara pela “botadeira de nomes do sítio”(p.07).

“Nisto dobraram uma curva do caminho e avistaram ao longe o casario duma cidade. Na mesma direção, mais para além, viam-se outras cidades do mesmo tipo.

-Que cidades são aquelas, Quindim? - perguntou Emília.

Todos olharam para a boneca franzindo a testa. Não havia ali ninguém com semelhante nome.

-Quindim - explicou Emília - é o nome que *resolvi* botar no rinoceronte.

-Mas que relação há entre o nome Quindim, tão mimoso e um paquiderme cascudo destes? - perguntou o menino ainda surpreso.

-A mesma que há entre sua pessoa, Pedrinho, e a palavra Pedro - isto é, nenhuma. Nome é nome, não precisa ter relação com o “nomado”.(p.07).

Finalmente, “no dia marcado partiram muito cedo, a cavalo, no rinoceronte, o qual trotava um trote mais duro que sua casca” (p.04). As crianças chegaram ao país montados no rinoceronte, e logo na entrada perceberam que o ar “chiava de modo estranho”, fato que intrigou as crianças:

-“Que zumbido será este? Indagou a menina. Parece que andam voando por aqui milhões de vespas invisíveis.

-É que já entramos em terras do País-da-Gramática - explicou o rinoceronte. Estes zumbidos são os Sons Orais, que voam soltos no espaço.

-Não comece a falar difícil que nós ficamos na mesma - observou Emília. Sons Orais, que pedantismo é esse?

-Som Oral quer dizer som produzido pela boca. A,E,I,O,U são Sons Orais, como dizem os senhores gramáticos.

-Pois diga logo que são letras!- gritou Emília.

-Mas não são letras - protestou o rinoceronte. Quando você diz A ou O, você está *produzindo* um som, não está *escrevendo* uma letra. Letras são sinaizinhos que os homens usam para *representar* esses sons. Primeiro há os Sons Orais; depois é que aparecem as letras, para marcar esses Sons Orais. Entendeu?” (p.p.04-05).

A explicação de Quindim começa pelos sons orais da língua, o que nos remete a duas idéias: a de que a língua teve sua origem no ato de fala, já que primeiramente os sons são

produzidos e depois é que estes se concretizam em ato de escrita, já que as letras são os “sinaizinhos que *representam* os sons”; e a de que as gramáticas normativas apresentam como conceito inicial os Sons Orais, isto é os Fonemas.

Quindim, como se pôde ver no diálogo anterior, não é mero condutor das crianças ao país da Gramática; por ser “grandíssimo gramático”, ele vai, através de suas explicações, facilitar o conhecimento sobre as regras da língua. O rinoceronte é, neste livro, *cicerone* da turma do sítio, ocupando, desta forma o lugar que nas outras histórias é de D. Benta.

A responsável por projetar as crianças a mundos nunca dante conhecidos é avó de Pedrinho e Narizinho, que merece atenção, pois é significativa na obra infantil de Lobato. D. Benta foi concebida, segundo Edgar Cavalheiro, biógrafo de Lobato, da seguinte maneira:

“Por que velha? Por que Benta?

Velha, porque se iam entrar crianças, era preciso botar uma velha, pois só as vovós aturam crianças e deixam-nas fazer o que querem. E Benta, por que? Num colégio em que estivera em Taubaté, havia um rapaz de nome Pedro de Castro, que às vezes contava histórias de sua avó Benta, lá de Macaé” (...) ²⁰

Esta, por sua vez, é uma mistura de mãe, avó, professora, intelectual. É graças às suas histórias que Narizinho, Pedrinho, Emília, o Visconde e os leitores conhecem matemática, literatura, história e astronomia de uma forma lúdica. No caso específico de *Emília no país da Gramática*, a velha avó participa somente no primeiro diálogo com o neto; pode-se pensar que ela é, nesta aventura, ao contrário do que acontece em outras de que ela participa, uma “coadjuvante”, pois é a partir das aulas dela que Emília tem sua grande idéia. A relação dialógica entre D. Benta e as crianças, tão constante e comum nas outras histórias, é apagada neste livro, para dar a Quindim a condição de *cicerone* da boneca e sua turma. Nesta viagem das crianças, D. Benta nem facilita o conhecimento, nem viaja na companhia da turma do sítio.

²⁰ Cavalheiro, Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. Tomo II. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1956

Uma possível explicação para o distanciamento de D. Benta da aventura ao país da Gramática relaciona-se ao fato de que há a necessidade da “experimentação” por parte das crianças, ou seja, para que estas aprendam, elas próprias têm que estar em contato direto com o conhecimento. A postura de Quindim é diferente da de D. Benta, pois ele não *ensina*, nem incentiva, como ela, a busca pelo conhecimento, ele *ajuda* a construir este conhecimento, que é, inclusive, direcionado pelas crianças, uma vez que são elas que escolhem o que querem aprender:

-“Mas chega de sons invisíveis - gritou a menina. Toca para adiante. Quero entrar logo no país da gramática”. (p.06).

-“Chega de Adjetivos - gritou a menina [Narizinho].Eu, não sei porque, tenho grande simpatia pelos pronomes”.(p.41)

“Estava finda a vista do Verbo Ter. O rinoceronte perguntou aos meninos se queriam assistir a outras.

-Não - respondeu Narizinho. Quem vê um verbo vê todos. Só quero saber que história é essa de Verbos **Regulares e Irregulares**”.(p.51)

-“Chega de Advérbios - berrou Emília. Vamos ver as Senhoras Preposições”. (p.62)

Considerando-se os pilares da filosofia da “Escola Nova” idealizada no Brasil pelo educador e amigo de Lobato, Anísio Teixeira, D. Benta na ficção lobatiana, pode ser a professora, na medida que ela constrói com seus “alunos” - que no caso são seus netos - uma relação baseada no diálogo, na troca, sem soluções pré-fabricadas ou conclusões precipitadas.

Uma de suas “alunas”, Narizinho, dá suas contribuições à construção da história da língua, porém, diferentemente de Pedrinho, já que suas atitudes parecem mais passivas diante do aprendizado. Narizinho observa mais que o garoto:

(...)“Por isso se chamam Substantivos, como quem diz que indicam a substância de tudo. Mas reparem que há uns orgulhosos e outros mais humildes.[fala de Quindim]
-Sim, estou notando - declarou a menina - Uns não tiram a mão do bolso e só falam de chapéu na cabeça. Outros parecem modestos. Quem são esses prosas, de mão no bolso?” (p.19)
(...)
“Pare com isso, Emília, que você até envergonha a espécie - advertiu Narizinho. - Continue, D, *Etimologia*, faça o favor!” (p.90).

A condição de observadora atribuída a Narizinho relaciona-se, talvez, ao fato de a menina aparentemente não possuir a educação formal, institucional, supostamente recebida por Pedrinho; é interessante lembrar que Narizinho é órfã e mora com a avó no sítio, enquanto o menino vai somente passar férias (eternas) no lugar. Sendo assim, Narizinho está mais próxima do universo rural, e Pedrinho do mundo urbano.

Emília, a boneca falante, expressa, talvez, toda a indignação do próprio Lobato com relação aos nomes “rebarbativos” e as regras da língua, sempre difíceis de aprender, segundo as personagens que se “metem” na aventura. As revoltas da boneca com a língua portuguesa se manifestam nas figuras do gramático e da gramática, que a todo momento são criticados por ela:

(...) “Quantos jeitos! Exclamou Emília. - Isso é que aborrece na língua. Em vez de haver um jeito só para cada coisa, há muitos. Tal abundância de jeitos só serve para dar trabalho à gente” (p.32)

-“Então você, Pena (dó), é Homônima, Homófona e Homógrafa de Pena (de escrever) - disse Emília que tinha prestado toda atenção - Que judiaria! Tão pequeninha e tão *xingada* pelos gramáticos de tantos nomes esquisitos”.(p.72)

”Que peste é a tal gramática! - disse Emília. - Tem coisas que não acabam mais. Só sinto que, em vez de ter comido o pobre pica-pau o gato não tivesse comido a Senhora Gramática, com todas estas damas que andam por aqui.”(p.125)

Retomando as questões de enredo do texto, Monteiro Lobato, apesar de mencionar na história a *Gramática Histórica* de Eduardo Carlos Pereira, sobre a qual nos debruçaremos no

capítulo “Monteiro Lobato e a Língua Portuguesa”, parece valer-se das divisões presentes na *Gramática Expositiva*, do mesmo autor, pois o plano de construção de ambas é semelhante.

A obra de Pereira divide-se em duas partes: a Lexeologia e a Sintaxe. Aquela, por sua vez, subdivide-se em Fonologia (estudo da fonética, da prosódia e da ortografia) e Morfologia (estudo da taxonomia e da etimologia). A sintaxe, exaustivamente trabalhada por Eduardo Carlos Pereira, tem como partes o estudo das Figuras de Sintaxe, dos Vícios de Linguagem e da Pontuação.

E Lobato, mesmo suprimindo os termos da nomenclatura, ou quando não os suprime, mescla-os com metáforas (“Em pleno mar dos Substantivos” é um exemplo), ainda assim, mantém as bases de construção da “gramática da Emília” muito próximas ao que fez o gramático.

“O tráfego naquela cidade não era bem regulado. Nada de flechas indicativas das direções, nem “grilos”²¹ políglotas que guiassem os viajantes. De modo que os meninos, em vez de darem no bairro das Sílabas, para onde pretendiam ir a fim de saber que história era aquela do Ditongo, foram parar num bairro desconhecido. [“narrador em 3ª pessoa] -Onde estamos? - quis saber Pedrinho. -No bairro da *Sintaxe* - respondeu Quindim. Esta cidade divide-se em duas zonas. A primeira é a zona da *Lexeologia*, onde todas as palavras vivem *soltas*, como vocês já viram. A segunda (esta aqui) é a zona da *Sintaxe*, onde as palavras só saem em *família*, casadinhas, com filhos e parentalha. Uma família de palavras chama-se uma *Oração*”. (p.104)

O escritor, assim como o gramático, toma como pressuposto as gramáticas filosóficas do século XVI, ao mesmo tempo em que incorpora duas correntes de estudo vigentes à época de escrita da obra: o estudo da origem e história das palavras, tal como se vê no capítulo “Uma nova Interjeição”:

²¹ “Grilos” nesta época significava guardas de trânsito.

(...) "BONECA, minha cara, é o feminino de BONECO, palavra que veio do holandês MANNEKEN, homenzinho. Houve mudança do M para o B - duas letras que o povo inculto costuma confundir. A palavra MANNEKEN entrou em Portugal transformada em BANNEKEN, ou BONNEKEN, e foi sendo desfigurada pelo povo até à sua forma de hoje, BONECO. Dessa mesma palavra holandesa nasceu para o português uma outra - MANEQUIM". (In "Uma nova Interjeição" p.80).

E os processos de formação vocabular podem ser vistos em "Emília forma palavras":

(...) "Narizinho depôs sobre a mesa um Substantivo pegado ao acaso - PEDRA.
-Segure-o bem, se não ele escapa - recomendou Emília; e agora, Pedrinho, corte a Desinência deste Substantivo dum só golpe. Vá!
-Mas esta faca será capaz de cortar PEDRA? - indagou o menino, de brincadeira, só para ver o que a boneca dizia. A diabinha, porém, estava tão interessada na operação cirúrgica que apenas gritou:
-Corta e não amole!
(...)
-Pronto! - exclamou Emília. O pobre Substantivo está reduzido a uma simples Raiz. Venha ver, Dona ETIMOLOGIA, como é engraçadinha esta Raiz.
Mas a velha, que andava farta e refarta de lidar com Raízes, nem se mexeu do lugar. Emília, então, tomou um dos Sufixos tirados da gaveta, justamente o ARIA, e fez a ligação com um pouco de cuspo. Imediatamente surgiu a palavra PEDRARIA". (p.84)

Ao longo do passeio pelos vícios de linguagem, Dona Etimologia é definida no capítulo

"Uma nova Interjeição":

(...) "A ETIMOLOGIA não conhece as coisas, só conhece as palavras que *designam* as coisas. De modo que ao ouvir aquela pergunta [A senhora conhece a África] julgou que a boneca se referisse à palavra África, e respondeu:
-Sim, é uma palavra de origem latina, ou melhor, puramente latina, porque não mudou. A propósito...
-Espere - interrompeu Emília. A história da palavra África não nos interessa. Preferimos conhecer a história de outras palavras mais importantes, como por exemplo, BONECA". (p.78)

A própria Etimologia é quem apresenta à turma - no capítulo "Vícios de Linguagem" - os vícios enjaulados. Esta apresentação se caracteriza pelas definições de cada um dos presos:

"Emília espiou para dentro do primeiro cubículo, onde um monstro cabeludo estava a roer as unhas. Era o **Barbarismo**.

-Que mal fez ao mundo este "cara de coruja"? - perguntou ela.

-Gosta de fazer as pessoas errarem estupidamente na pronúncia e no modo de escrever as palavras. Sempre que você ouvir alguém dizer PORIBIR em vez de PROIBIR, SASTIFEITO em vez de SATISFEITO, PÚDICO em vez de PUDICO, PERCURAR ou PERCISA, em vez de procurar ou precisa, saiba que é por causa deste cretino.

(...)E este? - perguntou.

-Este é o tal **Solecismo**, outro idiota que faz muito mal à língua. Quando uma pessoa diz: HAVIAM MUITAS MOÇAS NA FESTA, em vez de HAVIA MUITAS MOÇAS NA FESTA, está cometendo um Solecismo(...) são tantas outras belezas que saem da cachola deste imbecil.

(...) -E esta "bi-carada"? - perguntou.

-Esta é a **Anfibologia**, que faz muita gente dizer frases de sentido duplo, ou duvidoso, como: ELE MATOU-A EM SUA CASA. Em casa de quem, dele ou dela?(...)

(...) -E esta pretura? - perguntou.

-Esta é a **Obscuridade**, que faz muita gente dizer frases sem nenhuma clareza, dessas que deixam quem as ouve na mesma.

-E este porcalhão? - perguntou

-Este é o **Cacófaton**, que faz muita gente ligar palavras de modo a formar outras de sentido feio, como aquele sujeito que ouviu no teatro uma cantora e foi dizer a um amigo: ELA TRINA QUE NEM UM SABIÁ...

(...)-Este é o **Arcaísmo**, que faz muita gente pedante usar palavras que já morreram há muito tempo e que, portanto, ninguém mais entende.

(...)- E este aqui, tão chique? - perguntou

-Este é o **Neologismo**. Sua mania é fazer as pessoas usarem expressões novas demais, e que pouca gente entende.

Emília, que era grande amiga de Neologismos, protestou.

-Está aí uma coisa com a qual não concordo. Se numa língua não houver não houver Neologismos, para que a humanidade não se acabe, também é preciso que haja na língua uma contínua entrada de Neologismos. Se as palavras envelhecem e morrem, como já vimos, e se a senhora impede a entrada de palavras novas, a língua acaba acabando. Não! Isto não está direito e vou soltar este elegantíssimo Vício, já e já...

(...)-Este é o **Provincialismo**, que faz muita gente usar termos só conhecidos em certas partes do país, ou falar como só se fala em certos lugares. Quem diz NAVIU, MÉNINO, MECÊ, NHÔ etc. está cometendo Provincialismos.

Emília não achou que fosse caso de conservar na cadeia o pobre matuto. Alegou que ele também estava trabalhando na evolução da língua e soltou-o.

-Vá passear, Seo Jeca. Muita coisa que hoje esta senhora condena vai ser lei um dia. Foi você quem inventou o VOCÊ em vez de TU e só isso quanto não vale? Estamos livres da complicação do Tuturututu. Mas não se meta a exagerar senão volta para cá outra vez, está ouvindo?

Comparando, do ponto de vista didático, como são definidos estes mesmos termos - a Etimologia e os Vícios - nas *Gramática Expositiva*, de Eduardo Carlos Pereira, voltadas para o ensino Elementar e Superior, e na *Gramática Histórica*, do mesmo autor, já que ele é mencionado na aventura de Emília e das crianças do sítio.

As definições de Etimologia das *Gramática Histórica* e *Expositiva* - Curso Elementar ²² são as seguintes:

<i>Gramática Histórica</i>	<i>Gramática Elementar</i>
"O estudo da Etimologia nas grammaticas antigas comprehendia a <i>natureza</i> e <i>classificação</i> das palavras, isto é, o estudo das <i>categorias grammaticas</i>. E é este ainda o domínio que lhe dão muitos grammaticos em seus compendios. Modernamente, porém, com o desenvolvimento scientifico, que assumiu o estudo da origem do lexico, a Etimologia tende, no dominio grammatical, a cingir-se á sua accepção lexicologica no estudo da genese e formação historica dos vocabulos. <i>Etimologia</i> (gr. <i>Etymo=verdadeiro, logos + ia=palavra</i>), é, pois, no dominio da Grammatica historica, o estudo da origem do lexico em sua triplice fonte - <i>latina, vernacula e estrangeira</i>". (<i>Gramática Histórica</i>, p.165).	"<i>Etimologia</i> é a parte da Morphologia que estuda a <i>origem</i> e a <i>formação do lexico</i>, isto é, do vocabulario da lingua" (<i>Gramática Expositiva</i>- Curso Elementar, p.155).

Assim como a Etimologia, os Vícios de Linguagem (que não constam da *Gramática Histórica*) recebem tratamento diferente nas gramáticas, se comparadas com o livro *Emília no país da Gramática*.

A *Gramática Expositiva* - Curso Elementar e a *Gramática Expositiva* - Curso Superior - apresentam os mesmos vícios mostrados por D. Syntaxe em *Emília no país da Gramática*. No entanto, as definições diferem quanto ao estilo de escrita utilizado por Eduardo Carlos Pereira. As explicações dos assuntos nas gramáticas estão associadas à idéia de imposição dos conceitos, revelados, principalmente, pelo uso do verbo ser (é). É interessante notar, ainda, que as informações a que Lobato atribui relevância são, nas duas gramáticas de Pereira,

²² A grafia das gramáticas foi respeitada.

relegadas à categoria de “notas” ou “observações”. Como se trata de duas gramáticas normativas, voltadas para o ensino escolar, nestas não se inclui o sujeito falante em suas definições, nem a noção de evolução da língua, fatos que aparecem, em alguns momentos, nas “notas” e “observações”:

“Barbarismo é o emprego de termos estranhos á lingua, quer na sua fórma quer na sua idéa. Os barbarismos na fórma são erros **prosódicos** ou **otográficos**. Os barbarismos na idéa consistem no uso desnecessario de termos estrangeiros e de termos em accepção extranha á lingua.

Solecismo é qualquer erro synthatico de concordancia ou regencia, ex: “*Haviam muitas senhoras na sala*”, por “*havia* muitas senhoras”.

Nota. - A palavra *solecismo* vem de *Soles*, colonia grega, cujos habitantes corromperam de tal fórma a lingua grega, que solecismo veio a significar *falar errado*.

Amphibologia ou **ambiguidade** consiste em offerecer a phrase sentido duplo ou duvidoso, exs: “*Elle prendeu o ladrão em sua casa*”, onde fica duvidoso si na casa dele ou do ladrão.

Obscuridade consiste na falta de clareza pela disposição enleada da phrase, como se vê no seguinte exemplo: “*Certo é que quaesquer historias muito melhor, se entendem, perfeitamente e bem ordenadas, que o sendo por outra maneira*” (Gr. De Pacheco Junior)

Cacophonia ou **cacophaton** consiste na junção de duas palavras de modo tal que se forme uma outra de sentido torpe ou ridiculo, ex: “*Alma minha gentil, que te partiste*”.

Archaismo é o uso das palavras ou expressões antiquadas, cahidas em desuso: *bofé, oganno*, etc.

Obs: As palavras, como as modas, passam e desaparecem, como estas reapparecem muitas vezes. Aos escriptores abalizados e criteriosos cumpre abrir a “veneranda fonte dos genuinos classicos” e soltar “as correntes da antiga san linguagem”.

Neologismo é o phenomeno contrario ao archaismo, e consiste no emprego de palavras *novas* - quer formadas no seio da lingua, quer importadas de linguas estrangeiras.

Obs.- O **neologismo** obedece, em geral, á lei do progresso e evolução linguistica, e deixa de ser um vicio quando necessario para expressão de uma idéa nova, ou quando formado de accordo com o genio da lingua. Não obedecendo ao criterio esclarecido de judiciosas conveniencias literarias, o archaismo e neologismo constituem elementos de obscuridade, e tornam-se verdadeiros *barbarismos*.

Dá-se o nome de **provincialismo** ás differenças locaes no modo de falar, existentes nas diversas provincias ou territorios de mesmo paiz”. (*Gramática Expositiva-Curso Elementar*, pp.248-256).

A principal diferença que Edith Pimentel Pinto aponta, em seu texto "A Gramatiquinha de Monteiro Lobato"²³, entre a gramática de Pereira e a de Lobato é o modo como este trata a Ortografia, já que a desloca de parte da morfologia para a parte final da obra, seguindo-se à Pontuação.

Segundo Pimentel Pinto, Lobato

"Ao desvincular a Ortografia do estudo dos "sons", quando ele próprio defendia a reforma dita fonética, quebrava um elo fundamental. Ao mesmo tempo, removendo o assunto para o fim do livro, punha em destaque a mais clamorosa questão da época - a reforma ortográfica".

A posição assumida pelo escritor, no livro, face à Ortografia, é de independência, porém, claramente prefere a Ortografia Simplificada, ao invés da Etimológica. "Emília ataca o reduto Etimológico" e briga com D.Etimologia, que por sua vez está rompida com a Ortografia Simplificada. O diálogo entre a Ortografia Etimológica e a Simplificada ilustra este fato:

"Emília entrou e deu com uma velha de nariz de papagaio e ar rabugentíssimo, que tomava rapé em companhia dum bando de velhotes mais rabugentos ainda, chamados os CARRANÇAS.

-Com que então - foi dizendo a boneca - a senhora está de briga com a Ortografia Simplificada e não admite que estas pobres palavras se vistam pelo figurino "que de um momento para outro mudem e virem aí umas sirigaitas "fonéticas". As palavras têm uma origem e devem trajar-se de modo que quem as lê veja logo donde procedem.

(...)

- A senhora canta muito bem, mas não entoa. Talvez tenha até carros de razão. Entretanto, ignora a maçada que é para as crianças estarem decorando um por um o modo de escreverem as palavras pelo sistema antigo. Os velhos carranças é natural que estejam do seu lado, porque já aprenderam pelo sistema antigo e tem preguiça de mudar; mas as crianças estão aprendendo agora e não há mais razão para que aprendam pelo sistema velho, muito mais difícil. Eu falo aqui em nome da criança. Queremos a ortografia nova porque ela nos facilita a vida. Quanto menos complicações, melhor. Por isso vim cá conversar com as palavras para conhecer-lhes a opiniãozinha.

- Quem governa as palavras sou eu e só eu falo em nome delas.

-Pois a sua opinião de modo nenhum me interessa. Eu já a conheço. Quero, agora, conhecer a opinião das palavras, está ouvindo? Se elas pensarem como a senhora, nesse caso já não está aqui quem falou. Mas se pensarem como eu, ah, então a senhora tem que ver fogo com o meu Quindim...

-Quem é esse Quindim? - perguntou a velha de testa franzida.

²³ Pinto, Edith Pimentel. "A Gramatiquinha de Monteiro Lobato". In *Revista Leitura*. S.Paulo, 08 de setembro de 1989.

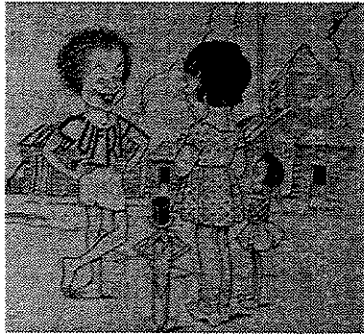
- A senhora saberá no momento oportuno, com um P só, está ouvindo?"
(p.144)

Para além da estrutura dialógica que facilita a compreensão do público leitor, também a representação gráfica que personifica palavras, faz com que a grafia delas, represente seu corpo (conferir ilustrações na página seguinte). Associados aos diálogos, este procedimento potencializa a compreensão do leitor lobatiano, além de estabelecer por completo a relação texto-imagem, já que as palavras graficamente representadas contam também, em forma de texto, sua história:

(...) "Narizinho parou diante de uma palavra muito velha, bem coroca, que estava catando pulgas históricas à porta dum casebre. Era a palavra BOFÉ.
-Então, como vai a senhora? - perguntou a menina, mirando-a de alto a baixo.
-Mal, muito mal - respondeu a velha. No tempo de dantes fui moça das mais faceiras e fiz o papel de ADVÉRBIO. Os homens gostavam de empregar-me sempre que iam dizer EM VERDADE, FRANCAMENTE. Mas começaram a aparecer uns ADVÉRBIOS novos, que caíram no goto²⁴ das gentes e tomaram meu lugar. Fui sendo esquecida. Por fim, tocaram-me lá do centro. "Já que está muito velha e inútil, que fica fazendo aqui?"- disseram-me. "Mude-se para o subúrbio dos Arcaísmos", e eu tive de mudar-me para cá". (pp.10-11)

(...) "Narizinho chamou uma que parecia bastante pernóstica.
-Conte-me a sua história, menina.
A moleca pôs as mãos na cintura e, com ar malandríssimo, foi dizendo:
-Sou a palavra CUÉRA, nascida não sei onde e filha de pais incógnitos, como dizem os jornais. Só a gente baixa, a molecada e a malandragem das cidades, é que se lembra de mim. Gente fina, a tal que anda de automóvel e vai ao teatro, essa tem vergonha de utilizar-se dos meus serviços". (pp.13-14)

(...) "Enquanto Emília conversava com aquele Nome sem serviço, Pedrinho ia atentando na soberbia dos Nomes indicativos de países e continentes. O nome EUROPA era o mais empavesado de todos; louro, e dum orgulho infinito. Passou rente ao nome AMÉRICA e torceu o nariz". (p.22)



Ilustrações de Belmonte. In *Emília no país da Gramática*. S. Paulo, 1934.

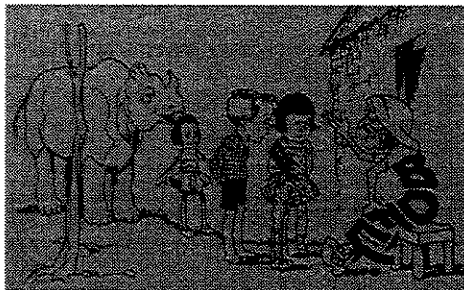


Ilustração de J.U Campos e André Le Blanc, 1968.

Diante disso, pode-se pensar na tentativa lobatiana de dar concretude ao conteúdo gramatical veiculado pelo livro, aliando ao texto a ilustração.

A concretude presente nas falas das personagens e em suas representações gráficas, não se dá somente no nível das personagens; também “o país da Gramática” é representado como um espaço urbano no qual manifestam-se características das sociedades

contemporâneas de Lobato: coexistem os bairros ricos e pobres, tal como ocorre nas cidades dos leitores de Lobato:

"Era uma cidade como todas as outras. A gente importante morava no centro e a gente de baixa condição, ou decrépita, morava nos subúrbios. Os meninos entraram por um desses bairros pobres, chamado Bairro do Refugio, e viram grande número de palavras muito velhas, bem corocas, que ficavam tomando sol á porta de seus casebres. Umas permaneciam imóveis, de cócoras, como os índios das fitas americanas; outras coçavam-se".
(...) - "Onde é "lá em cima" [fala de Narizinho]
- Nós chamamos "lá em cima" à parte boa da cidade; êste lixo por aqui é chamado "cá embaixo".²⁵

Há, nas cidades reais, além de ricos e pobres, imigrantes: eles também aparecem no livro; em *Portugália*, no "país da Gramática", algumas palavras estrangeiras mudam de seus países de origem, e analogamente ao que acontece com pessoas reais que imigram, os vocábulos seguem regras de "imigração". Narizinho, porém, acha "odioso" que as palavras de outra língua tenham que usar "passaporte" (as aspas), quando solicitadas por outro idioma; a menina acredita que os estrangeirismos podem ser incorporados ao léxico de uma língua, o que significa que a neta de D. Benta é contra o que se conhece por "purismo lingüístico":

(...) - "Olhem! - gritou Emília. Aquela palavrinha acolá acaba de tirar do bolso um par de aspas, com as quais está se enfeitando, como se fossem asinhas...
- É que recebeu chamado para figurar nalguma frase lá do centro e está vestindo o passaporte. Trata-se da palavra francesa SOIRÉE.
- Judiação! - comentou Narizinho. Acho odioso isso. Assim como num país entram livremente homens de todas as raças - italianos, franceses, ingleses, russos, polacos, assim também deveria ser com as palavras. Eu, se fosse ditadora, abria as portas da nossa língua a todas as palavras que quisessem entrar - e não exigia que as coitadinhas de fora andassem marcadas com os tais grifos e as tais aspas.
- Mesmo assim - explicou o rinoceronte - , muitas palavras estrangeiras vão entrando e com o decorrer do tempo acabam "naturalizando-se". Para isso, basta que mudem a roupa com que vieram de fora e sigam os figurinos dessa cidade. BOUQUET, por exemplo, se trocar essa sua roupinha francesa e vestir um terno feito aqui, pode andar livremente pela cidade. Basta que vire BUQUÊ". (p.16)

²⁵ In *Emília no país da Gramática*. Capítulo "Portugália". *Obras Completas*, 1968.

Lobato, com esta obra, dramatiza uma gramática expositiva. Há, também, em *Emília no país da Gramática*, o que se poderia chamar de “solidariedade lobatiana com a infância”, ou mais especificamente, com seu público leitor, na medida em que o escritor compensa o ensino sério da gramática com uma boa dose de “nonsense”, ao longo de alguns capítulos do livro:

(...) “Os Nomes Concretos são os que marcam coisas ou criaturas que existem mesmo de verdade, como HOMEM, NASTÁCIA, TATU, CEBOLA. E os Nomes Abstratos são os que marcam coisas que a gente quer que existam, ou imagina que existem, como BONDADE, LEALDADE, JUSTIÇA, AMOR.

-E também DINHEIRO -sugeriu Emília.

-DINHEIRO é Concreto, porque dinheiro existe - contestou Quindim.

-Para mim e para tia Nastácia é abstratíssimo. Ouço falar em dinheiro, como ouço falar em JUSTIÇA, LEALDADE, AMOR; mas ver, pegar, cheirar e botar no bolso dinheiro, isso nunca”. (p.24)

(...) -“Os gramáticos chamam **Pronome Proclítico** ao que vem *antes* do Verbo, como em: O MENINO SE QUEIMOU. Chamam **Pronome Enclítico**, ao que vem *depois* do Verbo, como em: O MENINO QUEIMOU-SE. E chama **Pronome Mesoclítico** ao que vem *no meio* do Verbo, como em: O MENINO QUEIMAR-SE-Á. [fala de D. Sintaxe]

-Quanta complicação para dar dor de cabeça nas crianças! - comentou Narizinho. Eu, se apanhasse um gramático por aqui, aticava Quindim em cima dele...

Nisto Emília deu uma vastíssima gargalhada.

-Que é isso, bonequinha? - perguntou a SINTAXE. Viu o passarinho verde?

-Estou me lembrando dos pimentões Mesoclíticos que tia Nastácia faz sem saber... - respondeu a diabinha”.²⁶

(...) - “Mas que é Advérbio? - indagou Emília.

-Advérbio é uma palavra que nos modifica a nós Verbos e que modifica os Adjetivos; e que às vezes modifica também os próprios advérbios.

-Que danadinhos, hein? - exclamou Emília. Mas de que jeito modificam?

-De muitos jeitos. Modificam de LUGAR, tirando daqui e pondo ali. Modificam de TEMPO, fazendo que seja agora ou depois. Modificam de MODO ou QUALIDADE, fazendo que seja deste jeito ou daquele, ou que seja assim ou assado. Modificam de QUANTIDADE, fazendo que seja mais ou menos. Modificam de ORDEM, fazendo que seja em primeiro lugar ou não. Pelos rótulos das prateleiras você poderá ver de que jeito elas modificam a gente”.

-A gente verbática - frisou Emília, porque eu também sou gente e nada me modifica. Só Tia Nastácia, às vezes...

-Quem é essa senhora?

-Um Advérbio preta como carvão, que mora no sítio de D. Benta. Isto é, Advérbio só para mim, porque só a mim que ela modifica. Para os outros é uma Substantiva que faz bolinhos muito gostosos”. (p.109)

²⁶ Cf. capítulo “Nos domínios de D. Sintaxe”, p.109.

-Que graça! - exclamou Emília. - Chamarem Travessão a umas travessinhas de mosquito deste tamaninho! Os gramáticos não possuem o senso da medida”.(p.129)

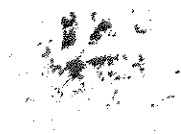
A estes “nonsense” associa-se também a mistura entre ficção e realidade, tão apontada por todos os críticos da obra infantil lobatiana. O jogo entre ficção e realidade existente em *Emília no país da Gramática* também ocorre no plano do espaço da narrativa, uma vez que, já no primeiro capítulo, a ambientação muda do sítio para o “país da Gramática” (cuja existência é, num primeiro momento, questionada por Pedrinho, mas quando Emília menciona que existe, sim, este país, o menino nada mais pergunta) com naturalidade, “como num passe de mágica”, sem justificativa, nem explicações. Não há, na obra infantil lobatiana, segundo Alaor Barbosa²⁷, “limite entre o mundo real e o fantástico, estes dois elementos se confundem na vida do sítio”.

Para além da definição dada pelo escritor, o espaço do sítio - que possuía terras inférteis para o cultivo - criado por Lobato é equivalente ao da escola, porém, sempre mais eficiente que a instituição escolar, já que Pedrinho, por exemplo, tinha mais motivação para estudar com a avó no sítio do que na escola.

O sítio é também um espaço ficcional construído por Lobato, porém, o fato de as personagens viverem aventuras para além de sua porteira, confere a ele um estatuto de *realidade*, em oposição a outros cenários em que ocorrem outras aventuras, como é o caso do país da Gramática.

Ao possibilitar, nestas aventuras, o aprendizado das crianças na prática, Lobato também instala uma tradição de aprendizagem *in loco*, da qual alguns autores da literatura infantil contemporânea também se utilizam; em *A fada que tinha idéias*, por exemplo, a aula de horizontologia é dada no horizonte, assim como ocorre quando, em outra obra de Monteiro Lobato, as crianças conheceram Geografia, dando a volta ao mundo.

²⁷ Barbosa, Alaor. *O ficcionista Monteiro Lobato*. São Paulo, Brasiliense, 1996.



A discussão acerca da mistura realidade ficção promovida por Lobato em sua literatura infantil foi tema, já em 1935, como já se viu, de artigo escrito por Jorge Amado²⁸, que crê que os livros de Lobato "por muitos anos serão o encanto da meninada", mas também dos adultos, a quem as obras lobatianas são capazes de causar "imenso prazer". No entanto, o autor baiano aponta como negativo o fato de o escritor paulista recorrer a artifícios como o pó-de-pirlimpimpim para passar da realidade à fantasia, pois

(...) "a criança pode estar no plano da realidade e passar para o da imaginação naturalmente, de olhos bem abertos, bem acordados, sem qualquer auxílio que o da sua própria imaginação".²⁹

A crítica feita por Amado a Lobato parece não ser aplicada à *Emília no país da Gramática*, já que a passagem do sítio ao país da Gramática ocorre de maneira natural, sem os recursos do sonho ou do pó-de-pirlimpimpim, utilizados nos outros livros da literatura infantil lobatiana, o que nos remete à noção de concretude que o autor pretende dar a esta disciplina escolar.

Ao chegarem ao país da Gramática sem a ajuda do pó de pirlimpimpim, as crianças, na visita ao bairro das palavras importantes e pobres, se deparam com os termos da gramática - que no livro antropomorfizados - o que nos remetem também à duplicidade desta obra: ficção - a representação por meio de falas dos elementos da gramática X o conteúdo escolar - a nomenclatura gramatical.

No capítulo "Na casa dos Pronomes" Lobato constrói a visita das crianças à casa dos pronomes como se estes vivessem em uma sociedade hierarquizada, que tem como "mestre de cerimônias" o pronome EU:

²⁸ Amado, Jorge. "Livros infantis" in *Revista Brasileira*. RJ, 06 de janeiro, 1935.

²⁹ Idem, ibidem.

(...) "Eles [os pronomes] moram naquelas casinhas ali defronte. A primeira, e menor, é a dos Pronomes Pessoais ["voz" de Quindim]
 -Naquela? Tão pequena...- admirou-se Emília
 -Eles são só um punhadinho e vivem lá como em república de estudantes.["voz" de Quindim]
 E todos se dirigiram para a república dos Pronomes, palavras que também não possuem pernas e só se movimentam amarradas aos verbos.
 Emília bateu na porta - *toque, toque, toque*. [narrador em 3ª pessoa]
 Veio abrir o Pronome EU. [narrador]
 (...) - Nessa república vivemos a nossa vidinha, que é bem importante. Sem nós, os homens não conseguiriam entender-se na terra.
 À mesa do refeitório achavam -se os pronomes *Tu, Ele, Nós, Vós, Eles, Ela, Elas*. Esses figurões eram servidos pelos Pronomes Oblíquos, que tinham o pescoço torto e lembravam corcundinhas. Os meninos viram lá o *Me*, o *Mim*, o *Migo*, o *Nos*, o *Nosco*, o *Te*, o *Ti*, o *Tigo*, o *Vos*, o *Vosco*, o *O*, o *A*, o *Lhe*, o *Se*, o *Si*, e o *Sigo* - dezesseis Pronomes Oblíquos. [Descrição do narrador em 3ª pessoa]
 -Sim, senhor! Que luxo de criadagem - admirou-se Emília. - Cada Pronome tem a seu serviço vários criadinhos oblíquos" (...) ³⁰.

A construção dos verbos também se dá de maneira semelhante ao que ocorre com os pronomes. São antropomorfizados, ganhando condição de personagem "humana", que dialoga com Emília, e vivem, assim como os pronomes, em uma sociedade hierarquizada, liderada pelo verbo SER. Essa idéia do verbo SER como um ancião e líder de uma sociedade, (no livro ele é o rei dos verbos), dialoga com uma tradição filosófica de linguagem, que remonta ao século XVI, e da qual Eduardo Carlos Pereira compartilha: o verbo SER é o mais importante, porque este expressa o pensamento dos falantes:

O venerando ancião estava sentado num trono tendo em redor de si seus sessenta e quatro filhos - ou Pessoas dos seus Modos e Tempos. Parecia um velho de mil anos, com aquela cabeleira branca de Papai Noel.
 O Verbo Ser tossiu o pigarro dos séculos e começou:
 -Eu sou o Verbo dos Verbos, porque sou o que faz tudo quanto existe ser. Se você existe, bonequinha, é por minha causa. Se eu não existisse, como poderia você existir ou ser?
 -Está claro - disse Emília escrevendo uns garranchos. Vá falando.
 Ser tossiu outro pigarro e continuou:
 -Muitos gramáticos me chamam de **Verbo Substantivo**, como quem diz que eu sou a substância de todos os demais Verbos. E isso é verdade. Sou a Substância! Sou o Pai dos Verbos! Sou o Pai de Tudo! Sou o Pai do Mundo! Como poderia o mundo *existir*, ou *ser*, se não fosse eu? Responda!"
 (pp 52-54)

³⁰ Cf. capítulo "Na casa dos Pronomes", p.42.

Assim como os outros termos que compõem a gramática são na obra humanizados, a Etimologia também é caracterizada tal como uma pessoa:

“Encontraram lá uma velha coroca, de nariz recurvo e uma papeira - a papeira da sabedoria. Encontraram - na com a casa entupida de filólogos, gramáticos e dicionaristas. Foi o que disse a criada que os atendeu da janela”. (p.76)

Depois de conhecerem os Verbos e a Etimologia, as crianças vão com ela até as jaulas dos vícios de linguagem:

“A grande dama tomou a frente e os meninos a acompanharam até a uma cadeia com grades nas janelas e toda dividida em cubículos, também gradeados. Dentro desses cubículos estavam o Barbarismo, Solecismo, a Anfibologia, a Obscuridade, o Cacófaton, o Eco, o Hiato, a Colisão, o Arcaísmo, o Neologismo e o Provincianismo”. (p.115)

Lobato, ao tratar os termos gramaticais de maneira antropomorfizada, isto é como personagens humanizados, dotados de fala e ações, redimensiona a noção de língua, tornando-a menos abstrata e mais viva, indo de encontro às definições das gramáticas escolares. Para Lobato a vivacidade da língua estaria ausente nos manuais de língua escolares, e, no entanto, presentes em *Emília no país da Gramática*.

Materializando ou dando concretude espacial a disciplinas escolares, Lobato cria aventuras que possibilitam à turma do sítio polemizar e vivenciar os temas presentes na escola, casos de *Emília no país da Gramática*, *Aritmética da Emília*, *Viagem ao Céu* e *Geografia de D. Benta*, *História das Invenções* e *História do Mundo para crianças*.

Sendo assim, a relação que pode ser estabelecida entre *Emília no país da Gramática* e as gramáticas escolares, no que se refere ao ensino, é que ambas são complementares, visto que esta tem por função, em ambiente escolar, de educar os cidadãos na norma culta da língua; já aquela se utiliza, por se tratar de ficção, da instrução e da recreação, elementos que complementam, segundo os preceitos da “Escola Nova”, a educação formal.

CAPÍTULO 3

Monteiro Lobato e a Língua Portuguesa

Monteiro Lobato e a Língua Portuguesa

"A língua tem segredos inesperados". (Machado de Assis).

3.0 A Língua Portuguesa de Lobato

As preocupações de Monteiro Lobato com a linguagem - mais particularmente com a língua portuguesa são antigas e parecem iniciar-se por uma dolorosa experiência infantil, quando ele é reprovado em português, como se registra na carta abaixo, de 1895:

"Mamãe,
Ontem entrei na prova oral de Português e fiz uma boa prova. Todos que viram disseram que eu tinha tirado plenamente, mas quando fui ver eu estava inabilitado. Creio que é engano, mas se não for eu vou sexta-feira, dia 10. A minha prova escrita foi boa e a oral também. Eu vi na prova escrita uns seis rapazes que não sabiam, que me perguntavam tudo, que colavam, que faziam uma descrição de dez linhas, serem aprovados. Na oral vi rapazes que diziam que 'pouquíssimo' era advérbio: 'fortes' não sabiam o que era, saírem aprovados. E eu que respondi tudo saí inabilitado. Me parece que o Freire¹ viu tanta proteção que disse: este menino não sabe nada, porque se soubesse não precisava empenho e por isso me bombeou injustamente".²

Independentemente do peso que esta experiência pode ter tido ao longo da vida do escritor, o caso é que preocupações com a língua portuguesa, suas normas gramaticais, suas instituições manifestam-se em todos os gêneros de sua vasta obra.

Na literatura para adultos, por exemplo, o conto antológico "O colocador de pronomes", que foi escrito em 1917, é um dos assuntos de uma carta endereçada a Rangel:

(...) "Estou com aquele conto gramatical a me morder a cabeça como um piolho. Vida, aventuras, males, doenças e morte trágica dum sujeito, tudo por causa da gramática. Nasce em consequência dum pronome fora do eixo e morre vítima de outro pronome mal colocado. Entram na personalidade do Aldrovando Cantagalo meia dúzia de gramaticantes cá de S. Paulo. Coisa *pince sans rire*" (Grifo do autor). (carta de 11.12.1917. In *A Barca de Gleyre* 2º tomo, p.165).

¹ Augusto Freire da Silva era português e foi professor de Lobato. Em 1879 publicou *Compêndio de Gramática Portuguesa*.

² Apud. Cavalheiro Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. 1º tomo. S. Paulo. Editora Brasiliense, 1953, pp.22-23.

O conto foi publicado em 1924, mas a primeira vez que aparece em livro é em 1935, quando Lobato junta contos publicados entre 1919 e 1923 - das obras *Urupês*, *Negrinha* e *O Macaco que se fez homem* - e forma um único exemplar intitulado *Contos Pesados* ³.

Em "O colocador de pronomes", Lobato põe em cena - em tom de sátira - o zelo exagerado de um professor de gramática, Aldrovando Cantagalo, fruto de um casamento equivocado graças ao erro de colocação de um pronome. O conto é dividido em dois momentos: o do casamento dos pais de Aldrovando, e a vida dele aos 40 anos, quando já é um professor que conhece profundamente o universo dos livros escritos em língua portuguesa europeia, para ele, referência do bom idioma: seu padrão de escrita é Frei Luís de Sousa.

Da língua portuguesa do Brasil - e dos brasileiros - Cantagalo tem o seguinte juízo:

- "Povo sem língua!... Não me sorri o futuro de Vera Cruz..." (p.117)
(...)- "Língua! Chama você língua à garbulha bordalenga⁴ que estampam periódicos? Cá está um desses galicígrafos. Deletreemo-lo ao acaso.
- Teve lugar ontem... É língua esta espurcícia negral? Ó meu seráfico Frei Luís, como te conspurcam o divino idioma estes sarrafaçais da moxinifada!" (p.118)

Ao longo do texto, o narrador em 3ª pessoa acentua o tom satírico, na medida que, parecendo colar-se à personagem central, ele usa, às vezes, palavras rebuscadas:

"A língua lusa era-lhe um tabu sagrado que atingira a perfeição com Fr. Luís de Sousa, e daí para cá, salvo lucilações esporádicas, vinha chafurdando no ingranzéu barbaresco".

A ironia atinge o clímax no epílogo: Aldrovando morre, vítima do mesmo equívoco que fez com que seu pai se casasse com sua mãe, Maria do Carmo, gostando, porém, de Laura: um erro de colocação pronominal.

³ Sobre este assunto cf. Martins, Milena Ribeiro. "Lobato edita Lobato". Tese de Doutorado. IEL/Unicamp, 2003.

⁴ Garbulha quer dizer confusão, trapalhada; bordalenga significa estrangeiro ou que soa como estrangeiro.

A morte se dá no momento em que ele vê impresso em seu livro sobre colocação pronominal, dedicado a Frei Luís de Sousa, um erro grave: a próclise em “aquele que me sabe as dores”, que Aldrovando corretamente escrevera, é substituída por uma inadequada ênclise: “daquele que sabe-me as dores”:

(...) “Aldrovando abancou-se à velha mesinha de trabalho e deu começo à tarefa de lançar dedicatórias num certo número de exemplares destinados à crítica. Abriu o primeiro, e estava já a escrever o nome de Rui Barbosa quando seus olhos deram com a horrenda cinca:

“daquele que SABE-ME AS DORES”.

(...)Aldrovando não murmurou palavra. De olhos muito abertos, no rosto uma estranha marca de dor - dor gramatical inda não descrita nos livros de patologia - , permaneceu imóvel uns momentos.

Depois empalideceu. Levou as mãos ao abdome e estorceu-se nas garras de repentina e violentíssima ânsia.

(...) E morreu.

De que - não sabemos - nem importa o caso. O que importa é proclamarmos aos quatro ventos que com Aldrovando morreu o primeiro santo da gramática, o mártir número um da Colocação dos Pronomes”.

Este conto apresenta uma crítica à posição dos gramáticos da língua portuguesa do Brasil que, até o século XX, escreviam suas gramáticas, tomando como exemplos do bom português autores da literatura lusa. Pode-se ainda pensar a figura de Aldrovando como um Policarpo Quaresma às avessas, já que diferentemente deste, ele não pretende a volta do tupi, mas sim, a preservação da língua do colonizador, o que para Monteiro Lobato é motivo da crítica feita aos gramáticos, através da caricaturização de um professor de português.

As preocupações lobatianas relativas à língua e à linguagem, no entanto, tiveram início bem antes da publicação do conto; aliadas às questões de língua e de linguagem, também as discussões sobre literatura eram recorrentes. Em 1904, em carta ao amigo Godofredo Rangel, escrevia sobre “os atentados à gramática”. Lobato defendia uma língua “em mangas de camisa”, em correspondência familiar, aceitando como natural a mistura de tratamento; a crítica aos gramáticos já aparece:

"Apontas-me, como crime, a minha mistura do "você" com "tu" na mesma carta e às vezes no mesmo período. Bem sei que a Gramática sofre com isso, a coitadinha; mas me é muito mais cômodo, mais lépido, mais saído - e, portanto, sebo para a coitadinha. Às vezes o "tu" *entra* na frase que é uma beleza; outras é duas belezas só porque um Coruja, um Bento José de Oliveira⁵, um Freire da Silva⁶, um Epifanio⁷ e outros perobas "não querem"? Não fiscalizo gramaticalmente minhas frases em cartas. Língua de cartas é língua em mangas de camisa e pé-no-chão - como a falada. E, portanto, continuarei a misturar o tu com você como sempre fiz - e como *não faz* o Macuco. (carta de 07.11.1904, in *A Barca de Gleyre*, p.79)

Em 1909, tematizando a relação palavra/estilo, Lobato escreve a Rangel contando sobre sua leitura do dicionário Caldas-Aulete. Pode-se entender nesta leitura, a busca pela precisão da linguagem; além disso, o confessado distanciamento da leitura de Camilo Castelo Branco (de quem Lobato foi leitor e admirador), em favor da leitura de Machado de Assis, contribui para "encorpar", anos mais tarde (1915-16), o discurso de Monteiro Lobato contra o português europeu, em defesa da língua portuguesa do Brasil:

"Veiu o 5, acompanhando o Albalat⁸. Comecei a ler este e a gostar. Não é o bestalhão que imaginei. Parei com os contos e segui com o Aulete. Dá-me mais prazer isto, além das vantagens que traz - prazer pitoresco, variado como de um general que assiste ao desfile de 70 mil homens não uniformizados, cada um vestido dum jeito e lá com sua cara diferente. Outra vantagem está sendo a retificação de muitas palavras que eu *pensava* que eram uma coisa e são outra; e também já cavei 24 vocabulos que eu pronunciava erradamente".(...) O que mais aprecio num estilo é a *propriedade* exata de cada palavra e para isso temos de travar conhecimento pessoal, direto, com todos os vocábulos, um por um, em demorada, pensada e meditada vocabulação dicionarística. Só pelo conhecimento de cada um é que alcançaremos aquela qualidade de estilo. (...) Não conheço melhor modelo que Machado de Assis. Camilo ainda me choca, é muito bruto, muito português de Portugal e nós somos daqui. Machado de Assis é o classico moderno mais perfeito e artista que possamos conceber. Que propriedade! Que simplicidade! Simplicidade não de simplorio, mas do maior dos sabidões. Ele gasta as suas palavras como um nobre de raça fina gasta a sua fortuna e jamais como o *parvenu*, o *upstart*, que começou vendeiro de esquina e acabou comprando um título de barão do papa". (carta de 30.08.1909. In *A Barca de Gleyre*, 1º tomo, p.263).

⁵ Bento José de Oliveira, gramático português, que em 1876 publicou a *Nova Gramática Portuguesa*.

⁶ Cf nota 1 deste capítulo.

⁷ Augusto Epifanio Dias da Silva (1841-1916), foi professor e gramático português. Publicou *A Gramática Prática da Língua Portuguesa*.

⁸ Antoine Albalat (1856-1935), escritor e especialista em literatura francesa. O livro *A formação do estilo pela assimilação dos autores* e *A arte de escrever ensinada em 20 lições*, foram publicados em Portugal, respectivamente, em 1912 e 1924.

Trinta anos depois desta carta, Lobato escreve o ensaio “Machado de Assis”, publicado no periódico argentino *La Prensa*, por ocasião do centenário de nascimento do escritor carioca. Nele, reafirma algumas de suas posições quanto ao estilo de escrita machadiano:

(...) “Machado de Assis ensinou o Brasil a escrever com limpeza, tacto, finura, limpidez. Criou o estilo lavado de todas as douradas pulgas do gongorismo, do exagero, da adjetivação tropical, do derramado, da enxudia, da folharada intensa que esconde o tronco e o engalhamento da árvore.

Antes dele havia grandes mestres que começavam contos assim: “O pegureiro tangia o armento para o aprisco”. Era o lindo, o extasiante, a beleza de espernear. Machado de Assis provou que isto é idiotamente feio. Como provou? Fazendo o contrário. Escrevendo. “O negro tocava o gado para o curral.

Machado de Assis expulsou do estilo todas as falsidades. Expulsou até o patriotismo e a grotesca brasilidade - essa intromissão da política de “terroir” na arte. Foi contemporâneo de casos de super-idiotia, em que poetas de nome falavam em “ceu brasileiro azul”. Para Machado de Assis um céu azul é simplesmente, e sempre, um céu azul - só”.⁹

Nos anos de 1915 -1916, em cartas endereçadas a Godofredo Rangel, Lobato deixa clara a crítica à gramática e aos gramáticos; além disso, o escritor já estabelece a diferença entre língua e gramática, situação, que ao longo dos anos, tornar-se-á marca registrada das suas reflexões acerca da língua portuguesa:

(...)“Grande bem me fazes com a denuncia das ingramaticalidades. De gramática guardo a memória dos maus meses que em menino passei decorando, sem nada entender, os esoterismos de Augusto Freire da Silva. Ficou-me da “bomba” que levei, e da papagueação, uma revolta surda contra gramática e gramáticos; e uma certeza: a gramática fará letrados, não faz escritores. (...) No intento de apressar a coisa [abandonar o estilo de escrita do português europeu], voltei-me para a gramática e tentei refocilar num Carlos Eduardo Pereira¹⁰. Impossível. O engulho voltou-me - a imagem do Freire e da bomba. Dá-me ideia dum *morgue* onde os carnicheiros de óculos e avental esfaqueam, picam e repicam as frases, esbrugam as palavras, submetem-nas ao fichário da cacofonia grega. A barrigada da língua é mostrada a nu, como a dos capados nos matadouros - baços, fígados, tripas, intestino grosso, pustulas, “pipocas”, tenias. Mil vezes (para mim) as ingramaticalidades destes do que as gramaticalidades daqueles. E entreguei-

⁹ Apud. Lobato, Monteiro. *Mundo da Lua e Miscelânea*. São Paulo, Brasiliense, 1950. O texto foi publicado no *La Prensa* em 21.06.1939.

¹⁰ O nome correto é Eduardo Carlos Pereira, gramático que Lobato editaria em 1923.

me a aprender, em vez de gramatica, *lingua* - lendo os que a têm e ouvindo os que falam expressivamente”(carta de 30.09.1915. In *A Barca de Gleyre*, 2º tomo, p.49).

“*Primo philologare...* Não concordo com as glosas. O “deparar com” não o autoriza uma incorreção do Garrett. Se me dás com um “deparar com” em Garrett, aponto-te nele centenas do deparar certo. Se uma simples incorreção do classico fizesse lei, não haveria gramatica possivel. Nesses casos atendo-me ao gênio da língua e ao gênio do próprio vocábulo”.(carta de 30.04.1916. In *A Barca de Gleyre*, 2º tomo, p.81).

Em 1917, o escritor se recusa de vez a aprender gramática e, novamente, a opõe à riqueza de estilo. Em duas das cartas escritas a Rangel, em diferentes épocas deste ano, Lobato trata da língua portuguesa; na primeira, agradece o esclarecimento de uma dúvida de gramática normativa feita pelo amigo; na segunda, reforça a dicotomia entre gramática e língua, esta entendida por ele como sinônimo de estilo literário:

“Que bela gramatica és, amigo! Recebi o cartão e graças a ele tirei do lombo o peso duma duvida horrenda. Como o que me pareceu asneira vinha logo no começo do artigo do *Estado*, corei e tremi ante a hipotese de 50.000 risinhos de mofa gramatical. Quis consultar uma gramatica; só encontrei na minha biblioteca uns pedaços da gramatica francesa de Seve¹¹ dos meus tempos de escola e lá vi a tal Silepse. (...) Na redação do *Estado* descobri uma gramática e abri-a furtivamente, como quem não quer; mas não tive animo de ir além. (...) Por fim, resolvi consultar-te. Recebi a resposta e respirei. Renasci, como se houvesse recebido na testa um beijo de Minerva. Obrigado, generoso amigo!” (carta de 10.01.1917. In *A Barca de Gleyre*, 2º tomo, p.127).

(...) “Se por “saber português” entendes conhecer por miúdo os bastidores da Gramatica e a intrigalhada toda dos pronomes que vem antes ou depois, concordo com o que dizes na carta: um burro bem arreado de regras será eminente. Mas para mim “saber português” é outra coisa: é ter aquele *doigté* do Camilo ou a magnificente *allure* processional do Ramalho, ou a sublime gagueira do Machado de Assis. Aqui em S. Paulo o brontosauo da gramática chama-se Álvaro Guerra¹², um homem que anda pela rua derrubando regrinhas como os fumantes derrubam pontas de cigarro. As regras desse homem tremendo, quando vêm ao bico da pena dos escritores, matam, como unhas matam pulgas, tudo o que é beleza e novidade de expressão - *tudo que é lindo mas a Gramatica não quer*” (Grifo do autor). (carta de 28.12.1917. In *A Barca de Gleyre*, 2º tomo, p.p.168 - 169).

¹¹A *Grammaire et langue française*. Textes, leçons, dictées, exercices, règles essentielles. Méthodes d'interrogation et d'observation. Cours préparatoire et élémentaire (6 à 9 ans) de A. Sève foi publicada em 1846.

¹² Álvaro Guerra, gramático brasileiro. Foi professor de português de Sérgio Buarque de Holanda.

Como se viu, as idéias de Monteiro Lobato relativas à língua - expostas muitas vezes no bojo de discussões sobre literatura - manifestam-se em diferentes gêneros. Também na crítica literária elas aparecem. No já comentado texto ¹³ em que Lobato resenha o livro *Saudade* de Thales de Andrade podemos surpreender alguns dos princípios pelos quais o autor de *Emília* concebe o uso literário da língua portuguesa.

Começa por tecer elogios ao que se poderia chamar de *verossimilhança* e *realismo* da obra de Andrade considerando que este traço agrada igualmente adultos e crianças. Como num certo sentido o que se encontra em *Saudade* é um *verismo* semelhante ao que se encontra na representação do cotidiano rural do interior paulista patrocinada pela obra infantil de Lobato, o tópico cresce de importância:

“Não é um livro inventado, como a maioria de seus congêneres, é um livro vivido, um filme de meninice, apanhado pelo natural. Daí seu estranho encanto, tanto para as crianças que o compreendem integralmente, reconhecendo o ambiente que lhes é habitual, como para os adultos, no fundo de cuja memória permanece, indelével, o quadro saudoso da puerícia. Bem poucas obras suportam a experiência desta prova dupla, porque nada há mais difícil do que escrever ao sabor do alcance mental das crianças. Literatura infantil ideal seria a que fosse escrita pelas próprias crianças, o que é irrealizável. O adulto que se propõe a fazê-lo com a alma já “cabeluda”, o cérebro já consolidado, raro consegue pôr a imaginação em consonância com a dos pequenos leitores. Ilude-se quase sempre quando supõe que o faz, resultando daí obra contrafeita, inadequada, capaz de receber todos os louvores da “gente grande”, mas muito pouco da criança. Eis por que nos surpreende o livro do sr. Thales, tão fora dos moldes estabelecidos e aborrecidos. É original pela sinceridade ingênua em que foi escrito.

É depois que Lobato se detém nas características da *linguagem* de Thales de Andrade, elogiando-lhe o que se poderia considerar *informalidade*, *oralidade* e *clareza* do português que escreve:

¹³ Apud. Nunes, Cassiano. “A literatura infantil”. A data do artigo de Lobato sobre Andrade não consta do texto, porém, *Saudade* foi publicado em 1918, o que, por hipótese, torna o artigo possivelmente contemporâneo da primeira edição.

Pela língua? Sim! É escrito na língua que todas as crianças deste país falam, que de Norte a Sul todos nós falamos. Audácia foi, e grande, escrever Thales o seu livro na "língua geral" do Brasil de hoje. Além desta preciosa particularidade, dá relevo ao livro o estilo do autor, pinturesco ao extremo, rico de todas as qualidades que deve ter um estilo para que o seja e não simples "maneira". Junte-se a isso o meticoloso de verdade das evocações. Tudo é evocativo no *Saudade*, dando medida do observador arguto a que se alia o narrador de finos quilates" (...) ¹⁴.

Como - mais uma vez - estas serão características unanimemente apontadas por leitores e por estudiosos da obra lobatiana como marcas de seus livros, o tópico cresce de importância e se pode então dizer que, na concepção do escritor, a simplicidade do estilo literário é condição fundamental da boa literatura. Tais atributos de linguagem são, efetivamente, marcados como *lobatianos* para críticos como Nely Novaes Coelho, para quem a linguagem de Lobato é (...) "fluente, coloquial, objetiva, despojada e sem retórica ou rodeios, o que "agarra" de imediato o pequeno leitor". ¹⁵

Esta simplicidade exigida do estilo é também vista como requisito da linguagem. Esta idéia é expressa por Lobato na sua magnífica definição de estilo:

"Compreendo o estilo em literatura como fiel mensageiro encarregado de transmitir ao leitor as ideias do autor.
Servo, escravo, "proprio" que deve ter as qualidades dos bons serviçais: brevidade, simplicidade, humildade, fidelidade, passividade".¹⁶

No comentário à obra de Thales de Andrade, a menção ao uso de uma "língua geral" põe em cena um outro tópico recorrente nas discussões contemporâneas de Lobato relativas à língua falada no Brasil: seu caráter de fator de construção da nacionalidade. Já ao considerar que o Português de *Saudade* é a "língua que todas as crianças deste país falam, que de Norte a Sul todos nós falamos", Monteiro Lobato parece apontar para uma discussão recorrente na

¹⁴ Nunes, Cassiano. "A literatura infantil". In *Novos Estudos sobre Monteiro Lobato*. Brasília, Editora UnB, 1998. Pp. 218 - 219.

¹⁵ Coelho, Nelly Novaes. *A literatura infantil: história, teoria e análise*. S. Paulo, Quirón, 1987, p.96.

¹⁶ Lobato, Monteiro. "Seja Claro". In *Mundo da Lua e Miscelânea*. S. Paulo. Brasiliense, 1950. p.39

época e nos diferentes gêneros em que ele escreveu: a dualidade entre a língua escrita e a falada. A discrepância entre ambas seria, segundo nosso autor, uma das causas da falta de leitura do brasileiro.

A partir de 1920, em textos para o grande público, como o caso do já mencionado conto “O colocador de pronomes”, as reflexões de Lobato sobre a língua portuguesa parecem ganhar a formalização que antes se expressava prioritariamente nas cartas ao amigo Godofredo Rangel. Esta formalização do pensamento de Lobato com relação ao português ocorre em dois níveis:

- 1) na distinção entre a língua portuguesa dos europeus e o português dos brasileiros;
- 2) no fim da dicotomia entre a língua escrita e a falada; esta dicotomia, segundo o escritor, se dá, sobretudo, pela diferença entre os que legitimam a norma culta, isto é, os gramáticos e filólogos, e aqueles que estão à margem do conhecimento da norma culta.

No prefácio ao livro *Dialeto Caipira* (1920), de Amadeu Amaral, Monteiro Lobato expõe, com propriedade, sua visão de língua a partir da variante “paulista”. Segundo Lobato, são as variantes lingüísticas dos diferentes estados do Brasil que vão originar uma “língua brasileira”, que por sua vez, é fruto da corrupção do latim, com traços do português europeu, mas independente das duas que a originaram, pois Brasilina - nome dado por Lobato a esta variante - será uma língua nova.

Deste prefácio podemos destacar diferentes modos de definir a língua. Num primeiro momento, a definição incorpora as noções de organismo e de evolução:

(...) "A grande arvore da língua latina, que circunstancias felizes fizeram viçar o bafejo das brisas mediterrâneas, depois de completo um glorioso ciclo biologico morreu como morrem as arvores - encasqueada, broqueada, parasitada, lenhada e afinal derrubada pelo bárbaro a manejar inconcientemente o machado da evolução".¹⁷

Esta definição de língua como ser vivo também aparece quando Lobato apresenta Brasilina. É interessante notar que o escritor fala desta nova língua conferindo-lhe características do desenvolvimento humano:

(...) "É a lingua da terra, a lingua geral destes vinte e cinco milhões de criaturas que somos. Coexiste em nosso território ao lado da lingua-mãe e oficial, a portuguesa. Humilde criança da roça, gerada no seio da arraia-miuda dos campos e do povinho humilde e sofredor das cidades, negam-lhe pão e agua os magnatas cortezanescos que fazem roda de perú em torno da rainha metropolitana.

Não obstante a menina cresce, conchegada com amor no seio do povo. Já é ela, a neta, e não mais a avó erudita, quem satisfaz às necessidades de intercambio mental dos roceiros, das patuleias urbanase dos literatos que se dirigem às massas e não às elites. Nela é que o sertanejo ama, o gaúcho bravateia, o retirante chora, o seringueiro lamenta-se, o vaqueiro descanta, o cafajeste pernóstica. Tem já poetas embelecados pelas suas graças nascentes, e adoradores prosistas, doidos pelo seu linguajar langue, ingênuo, expressivo e vivamente impregnado da côr, do som, do cheiro, do itê, do agreste da terra brasilica.

Crescerá essa menina, far-se-á moça mulher e sentar-se-á um dia no trono ora ocupado por sua empertigada e conscopicua mãe. Imperará no Brasil inteiro - não como hoje, às ocultas e medrosamente, mas às claras, de justiça e de direito; e não na lingua falada apenas, mas na falada, na escrita e na erudita. E a velha lingua-mãe, que cá vige, mas não viça, abdicará de vez em favor da filha espuria que hoje renega, e desconhece, e insulta como corruptora da pureza importada".¹⁸

Associada às noções de organismo e evolução, apresentadas anteriormente, a língua, para Lobato, também é forma de expressão do pensamento:

(...) "O estudo unico em materia filologica que nos cumpria fazer não o fazíamos. Era esse da lingua nova, a lingua que ao pais inteiro interessa: o estudo, o retrato fiel da Brasilina arisca que atende às necessidades de 25 milhões de jécas que somos".¹⁹

¹⁷ Apud. Lobato, Monteiro. Prefácio ao *Dialeto Caipira*. In *Prefácios e Entrevistas*. S.Paulo. Brasiliense, 1950, p. 77.

¹⁸ Idem, ibidem, p. 78.

¹⁹ Idem, ibidem, p. 80.

Além das noções de organismo, Monteiro Lobato em seu texto “Ligeira nota sobre a ortografia”²⁰, considera que

não há lei humana que dirija uma língua, porque a língua é um fenômeno natural, como a oferta e a procura, como o crescimento das crianças, etc. (...)A lei fica aí, e nós, os donos da língua, nós, o povo, vamos fazendo o que a lei natural da simplificação manda”.

A noção de língua como “fenômeno natural” foi defendida pelo escritor ao longo de sua trajetória como editor e autor de livros, prefácios, cartas e artigos, o que o colocou em consonância com alguns estudiosos da linguagem do final do século XIX e início do XX. As doutrinas da gramática histórica e filosófica - em circulação na época - que tratavam, respectivamente, da atuação do sujeito falante na evolução e mudança do idioma, e da noção de que “língua é a manifestação do pensamento”, balisaram a construção do pensamento lobatiano acerca da língua e da linguagem. Na esteira destes estudos, as idéias positivistas e darwinistas completavam as teorias lingüísticas, a partir da igualdade estabelecida entre “língua e organismo”.

Além de entender língua como fenômeno natural, a dicotomia da língua na visão de Lobato entre “escrita” e “oralidade” aparece no trecho abaixo, que de novo opõe Brasil e Portugal:

(...) “Porque, estranha contradição! falamos á moda de Brasilina, mas escrevemos á moda de dona Manuela,por falta de coragem, ou medo ao bolo da palmatoria portuguesa”.²¹

Monteiro Lobato ao atribuir adjetivos pouco elogiosos aos gramáticos, deixa clara a imagem que tem deles:

²⁰ In *Negrinha*. S. Paulo, Brasiliense, 2001.

²¹ Idem, *ibidem*, p.80.

(...) "Até aqui a nossa filologia se limitava a bisantinar sobre verrugas da língua-mãe, mexericando com classicos, fossando como leitoa pulverulentos alfarrábios renois. Surgia a polemica esteril. Candido de Figueiredo intervinha lá de Lisboa com a palmatória; os gramaticos menores - que os ha como carrapatos pelo interior - assanhavam-se; e o ponto debatido em vez de esclarecer-se ficava como novelo que gato brincou".²²

(...) "Esses carunchos sob a forma humana pertencem á fauna cadaverica. Só se sentem á vontade quando a questão é de necropsia. Em se tratando de arrastar asa a uma rapariga viva, de carne morena e quente, persignam-se como fradanhões hipócritas e gritam fugindo ás arrecuas: - 'Pecado! Pecado!' ...".²³

Na visão de Lobato, os gramáticos têm preocupação apenas com a língua antiga ou a socialmente estabelecida, isto é, a norma culta. Sendo assim, faltaria a atenção destes - e em "O colocador de pronomes" isto fica evidente na figura de Aldrovando Cantagalo, que cultuava os autores portugueses - para com assuntos novos e nacionais, como por exemplo, a formação dos dialetos. Lobato, ainda, condena a crítica que os gramáticos fazem às novas expressões, palavras, variações que surgem na língua portuguesa do Brasil.

Concomitante ao lançamento de textos para adultos, Lobato, como já vimos, também escreve para crianças, e as mesmas posições e inquietações literárias manifestam-se nos livros infantis.

As modificações feitas por Lobato e a forma como utiliza a língua portuguesa em seus textos infantis tem como pressuposto a questão do estilo literário: ao escrever para Rangel explicando-lhe o procedimento utilizado na escrita das *Fábulas* (1922), reforça a idéia de querer tornar seu texto "fácil e agradável" ²⁴, para tornar-se vendável, pois a intenção é penetrar cada vez mais na escola:

²² Idem, ibidem, pp. 79 - 80.

²³ Idem, ibidem, p.82.

²⁴ Cf. Nunes, Cassiano. "A literatura infantil". *Novos ensaios sobre Monteiro Lobato*. Brasília, editora UnB, 1998.

“Tive a idéia deste livro para fins comerciais - fazê-lo adotar nas escolas onde em matéria de fábulas coisa nenhuma possuímos. Há umas de Kopke, mas em versos...e versos de Kopke - o que há de insulso e de difícil compreensão. Tomei de LaFontaine o enredo e quanto ao urdimento andei ao sabor do meu capricho, crente como estou que é este o melhor dos métodos. Parecem-me boas e adequadas aos fins”²⁵.

Na obra destinada ao público infantil, questões de linguagem (que antes se manifestavam esparsamente em textos, contos, prefácios, entrevistas e cartas) - sob o recorte de questões gramaticais do Português - constituem tema e título de - agora - um livro inteiro, *Emília no país da Gramática*, publicado em 1934.

Nesta obra - objeto desta dissertação - como se viu, o tema central é a aprendizagem gramatical. Com o pretexto da aprendizagem de Emília e da turma do sítio do Pica-Pau Amarelo, o livro parece ter por objetivo - como se discutiu - o ensino de gramática da língua portuguesa ao leitor de Monteiro Lobato.

Do ponto de vista da cultura lingüística brasileira, a década de 30 - tempo da escrita, publicação e primeira circulação de *Emília no país da Gramática* - destaca-se como um período no qual é numerosa a produção de gramáticas que recuperassem a história do idioma. A mais conhecida destas gramáticas históricas talvez seja a de Eduardo Carlos Pereira, intitulada *Gramática Histórica*, que foi publicada em 1916 pela editora Francisco Alves e republicada em 1923 pela editora de Monteiro Lobato. E o que é muito relevante para este trabalho: esta gramática é mencionada pelas personagens de *Emília no país da Gramática*, no capítulo “Em pleno mar dos Substantivos”, num diálogo entre a boneca e Narizinho, a respeito da sabedoria gramatical de Quindim, o rinoceronte “vindo lá dos fundões da África”(p.32):

²⁵ Cf. Azevedo, Carmen Lucia et alii. *Furacão na Botocúndia*, São Paulo, Editora Senac, 2000, p.80. Esta carta de Lobato a Rangel encontra-se no IEB/USP, no Arquivo de Raul Andrada e Silva.

(...)-"Não posso compreender como ele virou tamanho gramático assim dum momento para outro.[fala de Narizinho]

-Para mim - sugeriu Emília, Quindim comeu aquela gramaticorra que D. Benta comprou. Lembre-se de que a bichona desapareceu justamente no dia em que Quindim dormiu no pomar. O Visconde tinha estado às voltas com ela, estudando ditongos debaixo da jabuticabeira. Com certeza esqueceu-a lá e o rinoceronte papou-a.

(...)Apesar do absurdo de semelhante hipótese, Narizinho ficou meio abalada. Quem sabe lá se Quindim não tinha mesmo comido a 'Gramática Histórica' de Eduardo Carlos Pereira? Acontece tanta coisa esquisita neste mundo"...(*Emília no país da Gramática*, p.32-33)

Além de Eduardo Carlos Pereira, outros gramáticos também se dedicaram a estudar a Língua Portuguesa de uma perspectiva histórica, que considerasse o sujeito como falante e transformador do idioma. O mais expressivo destes estudiosos - cuja obra circula até hoje - é Manuel Said Ali (1861-1953), que, além de publicar gramáticas voltadas ao ensino, publicou também, em 1931, a *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*.

Entendendo que esta perspectiva histórica face à língua contraria perspectivas normativas desenvolvidas por gramáticos do final do século XIX e início do XX - entre eles João Ribeiro²⁶ e Júlio Ribeiro²⁷ - é interessante discutir em que medida a concepção de língua assumida por Lobato em *Emília no país da gramática* adere a um viés normativo e em que medida adere a uma concepção histórica de língua.

A questão é interessante. O assumido recorte *didático* (ou *paradidático* numa classificação contemporânea) da obra cria expectativas de seu comprometimento com a explicação e o fornecimento de regras gramaticais, muito embora sua natureza *ficcional*

²⁶ João Ribeiro, jornalista, crítico, filólogo, historiador, pintor, tradutor, nasceu em Laranjeiras, SE, em 1860, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1934.

Foi Professor de colégios particulares desde 1881, em 1887 submeteu-se a concurso no Colégio Pedro II, para a cadeira de Português, para a qual escreveu a tese "Morfologia e colocação dos pronomes."

Principais obras: *Dicionário gramatical* (1889); *Versos* (1890); *Estudos filológicos* (1902); *Páginas de estética*, ensaios (1905); *Frases feitas*, filologia (1908); *Compêndio de história da literatura brasileira*, história literária (1909); *O fabordão*, filologia (1910); *Colméia*, ensaios (1923); *Curiosidades verbais*, filologia (1927); *Floresta de exemplos*, contos (1931); *A língua nacional*, filologia (1921); *Os modernos* (1952); *Clássicos e românticos brasileiros* (1952); Fonte: www.academia.org.br. Acesso: 27.08.04

²⁷ Júlio Ribeiro, jornalista, filólogo e romancista, nasceu em MG, em 1845, e faleceu em Santos, em 1890. Foi proprietário e diretor de jornais, como o *Sorocabano*; *A Procelária* e *O Rebate*, em São Paulo. Obras: *Gramática portuguesa* (1881); *A carne*, romance (1888); *Uma polêmica célebre* (1934). Fonte: www.academia.org.br Acesso em 27/08/04.

encene de uma maneira diferente o modo como se ensina/aprende uma língua, deixando muitas vezes as regras gramaticais implícitas nas falas das personagens.

Na mesma carta em que escreve a Oliveira Viana contando a repercussão de *Emília no país da Gramática* (conferir início da carta no capítulo 2), Lobato comenta a mudança que este livro trouxe à relação ensino/aprendizagem, e como esta “nova metodologia que se abre”, estreita ainda mais os laços do escritor com a escola, fazendo com que ele tenha a intenção de continuar escrevendo livros voltados a ensinar (ou a complementar) as disciplinas escolares:

(...)Vale como significação de que há caminhos novos para o ensino das matérias abstratas. Numa escola que visitei a criançada me rodeou com grandes festas e me pediram: “Faça a Emília do país da Aritmética”. Esse pedido espontâneo, esse grito d’alma da criança não está indicando um caminho? O livro como o temos tortura as pobres crianças - e no entanto poderia diverti-las, como a Gramática da Emília o está fazendo. Todos os livros podiam tornar-se uma pândega, uma farra infantil. A química, a física, a biologia, a geografia prestam-se imensamente porque lidam com coisas concretas. O mais difícil era a gramática e é a aritmética. Fiz a primeira e vou tentar a segunda. O resto fica canja.
O Anísio Teixeira acha que é toda uma nova metodologia que se abre. Amém”.(carta de 15.08.1934.In Nunes, Cassiano. *Monteiro Lobato Vivo*.Rio De Janeiro. Record, 1986, p.95)

A questão que envolve o modo como a língua portuguesa é vista por Monteiro Lobato em *Emília no país da Gramática* suscita perguntas como: na história da viagem ao país da Gramática seu autor constrói, explica, ficcionaliza, ilustra, dramatiza uma gramática? Que gramática o escritor constrói, explica, ficcionaliza, ilustra, dramatiza na viagem de Emília e da turma do sítio?

É neste país da Gramática inventado por Lobato que as personagens tomam contato com o “mundo das palavras” e com a história da língua portuguesa, o que já parece filiar o livro a uma vertente da gramática histórica:

(...) "São os escombros duma cidade que já foi muito importante - a cidade das palavras latinas; mas o mundo foi mudando e as palavras latinas emigraram para outras cidades novas que foram surgindo. Hoje, a cidade das palavras latinas está completamente morta. Não passa de um montão de velharias. Perto dela ficam as ruínas de outra cidade célebre do tempo antigo - a cidade das velhas palavras gregas. Também não passa agora dum montão de cacos veneráveis". (p.10).

Se através de diferentes aspectos o livro parece aderir a uma abordagem histórica da língua, em sua organização - mantida na edição hoje em circulação - Monteiro Lobato se vale de várias denominações amplamente usadas pela gramática tradicional, no modo de classificar as palavras, as relações entre elas, e as disciplinas que as estudam; "Em pleno mar dos substantivos", "Entre os adjetivos", "A casa dos pronomes", "Nos domínios da sintaxe", "As figuras de sintaxe", "A senhora etimologia", são títulos de capítulos que ilustram isso.

O capítulo "Lusobrasilópolis" na edição de 1934 é intitulado "Portugália" a partir de 1947, o que parece sugerir uma crescente autonomia da língua portuguesa do Brasil com relação a de Portugal, uma vez que a composição "Luso + Brasilópolis" pressupõe, corretamente, que o idioma do Brasil originou-se de Portugal. A idéia também se reforça pelo fato de o padrão culto da língua portuguesa do Brasil seguir as regras do português da Europa, muito embora, o próprio Lobato, como vimos, se posicionasse desfavoravelmente a este lusitanismo.

A tabela de Índices, comparando-se as edições de 1934, 1947 e 1970, mostra as alterações sofridas pelas três edições:

TABELA DE ÍNDICES

Títulos dos Capítulos	Edições	
	1934	1970
Uma idéia da Senhora Emília	X*	Uma idéia da Senhora Emília
Lusobrasilópolis	Portugália	Lusobrasilópolis
Gente Importante e Gente Pobre	X	Gente Importante e Gente Pobre
Em pleno mar dos Substantivos	X	Em pleno mar dos Substantivos
Entre os Adjetivos	X	Entre os Adjetivos
Na casa dos Pronomes	X	Na casa dos Pronomes
---	---	Artigos e Numerais
No acampamento dos Verbos	X	No acampamento dos Verbos
Emília na casa do verbo Ser	X	Emília na casa do verbo Ser
A tribu dos Advérbios	A tribo dos advérbios	A tribu dos Advérbios
As Preposições	X	As Preposições
Entre as Conjunções	X	Entre as Conjunções
A casa da Gritaria	X	A casa da Gritaria
A senhora Etimologia	X	A senhora Etimologia
Uma nova interjeição	X	Uma nova interjeição
Emília fabrica palavras	Emília forma palavras	Emília fabrica palavras
O susto da velha	X	O susto da velha
Gente de fora	X	Gente de fora
Nos Domínios da Sintaxe	X	Nos Domínios da Sintaxe
As figuras de Sintaxe	X	As figuras de Sintaxe
As Orações ao ar livre	X	As Orações ao ar livre
Exame e Pontuação	X	Exame e Pontuação
E o Visconde?	X	E o Visconde?
Passeio Ortográfico	X	Passeio Ortográfico
Emília ataca o reduto Etimológico	X	Emília ataca o reduto Etimológico
Epílogo	X	Epílogo

*O X da tabela significa os títulos de capítulos que não sofreram alteração, considerando-se os títulos apresentados na coluna da esquerda.

Uma hipótese que poderia explicar as mudanças promovidas é o fato de que os estudos sobre Língua Portuguesa do Brasil começam a ganhar força a partir da década de 1960; dentre as mudanças ocorridas nestes estudos, está a questão dos artigos e numerais, que foram separados da classe dos nomes e ganharam estatuto de parte da morfologia, o que talvez explique a criação editorial do capítulo “Artigo e numeral” que somente aparece nas edições de 1970 em diante.

Ao lado de um panorama das discussões em vigor relativas a questões de linguagem, é importante também rastrear o diálogo que *Emília no país da Gramática* estabelece com os diferentes acordos ortográficos, uma vez que questões de ortografia e de acentuação -

presentes na obra - são tópicos constantes na reflexão de Lobato sobre a língua portuguesa e fazem parte dos assuntos ensinados pelos professores nas escolas da época.

Desde 1907, Euclides da Cunha e Rui Barbosa batem-se por reformas ortográficas, porém, sem sucesso; a mudança substancial na forma de escrita ocorre somente a partir da Constituição de 1934, o que inscreve *Emília no país da Gramática* em pleno turbilhão de discussões filológicas, ortográficas e de acentuação.

Ao compararmos a primeira edição do livro, de 1934, com a de 1947, que faz parte das *Obras Completas*, última edição revista pelo autor, os acentos estão suprimidos naquela, independentemente das mudanças na acentuação.

TABELA I

Capítulos	Edições	
	1934	1947
Uma idéia da Senhora E m í l i a	• Tres, gramatica, tópa, Nastacia, Emilia. • "minha mãe chama-se Tônica e o rinoceronte está falando em sílaba Tônica" (p.17) • Oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas	• Três, gramática, topa, Nastácia, Emília. • "minha mãe chama-se Tônica e o rinoceronte está falando em sílaba Tônica" (p.17) • Oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas
Lusobrasilopolis/ P o r t u g á l i a	• Decrepita, numero, péla-se, dialogos, memoria, automovel, malandrissimo, fóra	• Decrépita, número, pela-se, diálogos, memória, automóvel, malandrissimo, fora

As mudanças na acentuação das palavras, nas obras de Monteiro Lobato, podem se relacionar muito mais a uma imposição editorial (afinal, a obra pretendia circular na escola), do que propriamente a uma concordância do autor com as regras de acentuação. A primeira edição de *Emília no país da Gramática*, que sai no mesmo ano da Constituição de 1934²⁸, suprimem-se os acentos. A oposição de Lobato aos acentos é antológica: em texto sobre

²⁸ Sobre a possível relação entre *Emília no país da Gramática* e a Constituição de 1934, Cf. Pinto, Edith Pimentel. "A Gramatiquinha de Monteiro Lobato". Imprensa Oficial, 1988.

ortografia ²⁹, ele estabelece relação entre etimologia, acentuação e evolução da língua, e ao mesmo tempo, insurge-se contra as normas da escrita:

"Não é ojeriza. É o horror que eu tenho à imbecilidade humana sob qualquer forma que se apresente. Há uma lei natural que orienta a evolução de todas as línguas: a lei do menor esforço. Se eu posso fazer isto com o esforço de um quilômetro, por que dizê-lo com o esforço de dois? Essa lei norteia a evolução da língua e foi o que fez com que caíssem as inúteis letras dobradas, os *hh* mudos, etc. A reforma ortográfica veio apenas apressar um processo em curso. Por si mesma a palavra *phthisica* passou a *tísica*, e o *ph* já havia sido desmontado pelo *f*. E assim seria em tudo. Essa grande lei do menor esforço, conduz à simplificação da ortografia, jamais à complicação - e os tais acentos a torto e a direito que os reformadores oficiais impuseram à nova ortografia vêm complicar, vêm contrariar a lei da evolução! São, pois, uma coisa incientífica, tola, imbecil, cretinizante e que deve ser violentamente repelida por todas as pessoas decentes. Escrever 'há' ou 'êsse' ou 'ôutro', ou 'freqüência', só porque uns tais ignoríssimos 'alhos' gramaticais resolveram assim é covarde, bobo".

No diálogo sobre acentuação entre Pedrinho, a bonequinha, e Quindim, o rinoceronte gramático de *Emília no país da Gramática*, ressurgem as idéias expressas por Monteiro Lobato no texto acima:

(...) "Quindim interveio:

-Você tem razão, Emília. A tendência natural duma língua é para a simplificação, por causa da grande lei do menor esforço. Se a gente pode fazer-se perfeitamente entendida dizendo, por exemplo, "*tísica*", porque dizer "*phthisica*", como no tempo da ortografia etimológica? A forma "*tísica*" entrou na língua por efeito da lei do menor esforço. Mas a tal acentuação inútil vem contrariar essa lei. Em vez de simplificar, complica.

Em vez de exigir menor esforço, exige maior esforço. Logo, é um absurdo.

-Mas é obrigatório hoje escrever-se assim, com dez mil acentos - observou Pedrinho.

Quindim não concordou.

-*Est modus in rebus* - disse ele. A língua é uma criação popular na qual ninguém manda. Quem a orienta é o USO e só ele. E o uso irá dando cabo de todos esses acentos inúteis. Note que os jornais já os mandaram às favas, e muitos escritores continuam a escrever sem acentos, isto é, só usam os antigos e só nos casos em que a clareza os exige. Temos, por exemplo: "fora" e "fôra". O acento circunflexo serve para distinguir o "fora" advérbio do "fora" verbo. Nada mais aceitável que esse acento no "o". O que vai acontecer com a nova acentuação é isso: as pessoas de bom-senso não a

²⁹ Cf. Negrinha. "Ligeira nota sobre ortografia" (entrevista com os editores), s/d. O texto provavelmente foi escrito em 1934, ano de uma das reformas ortográficas.

adotam e ela acaba sendo suprimida. O uso aceita as reformas simplificadoras, mas repele as reformas complicadoras". (In *Emília no país da Gramática*, pp.152-153).

A obrigatoriedade constitucional do uso destas normas de acentuação dura até 1937 quando, em 10 de novembro, promulga-se a Constituição do Estado Novo: vem com ela outra reforma, que entra em vigor em 1938; desta vez, nem todos os estados adotaram as normas de acentuação, o que fez com que Monteiro Lobato, indignado (tinha livros adotados em diferentes estados do Brasil), escrevesse a Francisco Campos³⁰:

(...) "O anúncio de que vai ter fim a nossa ridícula desordem ortográfica foi recebido com suspiro de alívio. Mas há repercussões econômicas a serem atendidas. Meto o bedelho no assunto porque, embora não seja editor, lido com eles e vejo o perigo que correm. Com a dualidade de ortografias, alguns Estados ficaram com a nova e outros com a velha. Isso forçou as casas editoras a fazer o mesmo livro (escolar) nas duas, único meio de atender ao absurdo da situação criada pelo Poder, primeiro mandando pôr em uso a ortografia nova e depois declarando na Constituição estar em uso a velha. A Cia Editora Nacional, por exemplo, que é onde edito meus livros, tem um estoque de 800.000 coisas escolares, metade na nova, metade na velha. Não procedeu assim por capricho, nem de vontade própria; sim por injunção do dualismo legal. E se agora a nova ortografia é adotada nas escolas, essa benemérita empresa sofrerá grande perda, com o inevitável encalhe de 400 mil volumes que depois de 34 teve de editar na velha. Na mesma situação se acham as demais casas editoras que também exploram o livro didático.

(...) Outro ponto, Dr. Campos, em que a ação dum homem de alta inteligência e de senso prático pode interferir com grandes vantagens para o futuro da nossa terra, é fazer que na nova reforma ortográfica a questão dos acentos se resolva de modo menos irracional do que o foi na Academia. Menos irracional e menos antieconômico.

(...) Revoltado contra os acentos acadêmicos, usei do meu prestígio na Editora Nacional para uma guerra à excrescência, e consegui que a empresa editasse centenas de milhares de livros com a "desacentuação" exemplificada no livro que remeto como amostra. E não sei de uma só criança que, lendo-o, sinta falta das pulguinhas suprimidas. (carta de 5.12.1937. in *Cartas escolhidas*, p.p.29,30,31) .

³⁰ Francisco Luís da Silva Campos nasceu em Dolores do Indaiá (MG), em 1891.

Advogado e jurista, formou-se pela Faculdade Livre de Direito de Belo Horizonte, em 1914.

Em 1926, com a posse de Antônio Carlos no governo de Minas Gerais, assumiu a secretaria do Interior daquele estado. Utilizando-se de muitos postulados defendidos pelo movimento da Escola Nova, promoveu uma profunda reforma educacional em Minas.

Em 1930 assumiu a direção do recém-criado Ministério da Educação e Saúde, credenciado por sua atuação à frente dos assuntos educacionais de Minas. Francisco Campos deixou o ministério em setembro de 1932.

Em dezembro de 1935, é nomeado secretário de Educação do Distrito Federal, em substituição a Anísio Teixeira.

Em 1941, afastou-se do ministério temporariamente por motivos de saúde.

Morreu em Belo Horizonte, em 1968. www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/biografias/franciscocampos.htm. Acesso em 20.10.04.

Em 1943, de novo mudam as normas ortográficas, aprovando-se as que são vigentes até hoje. É interessante lembrar que esta reforma coincide com a 5ª edição de *Emília no país da Gramática*, e no entanto, esta não é alterada.

Observemos, então, a tabela II, que compara a edição de 1934 com a de 1947. Nela, ao contrário da tabela já comentada, em que diferentes usos das regras de acentuação parecem uma imposição editorial, aqui as alterações sofridas pelo texto parecem reafirmar o que Lobato considera “estilo literário”. Nota-se, na comparação entre as duas passagens abaixo, um enxugamento do texto, direcionando as constantes modificações feitas por Lobato em seus textos ³¹, para a necessidade de torná-lo cada vez mais claro e objetivo, características, como já apontamos, essenciais para o “bom estilo”, segundo Lobato.

TABELA II

Capítulos	Edições	
	1934	1947
Gente Importante e Gente de Fora	“A cidade de Lusobrasilópolis tinha uma configuração que recordava a de Budapest, capital da Hungria. Dava idéia duma fruta Incõe - ou de duas cidades emendadas, uma mais nova e outra mais velha. A separação entre ambas consiste num braço de mar ou coisa parecida”.(p.28)	“A cidade de PORTUGALIA dava idéia duma fruta incõe- ou de duas cidades emendadas, uma mais nova e outra mais velha. A separação entre ambas consistia num braço de mar”.(p.17)
Epílogo	“Meia hora mais tarde estavam todos no sítio, contando a embasbacadíssima D. Benta aquela aventura gramatical” (p.172)	“Meia hora mais tarde estavam todos no sítio contando ao Burro Falante o maravilhoso passeio pelas terras da Gramática”. (p.156)

Ao estabelecermos a comparação do capítulo “Gente Importante e Gente de Fora”, nas edições de 1934 e 1947, notamos que a aproximação entre Lusobrasilópolis e Budapeste, “capital da Hungria”, na primeira edição é suprimida na das *Obras Completas*; além disso, na edição de 1934, a imprecisão do lugar dada pela frase “ou coisa parecida”, traz, na de 1947, a

³¹ Cf. Martins, Milena Ribeiro. “Lobato edita Lobato”. Tese de Doutorado. IEL/Unicamp, 2003.

idéia de certeza de que a separação das duas cidades “consistia num braço de mar”. O encurtamento das descrições pode conferir a Portugália um sentido real, já que ela não é comparada com outra cidade que de fato existe, nem há dúvidas quanto às suas configurações.

Ao compararmos também o “Epílogo” das duas edições, observamos que existe uma mudança de interlocutor: na primeira edição, ele é “D. Benta”, nas *Obras Completas* é o “Burro Falante”. Ao se atribuir a D. Benta o superlativo de embasbacada, parece que estamos diante de alguém que não acredita (ou não acreditou) na “aventura gramatical”; o descrédito que D. Benta parece manifestar com relação à visita ao país da gramática não poderia ocorrer com o Burro Falante, que está inserido - mais do que a avó - neste universo fantasioso, se considerarmos que animais não falam. Além disso, a adjetivação, na edição de 1947, recai sobre o “passeio pelas terras da Gramática”, que foi “maravilhoso”. Por fim, o que é considerado uma “aventura gramatical” em 1934, é “terra da Gramática” em 1947, o que retoma - e reforça - a noção de existência de Portugália, transmitida no capítulo “Gente Importante e Gente de Fora”.

As modificações sofridas pela edição de 1947 podem ser tomadas como amostra das características do “estilo literário” de Lobato. Para ele, o “bom estilo” funcionava em benefício da objetividade, e não necessariamente da gramática. Talvez por essa razão, Lobato tenha gostado tanto de *Memórias de um Sargento de Milícias* ³², tal como expôs no prefácio ao livro *Éramos Seis!*, em 1943:

(...) “O romance no Brasil é uma coisa que começou certa mas se perverteu muito cedo. Começou otimamente com MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS, de Manuel de Almeida. Ele o escreveu muito moço e nem sequer o concluiu. O famoso romance não passa dum pedaço de romance.

³² Lobato, Monteiro. “Prefácio a *Éramos Seis!*. In *Prefácios e Entrevistas*. S. Paulo, Brasiliense, 1950, pp 43 - 54

(...)É dos tais que o leitor pega e vai até o fim. Por que? Porque não exige tradução. Já está traduzido. É um livro cheio de incorreções, com pronomes indecentemente colocados - mas *certo*.

Certo, porque agrada a ponto de ser eternamente lido. Todos os anos aparecem edições novas do pedaço do livro de Manuel de Almeida. Ainda agora o Martins fez uma. Até eu já editei as MEMÓRIAS. Mas o Manuel de Almeida com o seu romance certo não fez escola. Os romancistas que vieram depois mudaram de rumo. Veiu, por exemplo, José de Alencar, com um viveiro de araras e graunas e índios e até uma "virgem morena de lábios de mel", que temos de traduzir para índia cor de cuia com beijo humido de saliva". Não ha mel em lábios de ninguém, como não há língua em focinho de cachorro".(p.47)

Lobato, no mesmo prefácio de 1943, retoma e discute a dicotomia entre a fala e a escrita:

(...) "O excesso de perfeição estilística faz na literatura o mesmo que as modernas maquinas de beneficiar arroz fazem para esse grão. Essas maquinas deixam o arroz uma beleza, de tão branco e polido. Transformam-no em bastõesinhos de nacar - mas quem se alimenta só com eles acaba com beriberi.

[A perfeição da forma levada ao absoluto](...) Não é erro; ao contrario, é o supremo acerto - mas dá beriberi. Porque é alimento sem vitaminas. Parece que nisso de língua andamos erradissimos. Ha duas linguas: a falada e a escrita. A falada é que é a grande coisa, pois que é o meio de comunicação entre todas as criaturas humanas afora as mudas. A língua escrita veio depois, e é coisa restritissima. Todas as criaturas humanas jogam com a língua falada, e quantas com a escrita? Uma porcentagem insignificante. Isso faz que a língua falada permanentemente no apogeu da expressão e do pitoresco, ao passo que a escrita se atrase a ponto de ficar uma coisa exigidora de tradução. É muito facil a prova disto. Mande o Manuel ler qualquer coisa. Ele lê o que está escrito e depois, inconcientemente, diz: "Isto quer dizer que..." e explica em língua falada o que o escritor teve a intenção de dizer. Traduz, portanto". (pp. 48 - 49)

A defesa de uma escrita que se pautе pela fala está presente nesse prefácio de Lobato, que aponta tal procedimento como elemento do "bom estilo literário".Esta posição desemboca no elogio da incorreção que passa a ser positivamente avaliada:

(...) "A arte da lingua escrita é a tal como a "Inania Verba" do Bilac, mas quanto mais um autor escreve como fala, mais é lido e gostado. Ah, que maravilha os que escrevem com todas as vitaminas da língua que falam! Como é saudavel e gostoso! Escrever com os 'Ma que'! dos italianos, com os 'Que vá'! dos espanhóis, com os pontapes na gramatica sempre que que ela se

aproxima, escrever com caretas e gestos até com perdigotos! Tudo isso são as películas do arroz literário, nas quais residem as vitaminas. E que faz o escritor de alto coturno? Olha com o maior desprezo para tais películas e as sacode do seu estilo como se fossem caspas”...(p.50)

(...) “A correção da língua é um artificialismo. O natural é a incorreção. Note que a gramática só se atreve a meter o bico quando escrevemos. Quando falamos, afasta-se para longe, de orelhas murchas. Na linguagem falada, a não ser na boca dum certo sujeito que conheço, o verbo concorda ou não com o sujeito - á vontade. Os pronomes arrumam-se como podem - antes ou depois, em baixo ou em cima, e muitas vezes nem entram na frase - são pequeninhos e as palavras grandes não os deixam entrar. Em oposição a essa língua fresquíssima, tão pitoresca, toda improvisações e desleixos, com todas as cores do arco-íris, todos os cheiros e todos os sabores, temos a língua escrita, emperrada, pedante, cheia de “cofos” e “choutos”. Ah, se toda gente escrevesse como fala, a literatura seria uma coisa gostosa como um curau que comi domingo no Tremembé. Esse Manuel de Almeida foi um dos pouquíssimos que entre nós escrevia como falava”. (pp.50 - 51)

Ilustrando tal posição no prefácio que escreve para *Éramos Seis!*(1943), da senhora Leandro Dupré, Lobato comenta questões que concernem às regras da gramática normativa. “Corretamente desobedecidas” pela autora, elas geram o que o escritor considera um grande livro, dotado de estilo:

(...) “A gramática por um lado e a viúva por outro. Caso não queiram, os verbos podem perfeitamente não concordar com os sujeitos. A pontuação é como sã - as vírgulas podem ficar uns milímetros para lá ou para cá do lugar certo. Em muitas frases interrogativas o ponto de interrogação não aparece, está sabiamente subentendido. E os tais vícios de linguagem abundam - ecos, repetições, todos eles - todas as películas de arroz que a gramática condena, mas que artisticamente usadas, dão as vitaminas do estilo. Às vezes aparece uma palavra grifada como *libré*. Por que Atôa. Capricho. A crase é um jogo. Às vezes calha. O acento é um enfeite de certas palavras em certo momento; numa frase mais triste a mesma palavra aparece sem enfeite nenhum”. (p.54)

Tendo em vista a relação de Lobato com a língua - mais do que isto - com as regras da gramática, e o quanto esta interfere naquilo que o escritor chama de estilo literário, faz-se interessante abordar um aspecto que contradiz esta falta de *norma para escrever*, tão

aclamada e defendida pelo autor ao longo de textos, inclusive em *Emília no país da Gramática*.

Lobato sempre demonstrou, na linguagem escrita, ter um estilo diferenciado dos autores de literatura infantil, sobretudo pela linguagem inovadora, e pela criação de neologismos, como aponta a crítica. Há que se levar em consideração, no entanto, que o escritor, no geral, respeita as regras do “bem falar” em suas obras - exceto quando se trata da acentuação - pondo em prática a dicotomia entre fala e escrita, condenada por ele ao longo de alguns textos.

Por isso, a partir destas considerações, pode valer a pena um parêntesis para entendermos como se construiu, ao longo do tempo, a relação língua - gramática ou correção gramatical - e literatura.

3.1 Os gramáticos e as gramáticas

Já no início do século XX as idéias sobre a língua que circulavam no Brasil foram marcadas pela relação língua/sociedade, a partir da influência dos estudos de antropologia, sociologia, psicologia e de autores como Whitney (1827-1894) e Saussure (1857-1913). Entre os brasileiros, destacam-se o trabalho de Said Ali (1861 - 1953), cuja obra é baseada, sobretudo, nos estudos desenvolvidos pelo lingüista alemão Meyer Lübke³³ (1861-1936).

Também ao longo do século XX as teorias lingüísticas são visitadas pelos intelectuais, sejam eles autores de gramáticas (como Eduardo Carlos Pereira e Said Ali), sejam eles produtores de literatura (estão entre estes Mário de Andrade e Monteiro Lobato).

³³ Lingüista Suíço-Alemão cujos estudos comparativos das línguas romance e do latim falado popular revolucionaram a lingüística romance. Após ensinar na Universidade de Jena (1887-90), lecionou na Universidade de Viena e na Universidade de Bona (1915). Publicou a *Gramática italiana histórico-crítica* (1891) e *Der de Grammatik romanischen Sprachen*, 4 vol. (1890-1902; “Gramática das Línguas Romance”). O mais bem sucedido na metodologia, Meyer-Lübke-Lübke alcançou seu pico no *Einführung in das o der de Studium der romanischen Sprachwissenschaft* (1901; “Introdução ao estudo da lingüística romance”). Publicou manuais e monografias no português velho, no Catalão, e no Romeno. Sua influência larga continuou ao presente. Nos anos de 1960, alguns de seus trabalhos foram reeditados, e uma revisão de seus estudos etimológicos foram feitos. *Wörterbuch der Romanischen* (“Dicionário Etimológico Romance”), que foi publicado originalmente entre 1911 e 1920, teve publicação em 1968. Em: www.orbilat.com/Encyclopaedia/M/Meyer-Luebke_Wilhelm.html. Acesso em 08/10/04.

Por isso, compreendermos este universo de gramáticas e de teorias sobre a língua se faz fundamental, já que será a partir destes conhecimentos que poderemos analisar *Emília no país da Gramática*; este é também o caminho que nos dará a possibilidade de, talvez, compreender a concepção de língua de Lobato. O autor, que nasceu no final do século XIX (1882), não só acompanhou as discussões sobre as questões da língua do Brasil em contraposição à língua de Portugal, como participou com reflexões apuradas sobre o tema, tal como já vimos nos textos aqui apresentados.

Relativamente ao papel do gramático no século XIX, Orlandi estabelece que

“o autor de gramática no século XIX tem uma posição de saber que não é simples reprodução do saber lingüístico português”.³⁴

Os gramáticos no Brasil do final do século XIX mantinham com o Estado estreitas relações, já que o saber passava por uma instituição - a escola - cujo tutor era o Estado, que agora era brasileiro. O deslocamento geográfico e lingüístico - de Portugal para o Brasil - já que não se adotavam mais para aprendizado as gramáticas portuguesas, confere ao gramático brasileiro o poder de interferir diretamente na construção e legitimação do português do Brasil; o Estado também tinha função importante: a de criar espaços e instituições que legitimassem esta língua, fundando Escolas e estabelecendo programas de ensino.

Sendo assim,

“O surgimento da posição-autor *gramático brasileiro*, produz um conhecimento legítimo da língua que corresponde a um gesto de apropriação da própria língua e legitima a relação do brasileiro com a escrita. Ao assinar a gramática, os gramáticos brasileiros, no século XIX, tomam posição do movimento social de construção da sociedade brasileira na formação do Estado, na organização da sociedade brasileira com suas instituições em que as do saber ocupam lugar importante”.³⁵

³⁴ ORLANDI, E. *Língua e Conhecimento Lingüístico*. São Paulo, Editora Cortez, 2002, p.191.

³⁵ Idem, *ibidem*, p.192.

Esta pareceria entre os gramáticos brasileiros e o Estado desemboca no que se poderia chamar de um processo de *gramatização* do Brasil, que envolveu fatores históricos, políticos, sociais e culturais. Sendo assim, quem foram os primeiros gramáticos brasileiros? De quais pressupostos partiram os autores brasileiros na construção de suas gramáticas? Qual filosofia os norteou?

No final do século XIX brasileiro, as instituições de ensino, já organizadas, começam a ter professores desempenhando a posição “autor de gramáticas”.

O primeiro autor de gramática é o professor do Colégio “Culto à Ciência”, de Campinas, Júlio Ribeiro (1845-1890), que não só produziu a *Gramática Portuguesa* em 1881, como escreveu o romance *A Carne*, publicado em 1888.

Júlio Ribeiro, numa segunda edição da gramática ³⁶, adota a posição do inglês Whitney, em detrimento da de Burgraff, autor utilizado na 1.ª edição. Ao adotar as idéias de Whitney, Ribeiro passa a considerar a linguagem como “exposição de fatos” e não mais como algo natural:

“Grammatica é a exposição methodica dos factos da linguagem” (Whitney. *Essentials of English Grammar*).

“A grammatica não faz leis e regras para a linguagem; expõe os factos dela, ordenados de modo que possam ser aprendidos com facilidade. O estudo da grammatica não tem por principal objecto a correcção da linguagem”.

Os motivos de tais mudanças são esclarecidos no Prólogo:

“Abandonei por abstractas e vagas as definições que eu tomara de Burgraff: preferi amoldar-me ás de Whitney, mais concretas e mais claras”(p.1)³⁷.

³⁶ Ribeiro, Júlio. *Grammatica Portuguesa*. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1884.

³⁷ A grafia dos textos aqui transcritos foi respeitada.

Consta do prefácio o Parecer e Projeto de Instrução Pública, cujo relator foi Ruy Barbosa. O texto de Ruy, além de reforçar a credibilidade da obra de Júlio Ribeiro, por ser assinado por alguém dos altos escalões da política educacional brasileira, também assinala como positiva a mudança de orientação teórica do autor:

"Parecer e projeto da comissão de instrução publica, apresentado á Câmara dos Deputados em 12 de Setembro de 1882; relator Ruy Barbosa. Pagina 172, nota:
Louvores ao nosso distincto philologo, o sr. Julio Ribeiro, pela intelligencia com que comprehendeu e traduziu esta nova direcção (a de Whitney) dos estudos grammaticaes. "Grammatica, diz elle, é a exposição methodica dos factos da linguagem"" (p.IV).

Seis anos depois, em 1887, é publicada uma gramática homônima da de Júlio Ribeiro, pelo professor de História João Ribeiro (1860 - 1934), que ministrava aulas no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. A obra foi premiada pelo júri da "Exposição de Objetos Escolares", em 1888 com o diploma da 1.ª classe. Na Advertência, o autor explica o que entende por ensino de gramática, já que seu livro tem como subtítulo "Gramática da Infância":

"A GRAMMATICA DA INFÂNCIA deve ser apenas como o guia ou resumo theorico das matérias que só a practica, os exercícos oraes e escriptos e a acção continua do mestre podem tornar conhecidas e utilmente aproveitadas. Confiar tudo, ou sequer considerável parte das regras, á memoria seria o peor e o mais improficuo de todos os methodos de ensino.
Escrever certo, falar certo, compor phrases, eis em poucas palavras os objecto ensino grammatical, e os instrumentos naturaes d'esse saber são o dictado e a practica de escrever, a conversação, a recitação e declamação e ao lado da analyse do pensamento, o estudo da synonymia, da redacção e com os elementos offerecidos pelo mestre. (...) As regras da grammatica apenas facilitam a memória dos factos, reduzindo-os a princípios breves, poupando ás vezes muito trabalho inútil".

A definição de gramática está associada à correção a ao fato de a linguagem ser vista como um fenômeno natural:

"Grammatica é o conjunto das regras segundo as quaes se fala ou escreve correctamente a língua.

Aquelle que estuda a grammatica fala naturalmente sua língua. A grammatica não lhe ensina mais que a analyse de suas proprias palavras, mostrando-lhe o uso das pessoas doudas e dos grandes escriptores".(p.07)

Ao definir gramática como regras e como correção, o autor se coloca na posição normativa de língua, que desconsidera a atuação do sujeito falante nos processos de construção de um idioma.

No mesmo ano de 1887, Maximino Maciel (1866-1923), professor do Colégio Militar do Rio de Janeiro, escreve a *Gramática Analítica*, que em 1894, quando teve sua 2.ª edição, passa a se chamar *Gramática Descritiva*, que, ao contrário da Analítica, *observa e experimenta* os fatos da língua. As razões da mudança são apontadas pelo autor no Prólogo:

"Em 1887, embora no verdor dos nossos annos, publicámos o nosso primeiro trabalho - GRAMMATICA ANALYTICA em que, baseando-nos nas doutrinas modernas, concorremos de algum modo em que se vasava a grammaticographia.

É certo que esse trabalho nosso a que alludimos, posto que houvesse sido acceito pelos competentes e exaltado pela imprensa, se resentia de muitos defeitos, devidos á transição em que se achavam as doutrinas d'então.

Além disso, nós o escrevêramos baseados mais no que havíamos lido do que na observação e na *experimentação* dos phenomenos da língua, de sorte que actualmente discordamos de alguns pontos, graças á longa practica do magistério em que consolidamos o que sabíamos e adquirimos o que hoje se acha exarado no corpo dessa GRAMMATICA DESCRIPTIVA".

Somente no Prólogo da 3.ª edição, de 1901, Maximino Maciel explica, nas entrelinhas, que sua gramática é destinada àqueles que conhecem previamente a língua, já que

(...)"Bem sabemos, que, para os que se iniciam no aprendizado é pesada a nossa Grammatica e até inconveniente, desde que o alumno não prescreve e limite o professor o que tem de ser estudado".

A *Grammatica Descriptiva*, enquanto filiação teórica, se aproxima da *Grammatica Portuguesa* de Júlio Ribeiro, uma vez que a preocupação de Maciel é também com a interpretação dos "factos da língua":

(...) "Na matéria que nos ocupa, temos as nossas opiniões assentadas: boas ou más, errôneas ou acertadas, esforçamo-nos em pol-as de maior concerto possível com os factos da língua. Corram então por conta de exíguo critério nosso na interpretação d'elles os desacertos de que, si por acaso houver, nos penitenciaremos, desde que nol-os provém com lógico fundamento e com os factos da língua". ("Prólogo". In *Grammatica Descriptiva*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 3.^a edição, 1901).

Assim apresentados alguns aspectos que marcam as mais importantes gramáticas que circulavam no Brasil na transição do século XIX para o XX, podemos sobrepor a isso a visão de Orlandi, para quem

"no século XIX, no Rio de Janeiro, a filiação é predominantemente a da *gramática histórica* e, em São Paulo, a da *gramática filosófica*".
(idem, *ibidem*, p. 130)

Desta divisão geográfica - proposta por Orlandi - destacamos dois autores representativos das duas linhas de pensamento: no Rio, Manuel Said Ali (1861-1953), preocupado com as questões que envolviam história, psicologia, indivíduo; em São Paulo, Eduardo Carlos Pereira (1855-1923), que se ateve às questões de cunho filosófico, tal como pregava a tradição de gramáticas, desde o século XVI, na França. Segundo este, a tendência histórica é "mais moderna e a filosófica mais tradicional e é importante não confundí-las".

Quanto à teoria seguida por cada um destes autores, temos, de modo geral, o tratamento da linguagem como expressão do pensamento. Dentro desta vertente, podemos estabelecer sub-divisões, que enquadram os gramáticos Júlio e João Ribeiro: 1) João Ribeiro adota duas teorias que em princípio se chocam, a saber: a corrente do naturalismo, que vê a

linguagem como um organismo vivo, na esteira do que postula Darwin para os seres humanos, associada à corrente preconizada por Whitney, que estabelece que a linguagem não é um fato natural, mas sim um fato social, o que o classifica como o precursor da lingüística estrutural do início do século XX, desenvolvida por Saussure; 2) Júlio Ribeiro, por sua vez, filia-se à gramática histórica, cujo princípio é o de transformação e mudança da língua ao longo do tempo.

Nestas brevíssimas reflexões sobre gramáticas e gramáticos do século XIX pudemos apresentar suas filiações teóricas, e as atividades que exerciam seus autores: se nem todos eles eram professores de português, todos estavam ligados à escola - instituição de prestígio daquele momento - e, por conseguinte, à intelectualidade e à produção de conhecimento no Brasil do final do XIX.

No século XX a posição do gramático ganha outro *status*: grande quantidade de gramáticas (aproximadamente 60) produzida no final do século XIX e início do XX, apresentavam grandes divergências entre si. Divergiam não mais pela filiação teórica assumida (histórica, evolucionista, naturalista, positivista, etc), mas sim pela maneira como relacionavam as diferentes “denominações” e maneiras de operar a língua. As divergências se aprofundam, e, com a necessidade de formalização, surge a necessidade de uma padronização da nomenclatura.

Para que estas diferenças não mais provocassem divergências, foi proposta e coordenada, durante os anos de 1957/58, por Antenor Nascentes (1886-1972) a criação da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), que passou a vigorar a partir de 1959. A NGB consistia numa terminologia padrão do Português Brasileiro. A “posição-autor” de gramática brasileira de que fala Orlandi não existe mais a partir do século XX, pois

"A NGB cristalizou a gramática, ou melhor, ela reduziu a gramática a uma nomenclatura fixada e o gramático perdeu seu estatuto de autor, ou pelo menos, perdeu sua forma de autoria".³⁸

Com esta padronização ocorrida a partir da criação da NGB, não temos, no século XX, a figura do gramático como aquele que se filia a uma teoria de análise dos fatos da linguagem. A associação feita entre saber *sobre* a língua e *ser gramático* dá lugar para o *ser* lingüista e saber *sobre* a língua; a partir do século passado, os gramáticos serão meros reprodutores da regra, enquanto os lingüistas darão a legitimidade e cientificidade ao estudo da língua e da linguagem, que outrora era dada pelos gramáticos.

Este é o contexto em que chegamos à discussão da figura de Eduardo Carlos Pereira (1855-1923), autor que, assim como Lobato, escreveu no início do século XX, mas acompanhou as discussões e as transformações ocorridas na passagem do século XIX para o XX. Seu diálogo com as teorias lingüísticas do final do XIX e começo do XX, resultou em três obras: *Gramática Expositiva* (Curso Superior), *Gramática Expositiva* (adaptada ao 1º, 2º e 3º anos do ginásio das escolas complementares), ambas de 1907 e *Gramática Histórica*, publicada em 1916. Dada a sua importância em *Emília no país da Gramática*, vamos estender-nos em sua biografia.

Eduardo Carlos Pereira nasceu a 8 de novembro de 1855, em Caldas, Minas Gerais. Alguns anos mais tarde, depois de aprender as primeiras letras com o irmão mais velho, foi estudar no Colégio Ipiranga de Araraquara. Já adulto, transferiu-se para Campinas, onde deu aula de Latim e Português, o que fez com que ampliasse seus conhecimentos destas disciplinas.

Quando ainda morava em Campinas, soube da chegada à cidade de um missionário americano da Igreja Presbiteriana, Reverendo Jorge Morton, então, diretor do Colégio Internacional, com quem entrou em contato e de quem sofreu grande influência religiosa. Foi

³⁸ *Op. Cit.*, p.193.

cursar Direito em São Paulo e, terminada a faculdade, começa a atuar na Primeira Igreja Presbiteriana, realizando sua obra pastoral em São Paulo e Rio de Janeiro. Publicou artigos doutrinários de cunho evangélico e orientadores na *Imprensa Evangélica* e na *Revista das Missões Nacionais*, publicações coordenadas por presbiterianos.

Já no final do século XIX veículos de imprensa como *O Estado de São Paulo*, *O Correio Paulistano* e a *Revista de Língua Portuguesa* abrigavam seus primeiros artigos sobre língua portuguesa.

Em 1895, o professor presta concurso público no Ginásio Oficial do Estado de São Paulo, onde assume a cadeira de Língua Portuguesa, no mesmo ano. Um pouco depois e deste lugar, começa a escrever suas gramáticas.

Apoiado no conceito de que a gramática expressa os sentidos e o pensamento e tem objetivos diretamente pedagógicos, e orientado pelas idéias de que a linguagem é um fato social e que a língua evolui ao longo do tempo, publica, em 1907 sua *Gramática Expositiva (Curso Superior)*. Adaptando o conteúdo desta aos alunos dos primeiros, segundos e terceiros anos ginasiais, e de acordo com o programa oficial de português da época, edita, no mesmo ano, logo depois, a *Gramática Expositiva (Curso Complementar)*.

A *Gramática Histórica* só foi publicada em 1916, com o objetivo de complementar as gramáticas escritas por ele anteriormente.

É interessante nos determos nesta *Gramática Histórica*, pois ela é mencionada pelas crianças do sítio, quando fazem a viagem ao país da Gramática. Além disso, a *Gramática Histórica* é a última da trilogia e a que teve um longo intervalo de reflexões até ser concluída pelo autor. Vejamos, pois, quais as bases do pensamento do período que nortearam a construção da terceira gramática de Eduardo Carlos Pereira.

3.2 A *Gramática Histórica* de Eduardo Carlos Pereira.



Fotografia de Eduardo Carlos Pereira.
Disponível em www.ipb.com.br

Analisando a *Gramática Histórica* ³⁹, podemos notar algumas inovações realizadas por Eduardo Carlos Pereira, tais como: 1) tratamento diferenciado das questões de Sintaxe e de Semântica (que inclui o sujeito como falante e um ser social capaz de transformar a linguagem e a língua), posições até então pouco assumidas pelos gramáticos da época (o assunto Sintaxe e Semântica ocupam mais da metade da *Gramática Histórica*), 2) a comparação entre o português do Brasil e o de Portugal, 3) numeração dos parágrafos, o que visualmente facilita a consulta.

A obra salienta a preocupação do autor com a evolução e história da língua, ao mesmo tempo em que se filia também à tradição naturalista e positivista de linguagem, sem deixar de considerar a história o que fica claro nesta passagem do seu Prólogo:

(...) “Filha do homem, traz com o homem frisante analogia. Sua origem, como a de seu putativo genitor, tem o cunho do mysterio, perde-se na noite remota dos tempos, e offerece ás pesquisas do sabio indecifrável enigma. Como elle ainda, ella nasce, cresce, adoece e morre. Em sua propria estrutura , encontra certa classe de glotollogos⁴⁰ um organismo vivo, e nos falam da *vida das palavras* e da *vida da linguagem*. Tambem ella tem a sua historia na existencia secular da humanidade”.⁴¹ (p. III) (os grifos são nossos)

³⁹ Para este trabalho, utilizamos a 6ª edição. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1929.

⁴⁰ Glotólogos correspondem aos Linguistas atuais.

⁴¹ A grafia foi respeitada tal como consta na edição analisada e citada na nota 39.

A definição de língua de Eduardo Carlos Pereira - que a entende como um organismo dotado de história - se assemelha à de Lobato, quando este escreve sobre a vida de "Brasilina" (um organismo que "nasce, cresce e morre", tal como está definido na página 81), para ele, a verdadeira língua do Brasil.

Quanto ao público -alvo desta obra, o autor informa que ela

"É destinada á mocidade estudiosa e aos homens de letras de nosso paiz".

A "mocidade estudiosa" do trecho acima retoma a idéia de vínculo entre saber gramática e instituição escolar. Talvez venha da destinação de seu livro a preferência de Eduardo Carlos Pereira por gramáticas que estivessem ligadas ao pedagógico, o que não parece ter ocorrido com outros autores de gramáticas históricas do mesmo período. Said Ali, por exemplo, em 1930 publica sua *Gramática Histórica* (resultado de estudos que iniciara em 1921), porém não faz menção à escola, somente aos "estudiosos do idioma".

Reforçando esta hipótese vemos que não só a *Gramática Histórica*, mas também as duas *Gramáticas Expositivas* de Eduardo Carlos Pereira foram adotadas pelo "Ginásio Oficial de São Paulo", onde o autor dava aulas de Português. As *Gramáticas Expositivas* eram adotadas para os três primeiros anos ginasiais (o que corresponde hoje à 5ª, 6ª e 7ª séries do Ensino Fundamental II) e a *Gramática Histórica* não era somente um livro de uso escolar, era também uma disciplina obrigatória aos alunos do 4º ano ginasial.

Voltadas, sobretudo, para o ensino nas escolas, as três gramáticas de E. C. Pereira atingem 102 edições entre o início 1923 e 1957, o que faz com que ele seja o grande nome da gramática escolar em São Paulo do início do século XX. Essas edições não foram feitas por uma única editora; as edições publicadas entre os anos de 1907 a 1909 das *Gramáticas Expositivas* saem pela Weizsflog Irmãos, editora paulista; em 1910, a Francisco Alves (editora carioca)

passa a editá-las, e finalmente a Cia Editora Nacional, que desde 1926 até os anos 30, pertenceu a Monteiro Lobato editou as gramáticas.

E é esta relação entre Monteiro Lobato e Eduardo Carlos Pereira que passa a nos interessar a partir de agora, já que inclui a obra do gramático no cenário das práticas editoriais lobatianas.

3.3 Eduardo Carlos Pereira editado por Monteiro Lobato.

Em 1920, associado a Octalles Marcondes Ferreira, Monteiro Lobato cria a Monteiro Lobato e Cia e passa não só a editar livros, como também a ter o direito de propriedade e instalação da *Revista do Brasil*.

A editora começa a produzir em julho; monta uma cadeia de vendedores e os livros passam a ser publicados em larga escala. No final do segundo semestre de 1920, a editora contava com um patrimônio de 130 contos (o investimento inicial foi de 70 contos), tendo impresso 60.000 livros⁴².

Com o objetivo de produzir livros baratos e de qualidade, Lobato não só publica exemplares a custos baixíssimos, como também contrata vendedores (em 1921 eram 300) que levavam livros aos pontos mais remotos de todo o país, o que traz "incremento considerável na vendagem de cada edição" ⁴³.

Visando a aumentar e a consolidar as vendas da editora, a *Monteiro Lobato e Cia* passa a priorizar, assim como Francisco Alves no final do XIX e começo do XX, livros didáticos, regozijando-se quando um título tornava-se de consumo obrigatório nas escolas. *Narizinho Arrebitado*, embora não tenha sido produzido especificamente para o cenário escolar, passou

⁴² Cf. Azevedo, Carmen Lúcia et al. *Furacão na Botocúndia*, p. 66.

⁴³ Idem, ibidem, p.66.

a figurar neste, graças à aprovação das crianças leitoras, dos professores e da crítica especializada.

Com o sucesso de *Narizinho Arrebitado*, livros como *Cartilha de alfabetização* (B.M de Tolosa) e *Cartilha de Higiene* (Almeida Júnior) - estes sim, explicitamente didáticos - foram editados pela Monteiro Lobato e Cia nos anos seguintes; dentre estes, as três gramáticas de Eduardo Carlos Pereira, como podemos ver em anúncio de 1923, veiculado na 4ª capa de outra obra da editora:

Livros escolares editados por MONTEIRO LOBATO & CIA.	
NARIZINHO ARREBITADO, de Monteiro Lobato, leitura para o 2.º ano primário	28500
FÁBULAS, do mesmo autor, leitura para o 2.º ano primário e 1.º médio	28500
SAUDADES, de Thais de Andrade, leitura para o 2.º ano primário e 1.º médio	48000
CARTILHA DE ALFABETIZAÇÃO, de B. M. Tolosa, para o ensino de leitura pelo método analítico	28500
LIVROS DE PROBLEMAS PARA O ENSINO PRIMÁRIO, do mesmo autor. Cada um	13000
ENSINO DO FRANCÊS PELO MÉTODO ANALÍTICO, do mesmo autor	25000
COMO SE APRENDE A LÍNGUA, de Sampaio Dória, Curso complementar	68000
SCIÊNCIAS PHYSICAS E NATURAES — HYGIENE, de Miguel Milanes	48500
GRAMMÁTICA EXPOSITIVA, de Eduardo Carlos Pereira, Curso elementar	58000
GRAMMÁTICA EXPOSITIVA, de Eduardo Carlos Pereira, Curso superior	78000
GRAMMÁTICA HISTÓRICA, do mesmo autor	88000
CONJUNÇÕES, de Leonardo Pinto	28500
O QUE O CIDADÃO DEVE SABER, de Sampaio Dória	58000
A PESCA, (Biblioteca de Escrever), de Fausto Lex	28000
CARTILHA DE HYGIENE, de Almeida Júnior	28500
CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES, IRREGULARES E DEFECTIVOS DA LÍNGUA ITALIANA, de Leonardo Pinto	48000

Pedidos a MONTEIRO LOBATO & CIA.
Rua Victoria, 41 — Sala 2-2 — S. PAULO

Preço:
6\$000

Quarta capa do livro *Como se aprende a lingua*, de Sampaio Dória, editado pela Monteiro Lobato & Cia. São Paulo, 1923.

Há, nesta propaganda, alguns aspectos importantes, pois eles apontam maneira criada por Lobato para comercializar os livros que publicava; a divulgação dos títulos a saírem era feita através dos livros já em circulação, ou como já vimos, através de sessões da *Revista do Brasil* ("Movimento Editorial"); ou anúncios publicados na revista. Como a editora e a revista pertenciam a Lobato, os gastos com propaganda eram mínimos. As gramáticas de Pereira e outros livros didáticos editados pela Monteiro Lobato & Cia e divulgados na quarta capa do livro de Sampaio Dória traz, já em 1923, um Lobato que ainda circula na escola, como em 1921, quando sai a versão escolar de *Narizinho Arrebitado*. É diferente, no entanto, a maneira pela qual, em 1923, o escritor e editor entra na instituição de ensino: as edições agora publicadas são estritamente para consumo escolar (cartilhas, gramáticas), e não *literatura* adotada na escola. A quarta capa em está estampado este anúncio aqui reproduzido, revela, ainda, um Lobato que não só estabelece contato com a escola a partir da publicação de livros didáticos, como também mantém relação com os articuladores das novas idéias educacionais, visto que o autor de *Como se aprende a língua* é Sampaio Dória, autor da reforma educacional implementada em São Paulo, em 1920.

Em carta a Rangel, datada de 1923, Lobato fornece algumas razões para a publicação de didáticos:

"Estamos refreando as edições literarias para intensificação das escolares. O bom negocio é o didatico. Todos os editores começam com a literatura geral e por fim se fecham na didatica. Veja o Alves". (in *A Barca de Gleyre*, 2º tomo, carta de 1.12.1923)

Um mês depois desta carta, já no ano de 1924, a produção de didáticos tem sua prioridade confirmada no atraso que acarreta aos outros gêneros publicados pela editora:

“Teu livro [de Godofredo Rangel] está impresso e dobrado. Se demora, é porque a proximidade da abertura das aulas põe a mercadoria didática à frente de tudo o mais. Só cuidamos agora de cartilhas, gramáticas, aritméticas, - todos os instrumentos de torturar as crianças”. (In *A Barca de Gleyre*, 2ºtomo, carta de 03.01.1924)

No mesmo ano da referida carta, a revolução tenentista e os constantes protestos de Lobato contra a liberdade do voto secreto acarretaram, segundo Plínio Barreto, a falência da Cia Gráfico Editora Monteiro Lobato. Depois de uma carta-protesto de Lobato dirigida a Artur Bernardes (1855 -1955), então presidente do Brasil, o governo, maior cliente da editora na época, suspendeu a compra de livros escolares para distribuição, deixando em estoque centenas de didáticos. Dentre estes, 10.196 exemplares das gramáticas de Eduardo Carlos Pereira (maior credor da editora), que seriam compradas e distribuídas pelo governo. Em 1925, Lobato decretou falência de sua Cia Gráfico Editora Monteiro Lobato ⁴⁴ (Monteiro Lobato & Cia).

Mas ele retorna ao mercado.

No ano de 1926, Lobato, em carta a Rangel, conta a abertura de sua nova casa editora - a Cia Editora Nacional - e comemora o número de exemplares vendidos das três gramáticas de Eduardo Carlos Pereira:

(...) “Breve reentraremos na ativa e a Cia Editora Nacional te dará muito trabalho - e também te pagará o que a falida te ficou a dever. Nossa nova fase avança maravilhosamente bem, apesar de tão bêbêzinha: nasceu em fevereiro. Desde esse mês até hoje tivemos um líquido de 130 contos, e aquisição do estoque de livros da velha companhia vai ser tacada. Decididamente temos estrela, porque é difícil conseguir, a quem sai duma estrondosa falência, o que estamos conseguindo em tão pouco tempo. E breve serão duas casas, uma em São Paulo, a matriz, e outra aqui[no Rio de Janeiro], a filial. E depois três, quatro, cinco - uma livraria em cada capital do Brasil. Só de gramáticas do Eduardo Carlos Pereira vendemos de fevereiro até hoje 27.000” (carta de 07.05.1926. In *A Barca de Gleyre*, 2.ºtomo, 1950,p.291)

⁴⁴Sobre o assunto da falência, há uma tese de doutorado sendo produzida dentro do projeto temático “Monteiro Lobato (1882-1948) e outros modernismos brasileiros. Cf. Bignotto, Cilza. “Editora Monteiro Lobato: uma história”.

Assim, originalmente editadas pela Monteiro Lobato & Cia, e depois pela Cia Editora Nacional, "filha da Monteiro Lobato e Cia", as gramáticas de Eduardo Carlos Pereira não só serão editadas até 1957, como o autor terá, como já antecipamos, sua *Gramática Histórica* mencionada no capítulo "Em pleno mar dos Substantivos".

Considerações Finais

Considerações Finais

Ao considerar as reflexões sobre língua portuguesa do Brasil, educação, literatura (mais especificamente estilo literário), feitas por Lobato ao longo de sua vida, tal como vimos, pode-se pensar que *Emília no país da Gramática* faz parte de um projeto pedagógico idealizado pelo escritor desde a década de 1920, quando vende 50.500 exemplares de *Narizinho Arrebitado* ao governo do Estado de S. Paulo para a distribuição nos grupos escolares. Mas é no período de 1930 que leva para o plano da fantasia as matérias escolares, estreitando a relação com a instituição de ensino e fortalecendo o seu projeto educacional, baseando-se nos preceitos da “Escola Nova”, trazidos ao Brasil pelo educador Anísio Teixeira, de quem Monteiro Lobato se tornou amigo, quando ambos passaram uma temporada nos EUA, no final dos anos 20 e começo dos 30.

Esta teoria da “Escola Nova” parece agradar tanto a Lobato que sua próxima idéia, depois da resolução do caso do petróleo,

(...) “É criar luxuosamente um aparelho educativo com você à testa, como nunca existiu no mundo. Um gânglio novo, libérrimo, autônomo, fora de governo, de tudo quanto restringe e peia. Um gânglio que se vá erradicando até fazer-se um formidável organismo moldador de homens - educador no mais elevado sentido. Com escolas especializadas, com jornais e revistas, com casa editora, com livrarias, com cinema, com estação de rádio, com estação teletransmissora de imagens.... Qualquer coisa como a *Rádio City* do Rockefeller, mas educativa. O governo eu ensine ao povo o que quiser; a religião, idem. Nós, do alto da nossa *Education - City*, servida por todas as máquinas existentes e as que hão de vir, pairaremos sobre o país qual uma nuvem de luz. Um corpo de cérebros, dirigidos por você, prepara; a máquina multiplicadora, dissemina. Iremos fazer com um púgilo de auxiliares o que o Estado - esta besta do Apocalipse - não faz com milhares e milhares de infecções chamadas escolas e de cágados chamados professores. A “nossa educação” cairá como chuva de neve sobre o país, sem saber e sem querer saber onde os flocos irão pousar”. (carta provavelmente de 1932. In Nunes, Cassiano. *Monteiro Lobato Vivo*, p.101)

Lobato parece realizar este projeto educacional na ficção: em um de seus últimos livros - *O poço do Visconde* (1937) - a turma do sítio enriquece e, sem querer gastar o dinheiro

“egoisticamente”, as crianças dão varias idéias de obras a serem feitas com o valor ganho por D. Benta, Narizinho sugere a construção de uma escola:

“E também poderemos criar umas boas escolas profissionais para esta caboclada bronca. Eles são aproveitáveis, mas têm que ser ajudados.
-Aprovado! - disse D. Benta”. (p.214)

Além disso, ainda que em *Emília no país da Gramática* exista uma tentativa de contar a história da língua portuguesa, há a preocupação de Monteiro Lobato em manter diálogo com as regras do idioma, como vimos em vários trechos da viagem da turma ao país da Gramática; neste sentido, trata-se da dramatização de uma gramática, que apresenta a norma como padrão. A normatividade a qual Lobato parece estar ligado neste livro pode ter relação com o fato de que se trata de um paradidático, ou seja, o público-alvo da obra é a criança em fase escolar. Por isso, embora estejam presentes os elementos da fantasia, ainda assim, Lobato constrói uma gramática normativa.

Todos estes elementos juntos contribuíram no sentido de estabelecer uma concepção de língua - e de literatura - de Monteiro Lobato, já que *Emília no país da Gramática* parece dar ao seu criador uma possível unidade entre aquilo que se considera literatura adulta e o que se entende por literatura infantil, pois muitas das reflexões lobatianas sobre língua veiculadas em contos e cartas reaparecem “na boca” de suas personagens da ficção infantil.

Bibliografia

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Abreu, Tâmara M.N.Costa e Silva de. "Um Lobato educador: sob o prisma da fecundidade da obra infantil lobatiana". Dissertação de Mestrado. UFPE, 2004.
- Amado, Jorge. "Livros Infantis". In *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro. 06 de Janeiro, 1935.
- Arroyo, Leonardo. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para sua história e suas fontes*. São Paulo, Melhoramentos, 1968.
- Arryes, Philipe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro. Editora Guanabara, 1981.
- Azevedo, Carmen Lúcia de; Sachetta, Vladimir; Camargos, Márcia; *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo, Editora Senac, 2000.
- Barbosa, Alaor. *O ficcionista Monteiro Lobato*. S. Paulo, Brasiliense, 1996.
- Bilac, Olavo. "A língua portuguesa" in *A defesa nacional: discursos*. Rio de Janeiro, Liga da Defesa Nacional, 1917.
- Bignotto, Cilza. "Duas leituras da infância em Monteiro Lobato". Projeto Memória de Leitura. Texto disponível em <http://www.unicamp.br/iel/memoria>. Abril 2002.
- _____. "Personagens infantis da obra para crianças e da obra para adultos de Monteiro Lobato: convergências e divergências". Dissertação de Mestrado. Campinas, IEL/Unicamp.
- Braunschvig, Marcel. "A literatura infantil". In *Revista do Brasil*, número 70, outubro de 1921.
- Brero, Caroline Elizabeth. "A recepção crítica das obras *A menina do Narizinho Arrebitado*(1920) e *Narizinho Arrebitado* (1921)". Dissertação de Mestrado. Assis, Unesp, 2003.

- Borges, Maria Zélia. "Exatidão e liberdade em Monteiro Lobato", in *Todas as Letras*, número 1 - Ano 1, 1999, S. Paulo, Editora Mackenzie.
- Bosi, Alfredo. (org.) *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo, Ática, 1992.
- Candido, Antonio. "A revolução de 30 e a cultura" in *A educação pela noite e outros ensaios*. S. Paulo, Ática, 1985.
- Candido, Antonio. *Iniciação à Literatura Brasileira*. São Paulo. Humanitas, 1999.
- Cavaleiro, Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. Cia Editora Nacional, 1956 vol. 2
_____. "Monteiro Lobato e as crianças". São Paulo, hemeroteca Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato, s/d.
- Coelho, Nelly Novaes. *A literatura infantil: teoria, análise, didática: das origens orientais ao Brasil*. São Paulo, Quiron, Brasília, 1981.
- Conte, Alberto. "Monteiro Lobato e a Língua Brasileira". In *Monteiro Lobato: o homem e a obra*. S. Paulo. Editora Brasiliense, 1948.
- Dantas, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo. Editora Traço, 1982.
- Debus, Eliane Sant'ana. *O leitor: esse ilustre conhecido*. Santa Catarina. Editora da UFSC, 2004.
- Del Priore, Mary (org). *História das Crianças no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2000.
- Filho, Aires da Mata Machado, "A gramática e o ensino da língua", in *Revista do Brasil*- março 1943, ano VI, número 53.
- Filho, Otávio Frias. "Rememórias de Emília". In *Folha de S. Paulo*. 28.06.1998.
- Ferraz, Brenno. "Narizinho Arrebitado". In *Revista do Brasil*, número 65 - Maio - Agosto de 1921.
- Fraiz, Priscila; Vianna, Aurélio. *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. São Paulo, FGV/CPDOC; Salvador, Fundação cultural do Estado da Bahia, 1986.

- Lajolo, Marisa. "Lobato um Dom Quixote no caminho da leitura", in *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo, Ática, 2000.
- Lajolo, Marisa & Zilberman, Regina. *Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo, Ática, 1997.
- _____, _____. *Literatura Infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo, Ática, 1996.
- _____, _____. *História da Literatura: ensaios*. Campinas, Editora da Unicamp, 1998.
- Lobato, M. *Emília no país da Gramática*. S. Paulo, Cia Editora Nacional, 1934.
- _____. *A barca de Gleyre*, vols 1 e 2. S. Paulo, Brasiliense, 1950.
- Lobato, M. "A criança é a humanidade de amanhã". In *A voz do professor*. 30.11.1947.
- _____. *A onda verde e O presidente negro*. São Paulo, Brasiliense, 1950.
- Lobato, M. *Conferências, Artigos e Crônicas*. São Paulo, Brasiliense, 1972
- _____. *Mundo da Lua e Miscelânea*. S. Paulo, Brasiliense, 1950.
- _____. *Na Antevéspera*. S. Paulo, Brasiliense, 1950.
- _____. *Prefácios e Entrevistas*. São Paulo, Brasiliense, 1950.
- Martins, Milena Ribeiro. "Lobato edita Lobato". Tese de Doutorado, Campinas, IEL/Unicamp, 2003.
- Martins, Nilce Sant'ana. "Monteiro Lobato e a Língua Portuguesa". Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH/USP, 1976.
- Mattos, Maria Augusta Bastos de. "A Gramática da Emília". Texto apresentado no GEL, 1988. Disponível em www.unicamp.br/memoria. Junho 2002.
- Megale, Heitor. "A gramática histórica de Eduardo Carlos Pereira". In *Revista Confluência*. Rio de Janeiro, Editora do Liceu Literário Português, número 9, 1º semestre, 1995.
- Molina, Márcia A.G. "Uma gramática, seu autor e o contexto de sua obra". Disponível em: www.google.com.br/eduardocarlospereira. Último acesso em 05/06/2004.

- Moura, Maria Aparecida Ferreira. "A oralidade em *Emília no país da Gramática*".
Monografia. São Paulo. Pontifícia universidade Católica de São Paulo, 2002.
- Nagle, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. S. Paulo, EPU/MEC, 1974.
- Nunes, Cassiano. "A literatura infantil" in *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*.
Editora UnB, 1998.
- Nunes, Cassiano. *Monteiro Lobato Editor do Brasil*. Rio de Janeiro, Contraponto -
Petrobrás, 2000.
- _____. *Monteiro Lobato Vivo*. Rio de Janeiro, MPM Propaganda, 1986
- Orlandi, Eni. *Língua e Conhecimento Lingüístico*. S. Paulo, Cortez, 2002
- _____. *Gramática Expositiva. Adaptada ao 1º, 2º e 3º anno dos
gymansios*. S. Paulo, Weiszflog Irmãos, 1907.
- Pereira, Eduardo Carlos. *Gramática Expositiva - Curso Superior*. São Paulo, Weizflog
Irmãos, 1909.
- Pereira, Eduardo Carlos. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo, Cia
Editora Nacional, 1929.
- Pinto, Edith Pimentel. "Monteiro Lobato e a expressão brasileira". *Boletim
Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*. Vol.43, n.1/2. Janeiro a Junho, 1982.
- Pinto, E. P. *História da Língua Portuguesa VI- século XX*. S. Paulo, Ática, 1988.
- Pinto, Edith Pimentel. "A gramatiquinha de Monteiro Lobato". *Revista Leitura*. São
Paulo, Publicação Cultural da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, setembro,
1989.
- Ramos, Rossana Regina Guimarães. "Uso e norma em *Emília no país da Gramática* de
Monteiro Lobato". Dissertação de Mestrado. São Paulo. Pontifícia Universidade
Católica de S. Paulo, 2001.
- Sartre, Jean-Paul. *O que é a literatura*. S. Paulo, Ática, 1989.

Silva, Raquel Afonso da. "Conceitos e Imagens de Infância em Monteiro Lobato".

Iniciação Científica. Campinas, Unicamp, 2003/2004.

Silva, Shirley Cabarite da. "Monteiro Lobato e a Língua Nacional". Tese de Doutorado, São Paulo, USP, 2001.

Teixeira, Anísio. *Educação Progressiva: uma introdução à filosofia da educação*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1934.

Vieira, Adriana Selene. "Viagens de Gulliver ao Brasil" (Estudo das adaptações de *Gulliver's Travel* por Carlos Jansen e Monteiro Lobato). Tese de Doutorado. Campinas. Unicamp, 2004.

Zilberman, Regina. *Atualidade de Monteiro Lobato*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

Sites

www.abl.org.br

www.bn.br

www.bnf.fr Biblioteca Nacional da França.

www.cpdoc.fgv.br

www.fflch.usp.br - Sistema Dedalus de Bibliotecas

www.ipb.com.br

www.google.com.br/eduardocarlospereira

www.projetomemoria.com.br/monteirolobato

www.unicamp.br/iel/memoria

www.unicamp.br/iel/biblioteca - Catálogo Virtual - SBU.